

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

GISELE MILLEN MENDES

FENÔMENO *BULLYING*: UM ESTUDO DE CASO
SOBRE A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NO COLÉGIO DE
APLICAÇÃO DE SERGIPE

SÃO CRISTÓVÃO
2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

GISELE MILLEN MENDES

FENÔMENO *BULLYING*: UM ESTUDO DE CASO
SOBRE A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NO COLÉGIO DE
APLICAÇÃO DE SERGIPE

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Núcleo de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Sergipe, como um dos pré-requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação.

ORIENTADOR: PROF. DR. PAULO SÉRGIO DA COSTA NEVES

SÃO CRISTÓVÃO
2010

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Mendes, Gisele Millen

538f Fenômeno *bullying* : um estudo de caso sobre a violência simbólica no Colégio de Aplicação de Sergipe / Gisele Millen Mendes. – São Cristóvão, 2010.

119 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Núcleo de Pós-Graduação em Educação, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Universidade Federal de Sergipe, 2010.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Sérgio da Costa Neves

1. Violência escolar. 2. Violência simbólica. 3. *Bullying*. 4. Agressões. I. Título.

CDU 37:316.643.3

**“FENÔMENO *BULLYING*: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A VIOLÊNCIA
SIMBÓLICA NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DE SERGIPE”**

**APROVADO PELA COMISSÃO EXAMINADORA EM
14 DE JUNHO DE 2010**



PROF. DR. PAULO SÉRGIO DA COSTA NEVES



PROF. DR. FREDERICO LEÃO PINHEIRO



PROF. DR. BERNARD CHARLOT

Suplente

“A violência seja qual for a maneira como ela se manifesta, é sempre uma derrota.”
(Jean-Paul Sartre)

AGRADECIMENTOS

Dos vários caminhos percorridos dentro da Psicologia nestes quase 17 anos de profissão, o mais gratificante foi o trabalho como psicóloga escolar. Com ele surgiu o desejo da pesquisa, a vontade de entender, por outros ângulos e olhares, esta realidade que guarda nas suas profundezas os problemas mais secretos e silenciosos. Em cada aluno existe um mundo, sonhos, problemas familiares, alegrias, conversas na hora dos intervalos, trabalhos com data marcada, testes, amigos e muito mais. E por mais árduo que tenha sido a caminhada como aluna, posso dizer que foi na escola que eu vivi e experimentei as melhores emoções e os melhores momentos da minha vida.

Este trabalho foi de certa forma, um retorno à escola. Este lugar acolhedor, mas ao mesmo tempo amedrontador, que nos faz crescer como pessoas, muitas vezes num amadurecimento forçado que deixa suas marcas. É difícil imaginar uma vida sem escola, sem os amigos conquistados e até sem aquelas pessoas que não foram tão amigas, mas que, de certa forma, contribuíram com o nosso crescimento emocional. Começo agradecendo aos meus colegas de infância, que me fizeram chorar no passado, para hoje ser a pessoa que eu sou.

Agradeço ao meu esposo Ubirajara, por torcer por mim todos os dias e entender as minhas ausências.

Aos meus filhos, Júlia, Isadora e Henrique, que ajudaram na minha difícil caminhada com suas brincadeiras e sorrisos.

Aos meus pais e irmão que estão sempre ao meu lado, torcendo por mim.

Aos meus sogros, Maria Auxiliadora e Ubirajara, que estão no meu coração.

A minha querida tia Ednéia, que mesmo distante está tão perto de mim.

À Deize, sempre presente nos momentos mais difíceis.

Ao meu orientador, Paulo Sérgio da Costa Neves, que acreditou no meu potencial e sempre me estimulou a pesquisar, enfatizando que não existe caminho pronto, ele vai se construindo no decorrer da pesquisa.

À coordenadora do Núcleo de Pós-Graduação em Educação (NPGED), professora Eva, pelo estímulo e por me fazer refletir o que realmente eu queria pesquisar.

Aos professores/as do Núcleo de Pós-Graduação em Educação (NPGED), pela

dedicação e exemplo de luta.

Aos Funcionários do Núcleo de Pós-Graduação em Educação (NPGED), por estarem sempre prontos a ajudar.

À Madalena e ao Marcos, pela grande contribuição na revisão do trabalho.

Ao amigo Oswaldo, à Clarissa e à Mayara, pela grande ajuda nas transcrições, tabelas, gráficos e acima de tudo pela disponibilidade em ajudar.

À Aline, pelo carinho e disponibilidade em ajudar sempre!

Ao Colégio de Aplicação que abriu as suas portas para a minha pesquisa com tanto carinho e acolhimento.

Aos colegas da turma do mestrado de 2008, vocês foram importantes nesta caminhada!

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01- Gênero e número de participantes por turma-----	77
Gráfico 02- Vítimas de preconceito ou intimidação -----	78
Gráfico 03- Vítimas de preconceito ou intimidação (responderam sim ou às vezes)--	79
Gráfico 04- Frequência semanal de provocações-----	80
Gráfico 05- Início das provocações-----	81
Gráfico 06- Quem incomoda-----	82
Gráfico 07- Formas de provocações analisadas por turmas-----	84
Gráfico 08- Local das provocações-----	85
Gráfico 09- Reação diante às agressões-----	87

LISTA DE TABELAS

Tabela 01- Gênero e número de participantes por turma-----	77
Tabela 02- Vítimas de preconceito ou intimidação-----	78
Tabela 03- Vítimas de preconceito ou intimidação (responderam sim ou às vezes)---	79
Tabela 04- Frequência semanal de provocações-----	80
Tabela 05- Início das provocações-----	81
Tabela 06- Quem incomoda-----	82
Tabela 07- Gênero e provocações-----	83
Tabela 08- Formas de provocações-----	83
Tabela 09- Local das provocações-----	84
Tabela 10- Contou para alguém as agressões-----	85
Tabela 11- Reação diante à agressão ao outro-----	86
Tabela 12- Reação das vítimas diante às agressões-----	86
Tabela 13- Comportamento dos alunos-----	87
Tabela 14- Como os alunos se sentem no CODAP-----	88
Tabela 15- Respostas dos participantes que responderam “não”-----	89

LISTA DE QUADROS

Quadro 01- 6º ANO B-----	90
Quadro 02- 7º ANO A-----	90
Quadro 03- 8º ANO B-----	91
Quadro 04- 9º ANO C-----	91

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABRAPIA	Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência
CODAP	Colégio de Aplicação
CONDAP	Conselho Nacional de Ensino, da Pesquisa e da Extensão
CONEPE	Conselho de Ensino, da Pesquisa e da Extensão
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
G.A.	Ginásio de Aplicação
IFES	Instituições Federais de Ensino Superior
PROGRAD	Pró-Reitoria de Graduação
PUC	Pontifícia Universidade Católica
UFS	Universidade Federal de Sergipe
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura

RESUMO

Nos últimos anos os noticiários e revistas de circulação nacional comentam sobre o fenômeno *bullying* de forma constante. *Bullying* é uma palavra de origem inglesa, sem tradução para o português. É um tipo de violência que pode acontecer entre os alunos, de escolas públicas ou privadas, desencadeada de forma repetida contra uma mesma vítima ao longo do tempo e dentro de um desequilíbrio de poder, podendo causar danos psicológicos irreparáveis ao psiquismo, à personalidade, ao caráter e à auto-estima de suas vítimas, manifestando suas sequelas ao longo de toda a vida. O fenômeno *Bullying* vem sendo praticado há muito tempo nas escolas e se caracteriza como uma violência simbólica e velada. De fato, como estudantes ou educadores, todos já o presenciaram, e muitas vezes não se sabe o que fazer em situações de preconceito e desrespeito ao outro. Não se discutem os males que este problema causa às suas vítimas, porém, é preciso deixar claro que as brincadeiras entre os alunos são importantes e necessárias para o desenvolvimento das suas identidades e das relações interpessoais. O objetivo desta pesquisa é entender se os alunos sofrem este problema na sua dignidade e se existe uma demanda por reconhecimento das diferenças no CODAP – Colégio de Aplicação, situado no *campus* da Universidade Federal de Sergipe, no município de São Cristóvão-SE. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com alguns dados quantitativos, pois instrumentos de coletas de dados foram utilizados, além da revisão da literatura sobre o tema, questionários, com perguntas abertas e fechadas para 82 alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, entrevistas semi-estruturadas com 14 docentes, direção, vice-direção, supervisão pedagógica, psicóloga, orientadora educacional e auxiliar de serviços gerais da escola e observações do seu cotidiano. A maioria dos docentes e discentes desconhecia o assunto, apesar de acharem que a pesquisa seria muito relevante para o colégio. Para alguns docentes e funcionários entrevistados, o fenômeno *bullying* praticamente não existe na escola, o que existem são brincadeiras próprias da idade. Foram entrevistados 12 alunos com o objetivo de esclarecer em que momento a brincadeira se transforma em violência e quais são os problemas mais comuns na escola. Como resultado da pesquisa, percebeu-se que 62% dos alunos entrevistados já foram ou são vítimas de algum tipo de preconceito na escola pesquisada, porém, mais da metade destes alunos não se incomoda com as provocações. Este dado demonstra que é preciso ir além das aparências dos resultados e levar em conta a percepção dos alunos com relação ao assunto.

Palavras-chave: *Bullying*; Mídia; Reconhecimento; Violência Escolar Simbólica.

ABSTRACT

In the last years, news media and magazines of national coverage, constantly commentate on the *bullying* phenomenon. *Bullying* is a word from British origin, and it has no translation into Portuguese. It is a kind of violence that may happen among students of private as well as public schools, unleashed in a repeated form against one single and same victim along the time and within an instability of power, and it may cause irreparable psychological damages to psychism, to the personality, character and self - esteem of its victims, with consequences along all life. The phenomenon *Bullying* has been in practice for a long time at schools and is characterized as a symbolic and shrouded violence. As a matter of fact, students as well as educators have experienced it many times and don't know how to deal with it, mostly on prejudicing and disrespect situations to the others. No doubt the damages such problem cause to its victims, but it is necessary to make it clear that plays among students are not only important, but necessary to develop their identities and inter personal relations. The aim of this research is to understand if students suffer such problems on their dignities and if there is a demand to the recognition of the differences in CODAP – Colégio de Aplicação, in Universidade Federal de Sergipe, at São Cristovão County-SE. It is a qualitative research, with some quantitative data, like data collection instruments that were used besides the literature review about the essay, questionnaires, with opened and closed questions for 82 students from the 6o. to the 9o. year of Fundamental Level, semi structured interviews with 14 teachers, Directors, Vice Directors, Pedagogical Supervisors, Phsycologists, Educational Orientators and general services workers of the school and observations of its common life. The majority of the teachers and students knew nothing about the subject, even though they thought the research was relevant to the school. For some interviewed teachers and office workers, the phenomenon *bullying* is practically non existing in the school; the plays, according to students' ages are the ones they refer to. 12 students were interviewed with the objective to clarify at what moment such plays turn into violence and which are the most common problems at school. As a result of the research, we can see that 62% of the interviewed students either were or are victims of some kind of prejudice in the researched school, but more than half of them don't bother with the annoyance and provocations. Such data demonstrate that it is necessary to go beyond the appearances of the results and take in consideration the students' perception related to the subject.

Key-words: Bullying; Media; Recognition; Symbolic School Violence.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	20
1.1 Contextualizando a Discussão sobre o <i>Bullying</i>	20
1.2 Violência, Sociedade e Escola	21
1.2.1 Violências nas Escolas	25
1.3 Violência Simbólica ou Poder Oculto	27
1.4 O Cotidiano e a Escola	30
1.4.1 Preconceito e Estigma na Escola	32
CAPÍTULO II – SOBRE O BULLYING	36
2.1 Pesquisas e Estudos sobre o <i>Bullying</i>	39
2.2 Manifestações do Comportamento <i>Bullying</i>	40
2.3 Personagens do <i>Bullying</i>	42
2.4 Assédio Moral ou <i>Mobbing</i>	43
CAPÍTULO III – METODOLOGIA	46
3.1 Perfil da Escola Pesquisada	48
3.2 Os Objetivos do CODAP	50
3.3 Perfil Sócio-Econômico dos Alunos do CODAP	51
3.4 Perfil dos Docentes	51
3.5 Processo de Admissão dos Alunos do CODAP	52
CAPÍTULO IV – DESCOBRINDO AS RELAÇÕES NO CODAP	54
4.1 Trabalhando com os Dados Qualitativos	54
4.1.1 Manifestações de Preconceitos/Intimidações na Escola	56
4.1.2 Violência <i>na</i> Escola	57
4.1.3 Tipos de Violência Velada na Escola	58
4.1.4 Violência <i>da</i> Escola	67
4.1.5 Definição do Termo “Violência”	68
4.1.6 Violência <i>à</i> Escola	69
4.2 Trabalhando com os Dados Quantitativos	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
REFERÊNCIAS	96
APÊNDICES	100

Apêndice A - Roteiro de Entrevistas Professores/as, Coordenação e Funcionários-----	101
Apêndice B - Questionário -----	102
Apêndice C - Roteiro de Entrevistas Alunos -----	105
Apêndice D- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – para alunos-----	106
Apêndice E- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - para docentes e funcionários-	107
Apêndice F- Depoimentos dos Alunos-----	108

INTRODUÇÃO

“Existir, não é somente ser diferente, mas ser reconhecido na diferença, sem a dominação de uma identidade sobre a outra.” (Bourdieu)

A escola é o universo de socialização, promoção da cidadania, formação de atitudes e opiniões. Cabe à instituição escolar discutir temas que desafiam a humanidade, que ameaçam a construção da paz, dentre os quais se destaca a violência que adquiriu crescente dimensão em todas as sociedades nas últimas décadas. O problema do desrespeito ao outro, dos apelidos maldosos na escola, do preconceito ao diferente sempre existiu em todas as escolas.

Os primeiros estudos, no Brasil, sobre a violência escolar são da década de 1980, os problemas de violência mais frequentes apresentados foram depredações do patrimônio público, furtos, roubos e agressões físicas e/ou verbais entre alunos e entre alunos e professores. Na década de 1990, ocorreu um aumento de atos de violência na escola, como furtos, ameaças e agressões físicas. A partir de 2000, começa a ficar em evidência outro tipo de violência, o *bullying*, que se caracteriza por ser uma violência velada, que se manifesta nas escolas públicas e privadas, em que as vítimas são alvo de intimidação, gozação, apelidos de mau gosto e outros tipos de constrangimentos (PAULA; TARDELI, 2009).

Mas afinal, o que é violência? Esta é a grande questão. Não existe um único e verdadeiro conceito sobre a violência. Alguns autores afirmam que o homem é um ser violento por natureza, outros autores consideram a violência uma construção social que se dá na interação entre os sujeitos.

Na verdade, todos concordam que a violência é um fenômeno multifacetado e se manifesta de acordo com a cultura e o momento histórico, além disso, é preciso levar em consideração a interpretação que cada sujeito dá daquilo que se reconhece como violência. Ao estudar a violência, seja ela física, psicológica ou simbólica, deve-se reconhecer que existe certa naturalização da mesma pela cultura de massa, fazendo com que ela fique banalizada.

Receber apelidos na escola, se sentir diferente de todos e pensar que este problema só acontece com você. É assim que eu me sentia aos 9, 10 anos de idade. Chegava em casa chorando, não gostava de falar para ninguém o que acontecia na escola, exceto para a minha mãe, que ficava sempre ao meu lado e me dava forças para continuar o meu caminho. O tempo passou, comecei a estudar Psicologia e eu não tinha noção de como o passado era presente na minha vida até começar a trabalhar em uma escola. Lá também a realidade não era

diferente daquela vivida por mim há muito tempo atrás. A violência quase invisível estava presente. Numa tarde, foi visto no noticiário uma reportagem sobre crianças e adolescentes que sofriam na escola apelidos pejorativos, preconceitos, intimidações, por outros colegas. Tudo o que eu havia vivido na infância agora se chamava *bullying*. Comecei a me interessar pelo assunto, pelo termo, não foi difícil perceber que, no Brasil, não havia uma palavra que pudesse expressar o mesmo significado do *bullying*. O que existe são nomes diferentes em diferentes países, o que se aproxima mais no Brasil é o assédio moral. Nesta pesquisa o termo utilizado é o *bullying*, que surgiu na mídia e ficou conhecido, sendo que a sua difusão nos meios de comunicação teve a intenção de alertar os educadores e pais para um fato grave que acontece nas escolas públicas e privadas. Não se pode cair no extremismo e achar que toda brincadeira tem o intuito de humilhar, discriminar, menosprezar e ridicularizar o outro. As brincadeiras fazem parte da adolescência e são essenciais para a formação da identidade do indivíduo e para o fortalecimento da sua presença no grupo de iguais. Mais tarde, foi percebido que não se estava sozinha, tendo conhecido várias pessoas que também viveram na escola momentos difíceis.

Foi desenvolvido na escola “Liceu de Estudos Integrados” em Aracaju-SE, uma pesquisa e um projeto chamado “Paz na escola”, fruto de um trabalho de especialização em Psicologia da Educação realizado na PUC de Belo Horizonte. O silêncio sobre o assunto foi quebrado, inclusive o meu. Não interessa relatar aqui os dados quantitativos da pesquisa realizada em 2006. O mais importante é que mudanças ocorreram e muitos problemas foram solucionados.

Percebeu-se que o fenômeno *bullying* é um tipo de violência simbólica e velada dentro da escola. As vítimas, geralmente, não contam para ninguém o seu sofrimento, os (as) colegas que presenciam as “brincadeiras” têm medo de serem as próximas vítimas e os agressores, na tentativa de serem os populares do colégio, agem livremente com discriminações, preconceitos e apelidos pejorativos. Então, construir um objeto de estudo, é antes de tudo, como afirma Bourdieu (1998, p.34), “romper com o senso comum, quer dizer, com representações partilhadas por todos [...] ao mesmo tempo na objectividade das organizações sociais e nos cérebros”. Para o senso comum, os apelidos são normais, os adolescentes brincam entre si, se uma pessoa é gorda ou negra, não tem nada demais chamá-la de gorda ou de negra. A violência entre os alunos é percebida como normal e tolerável. Este tipo de preconceito está presente não só na escola, mas em toda a sociedade.

O *bullying* começou a ser estudado por vários pesquisadores em todo o mundo, devido à grande repercussão, na mídia, de alunos que sofreram humilhações na escola e que

se revoltaram contra a instituição, matando colegas, funcionários, pessoas inocentes e cometendo suicídios. Rafael, um garoto argentino de 15 anos, tímido e com dificuldades de relacionamento, era chamado de “tonto” e diziam que ele era de outro mundo. Um dia, ele entrou na sala de aula atirando contra as paredes e pessoas, matando três meninas e um menino e ferindo mais cinco pessoas. Logo após, ele entregou-se à polícia. No Brasil, um adolescente baiano de 17 anos era tímido e introvertido. Revoltado com as humilhações que havia sofrido na escola, planejou acabar com os seus agressores. Foi até a casa do seu principal agressor e o matou com um tiro na cabeça. Foi até a sua ex-escola e atirou contra funcionários e alunos, atingindo fatalmente uma secretária e ferindo mais três pessoas. O mesmo aconteceu em Taiúva, interior de São Paulo, Edimar, um jovem tímido de 18 anos era chamado de “gordo”, “mongolóide” e “elefante cor-de-rosa” por seus colegas, por causa da sua obesidade. No dia 27 de janeiro de 2003, o jovem entrou na sua ex-escola durante o recreio dos alunos e feriu uma professora, seis alunos e o zelador (FANTE, 2005).

No Brasil, o *bullying* é pouco estudado, por isso fica difícil fazer comparações com os outros países. Alguns educadores desenvolvem pesquisas sobre o assunto, como: Marta Canfield e seus colaboradores (1997) – quatro escolas de ensino público, em Santa Maria (RS); Israel Figueira e Carlos Neto (2000; 2001) em duas escolas municipais do Rio de Janeiro; Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (ABRAPIA), realizou pesquisa em 11 escolas do município do Rio de Janeiro em parceria com a Petrobrás Social, entre 2002 e 2003.

A pesquisadora Cleo Fante (2000; 2004) realizou estudos em Barretos (SP), em escolas particulares, com a participação de 430 alunos. Em 2001, com 431 alunos, de 7 a 16 anos, de cinco escolas da rede pública e particular de ensino de dois municípios do interior paulista. A pesquisadora criou o programa “Educar para a Paz”, com o objetivo de prevenir e combater o *bullying* escolar.

Em Sergipe, destaca-se a dissertação de mestrado apresentada por Maria Aparecida Souza Couto, no Núcleo de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, “Violências e Gênero no Cotidiano Escolar: estudo de caso de uma escola da rede pública estadual sergipana” (2008), sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Maria Helena Santana Cruz. Alguns trabalhos de conclusão de cursos de pós-graduação da Universidade Federal de Sergipe, como: “A Violência Entre Escolares: o *bullying* na 4^a-série do Colégio Estadual Almirante Barroso em Muribeca-SE” (2007), de Lindojosy Lobo da Silva, tendo como orientadora a Prof^a. Dr^a. Maria Helena Santana Cruz; o trabalho de Wanderléia Martins Bueno de Oliveira Seabra, “A Educação para a Paz como Prevenção do

Fenômeno *Bullying* (2007), orientado pelo Prof. MSc. Gonçalo Ferreira Melo; “A Violência e a Criança no Cotidiano da Escola Pública de Ensino Fundamental de Aracaju (2008), de Analice dos Santos Araujo, trabalho orientado pela Prof^a. Dr^a. Maria Helena Santana Cruz; destaca-se também o trabalho de Djanira Montalvão da Luz, “*Bullying* na Escola: um estudo de casos em duas escolas estaduais de Sergipe” (2008), orientado pelo Prof. Dr. Bernard Charlot. Os trabalhos citados acima estão relacionados à violência e ao *bullying* e suas manifestações nas escolas.

As questões e inquietações sobre o tema são no sentido de entender as relações no ambiente escolar: Quais são as normas? A partir de que momento falta o limite nas brincadeiras? Por que algumas pessoas não se defendem? Quem agride, por que agride? Existe na escola pesquisada uma demanda por reconhecimento e respeito às diferenças?

Como psicóloga escolar, foram presenciadas as dificuldades e os problemas de aprendizagem dos alunos, como aqueles relacionados à leitura e à escrita, o *déficit* de atenção, a hiperatividade, a dificuldade com a Matemática. Estes sintomas chamam muito mais a atenção dos profissionais da educação do que a violência simbólica, que de difícil reconhecimento e de maneira quase invisível, no entanto, leva tantas vítimas ao sofrimento.

Quando o sentimento de desrespeito e reconhecimento das diferenças é menosprezado, a luta sai do âmbito individual para o coletivo, na tentativa de conseguir os direitos não só individuais, mas, públicos. Como acontece com os movimentos sociais que visam o reconhecimento da sociedade e o respeito às diferenças de grupos como: mulheres, homossexuais, negros, índios, etc.

O recorte dado à violência nesta pesquisa se baseia no fato de como ela é representada pelos adolescentes, professores e funcionários pesquisados, tendo-se, como foco, a violência simbólica.

Por ser o fenômeno *bullying* um problema muitas vezes velado dentro das escolas, casos de violência explícita não fazem parte do cotidiano da escola pesquisada. O Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe é considerado um Centro de Excelência e referência no Estado de Sergipe, com altos índices de aprovação no vestibular e tendo alcançado no Enem¹ (2009) a melhor nota dentre as escolas públicas do Estado.

A pesquisa atual tem, como objetivo geral, investigar através da publicização do fenômeno *bullying*, se os alunos sofrem este problema na sua dignidade e como demandas por reconhecimento se manifestam no meio escolar.

¹ Exame Nacional do Ensino Médio

Como objetivos específicos da pesquisa têm-se: observar os alunos e professores em vários ambientes da escola, através da observação do cotidiano escolar; verificar se os alunos (vítimas, agressores e espectadores) sentem-se incomodados com a prática de apelidos, intimidações e preconceitos na escola; identificar os tipos de comportamentos agressivos que ocorrem no ambiente escolar; detectar as reações dos alunos frente às agressões; identificar o que motiva a prática do *bullying* na escola, identificar o limite entre brincadeiras e agressões e entender porque alguns alunos vítimas de práticas agressivas não se defendem.

Esta pesquisa está estruturada em quatro capítulos. No primeiro capítulo apresenta-se uma contextualização da discussão sobre *bullying*, luta por reconhecimento e sobre o conceito de violência. Discute-se também a questão do cotidiano escolar, no qual estão inseridos o preconceito, o estigma, o diferente, a violência simbólica na sociedade e na escola. Alguns autores importantes contribuíram para a elaboração deste capítulo, como: Honneth Michaud, Abromovay, Charlot, Arendt, Bourdieu, Heller e Chizzotti, entre outros.

O capítulo II refere-se ao conceito de *bullying*, pesquisas e estudos sobre o tema, tipos de manifestações, casos importantes do Brasil e do exterior. Procura-se entender porque este fenômeno, que pode acontecer nas escolas, na família e em outras instituições se torna cada vez mais frequente na nossa sociedade. Destaca-se, neste capítulo, o trabalho da pesquisadora Cleo Fante, entre outros. Outro tema importante discutido neste capítulo é o conceito de *mobbing* ou assédio moral no trabalho, da mesma forma que se destaca a contribuição da autora francesa Marie-France Hirigoyen na discussão do tema.

O capítulo III faz referência à metodologia da pesquisa, perfil do CODAP, seus objetivos e processo de admissão.

No capítulo IV são apresentados os dados qualitativos e quantitativos, analisados nos questionários, nas entrevistas, nos relatórios das observações, para se entender como os alunos percebem a violência simbólica na escola e se existe uma demanda por reconhecimento das diferenças e respeito às mesmas.

Nas considerações finais, são apresentados os principais resultados obtidos na pesquisa.

CAPÍTULO I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 Contextualizando a discussão sobre o *bullying*

Para se abordarem as questões ligadas ao *bullying*, é preciso antes de qualquer coisa contextualizá-lo, primeiramente tentando entender porque um fenômeno que chega ao Brasil através da mídia tem tanta repercussão nacional. O que tem por trás da dita “conscientização” sobre o tema? O que se busca nos estudos sobre a violência moral ou simbólica nas escolas? Não se pode estudar o *bullying* sem mencionar a discussão sobre o reconhecimento das diferenças. Para Honneth (2003), a pessoa quando se sente humilhada e fora dos padrões sociais desenvolve um sentimento de vergonha e de rebaixamento do seu valor próprio. Quando este sentimento sai do âmbito individual e passa a fazer parte de um grupo inteiro, as experiências até então privadas podem se transformar numa luta coletiva por reconhecimento.

A integridade do ser humano se deve a padrões de reconhecimento. As ofensas ou o fato de rebaixar o outro, são formas de desrespeito em que o reconhecimento é recusado. A partir do momento que a hierarquia social de valores degrada as crenças ou modo de vida da pessoa, ela passa a se sentir desvalorizada, com perda na sua auto-estima e na sua capacidade de valorizar a si própria (HONNETH, 2003, p.213).

A discussão sobre a dignidade humana e o reconhecimento são trabalhadas pelos movimentos sociais que buscam modificar a forma como uma sociedade vê um grupo ou percebe a realidade. Os movimentos sociais reivindicam direitos, não só materiais, e sim direitos às diferenças não apenas no âmbito individual, mas público. Os grupos minoritários são os que lutam pelo direito às diferenças: mulheres, negros, homossexuais, indígenas, entre outros. A luta sai do individual e vai para o coletivo, como explica Honneth,

[...] o surgimento de movimentos sociais depende da existência de uma semântica coletiva que permite interpretar as experiências de desapontamento pessoal como algo que afeta não só o eu individual mas também um círculo de muitos outros sujeitos (HONNETH, 2003, p.258).

As lutas de grupos sociais são no sentido de estabelecer institucional e culturalmente formas de reconhecimento recíproco, para que haja as mudanças sociais. De acordo com Neves (2005), são as políticas de reconhecimento as grandes incentivadoras de muitos movimentos sociais desde os anos 60. O reconhecimento mútuo é fundamental no processo de formação da identidade pessoal e no processo de individuação.

Costa e Werle complementam sobre a importância do reconhecimento,

[...] Segue-se que ocorrem patologias e distúrbios no desenvolvimento da sociedade todas as vezes que forem observadas perdas e distorções nas relações sociais de reconhecimento, sempre que as condições de reconhecimento forem deterioradas pela negação pública do reconhecimento merecido (COSTA e WERLE, 2000, p.102).

A falta do reconhecimento merecido leva o indivíduo à perda da auto-estima e, conseqüentemente, a um sentimento de inferioridade que podem ser tornar fonte de luta e de protestos públicos.

Os indivíduos precisam ser reconhecidos em suas diferenças, para que os diversos grupos sócio-culturais tenham condições de desenvolverem os seus valores culturais dentro das condições necessárias. Para que esse ideal aconteça, cada grupo deve poder desfrutar de oportunidades e recursos iguais ao exercício da cidadania, levando-o a ser tratado com consideração e respeito (COSTA e WERLE, 2000, p.82).

A grande questão colocada por Honneth (2003, p.214) é: “Como a experiência de desrespeito está ancorada nas vivências afetivas dos sujeitos humanos, de modo que possa dar, no plano motivacional, o impulso para a resistência social e para o conflito, mais precisamente, para uma luta por reconhecimento?”

A questão acima, ao ser levada para a escola, pode significar a demanda de vários alunos por reconhecimento e respeito no ambiente escolar. A violência vivenciada, seja física ou simbólica, deixa marcas irreparáveis na construção da identidade.

1.2 Violência, Sociedade e Escola

Segundo Candau, Lucinda e Nascimento (2001, p.18), no “Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa” (1986), a palavra violência significa: “qualidade de violento; ato violento, ato de violentar; constrangimento físico ou moral; uso de força; coação” (p.1779). A palavra violência, segundo Michaud (1989) se originou do latim “*valentia*”, que significa violência, caráter violento ou bravio, força e o verbo *violare* significa tratar com violência, profanar, transgredir.

A discussão sobre a violência é importante por ser um fenômeno que vem crescendo na sociedade, assim como no ambiente escolar. Ela está presente em todas as classes sociais, indiscriminadamente. O interesse pelo tema vem aumentando no Brasil e no exterior. A grande dificuldade é definir o que é e o que não é violência, por ser esse conceito

algo dinâmico e mutável, dependente do contexto histórico e cultural. Não há entre os especialistas um consenso acerca do que é um ato de violência. Débarbieux (*apud* SANTOS, 2004, p. 132), afirma não ser possível obter um conhecimento absoluto sobre a violência, o que é possível é obter representações parciais dela. Cada sociedade possui a sua própria violência e os seus critérios para administrá-la.

Alguns teóricos, de acordo com Tardeli (2009, p.106), consideram a violência como um fenômeno inerente ao ser humano, como parte de seu instinto ou como uma pulsão; na realidade, eles estão se referindo à agressividade. Esta teoria acredita que o ser humano possui uma natureza violenta. A violência pode ser considerada uma construção social que se dá nas interações entre os sujeitos. Agressividade e violência, no entanto, são conceitos diferentes. A agressividade faz parte da vida humana, é benéfica e necessária para o indivíduo no seu processo de socialização. O conflito é inevitável e necessário e não deve ser encarado como algo negativo. Os meios usados para a resolução dos conflitos é que os tornam positivos ou negativos, e não a ocorrência em si.

Jurandir Freire Costa explica muito bem a diferença entre violência e agressividade:

Violência é o emprego desejado de agressividade com fins destrutivos. Agressões físicas, brigas, conflitos podem ser expressões de agressividade humana, mas não necessariamente expressões de violência. Na violência a ação é traduzida como violenta pela vítima, pelo agente ou pelo observador. A violência ocorre quando há desejo de destruição. (*apud* CANDAU; LUCINDA; NASCIMENTO, 2001, p. 19)

O comportamento agressivo nas escolas, explícito ou velado, afeta a sociedade como um todo, atingindo pessoas de todas as idades, em todas as escolas do país e do mundo. É muito difícil identificar a causa da violência, o que se sabe é que inúmeros fatores (internos e externos) podem influenciar o aparecimento de comportamentos violentos.

Abramovay (2002) considera a violência um fenômeno ambíguo e multifacetado, podendo atingir as integridades psíquicas, emocionais e simbólicas, no espaço público ou privado. Não existe uma única percepção do que seja violência. O que existem são vários atos violentos que devem ser analisados a partir das normas e dos contextos sociais, variando de acordo com o período histórico. Muitas vezes, a violência não surge como uma agressão real, isso porque, segundo Abramovay (2005, p. 54), [...] “nem sempre a violência se fundamenta em crimes e delitos, mas ela permeia nosso cotidiano, nossas mentes e almas na forma de um sentimento de insegurança”.

O movimento contra a violência nos centros urbanos tem crescido muito não só nas camadas populares, mas entre outras classes também, principalmente nos grandes centros urbanos. Porém, as questões ligadas à violência e educação ainda são pouco estudadas.

No Brasil, o problema da violência nas escolas assumiu uma relevância maior a partir do Estatuto da Criança e do Adolescente, lei 8.069, de 13 de julho de 1990, através da Convenção Internacional dos Direitos da Criança (1989), da Constituição Federal Brasileira, da Lei de Diretrizes e Bases da educação de 1996 e da Lei Maria da Penha, entre outros.

Para Michaud (1986), há violência quando uma ou mais pessoas causam danos físicos, morais, simbólicos ou culturais à integridade da pessoa. Santos (2004, p.132) analisa que a maioria dos pesquisadores concordam que “a violência é um fenômeno multifacetado que assume formas e sentidos variados de acordo com a cultura e o momento histórico em que ela é produzida”. Não se pode esquecer que os significados daquilo que se reconhece como violência depende além do momento histórico em que se vive, da interpretação dada do fato pelo sujeito.

A UNESCO², através de pesquisas recentes, está tentando diferenciar as várias formas de violência, definindo-as como violência direta, indireta e simbólica. A violência direta está relacionada aos atos físicos que resultam em prejuízo à integridade da vida humana, como assassinatos, suicídios, massacres; a violência indireta envolve prejuízo psicológico ou emocional; e a violência simbólica diz respeito às relações de poder interpessoais ou institucionais e que limitam a livre ação e o pensamento da pessoa (ABRAMOVAY, 2002).

A violência *moral* é simbólica e se caracteriza por atos que, muitas vezes, não podem ser vistos “a olho nu”, mas que provocam sérios danos às vítimas quando estas são humilhadas, menosprezadas, intimidadas e ironizadas.

Na vida em sociedade, deve-se pensar em conflitos, tensões, diversidades e diferenças. O desenvolvimento histórico das sociedades ocorre por haver conflitos e certo grau de violência. Chauí (*apud* SOUZA, 2004, p. 60) enfatiza que as próprias normas que regulam o funcionamento dos grupos na sociedade são normas disciplinares, que visam à domesticação do outro e, portanto, são portadoras de violência.

Ao pesquisar a violência, deve-se levar em consideração que a naturalização de comportamentos violentos pela cultura de massa faz com que a violência seja banalizada.

² Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

Uma cultura de medo, desconfiança, do outro como inimigo, permeia as relações interpessoais e sociais cada vez mais (CANDAUI, LUCINDA E NASCIMENTO, 2001, p25).

Segundo Souza (2004), o simples uso da força contra alguém não pode ser caracterizado como violência, pois o ato violento precisa ser contextualizado. Um conceito de violência estará sempre ligado às suas representações sociais, isto é, de como aquele ato é visto por um determinado grupo ou por uma sociedade. De acordo com Michaud (1986, p. 13), a violência distancia-se das normas e regras e associa-se à idéia de caos, de desordem, transgressão e do imprevisível. O sentimento de insegurança caminha junto com a violência, a partir do momento em que qualquer coisa pode acontecer no cotidiano. Cada sociedade convive com a sua própria violência e com seus próprios critérios de resolver os problemas (MICHAUD, 1986).

Segundo Bourdieu (*apud* ABRAMOVAY, 2002), a violência simbólica acontece sem que a vítima a perceba como uma violência, pois faz parte de relações de poder naturalizadas.

O fenômeno *bullying* é visto como brincadeira que faz parte da idade e do processo de amadurecimento das crianças e adolescentes. Não se deve achar que todas as brincadeiras são de mau gosto, é preciso reconhecer nos gestos, nas palavras de cada um, qual é o sentido daquele apelido ou daquela brincadeira na sua vida.

O que importa, nas pesquisas sobre violência e *bullying*, não é rotular o fenômeno, mas perceber como ele é visto pelas pessoas “vitimizadas”, qual o sentido da violência na vida delas. O pesquisador precisa analisar atos, palavras, silêncios e perceber quais são os fenômenos considerados como violência por determinado grupo (CHARLOT, 2005a).

A violência vai desde abuso sexual até abuso de poder, desde brigas físicas até a mais sutil discriminação. Um dos problemas que isso acarreta é que a clareza e a especificidade ficam comprometidas quando se trata de discutir estratégias de enfrentamento da violência. Portanto, adotou-se a expressão “violências nas escolas”, que abarca a violência direta, as incivilidades e a violência simbólica, não sendo estas, às vezes, consideradas como violência, mas carregando consigo elementos de dominação e exploração, conferindo às relações as marcas da desigualdade nas relações sociais.

1.2.1 Violências nas Escolas

Analisar a violência na escola se faz importante, uma vez que, na escola, os diferentes cenários sociais se apresentam de diversas formas. A violência na escola precisa ser analisada, tendo-se em vista o contexto social como um todo e, pelo fato de ela fazer parte de um processo amplo, ela não pode ser analisada de maneira isolada. (CANDAUI, 2001).

Como afirma Charlot (2005, p. 125b), a violência nas escolas não é um fenômeno recente: “na França, há relatos do século XIX sobre explosões violentas em escolas de nível secundário, assim como, nas décadas de 1950 ou 1960, há registros de modos de relacionamento violentos entre alunos de escolas profissionais”. Na concepção do autor, o que muda são as formas assumidas pela violência.

Cada vez mais se discute que a escola deixou de ser um território protegido e passou a ser um lugar de agressões e conflitos. Cabe distinguir a diferença, lembrada por Zaluar (1992), entre agressividade e violência na escola: a agressividade, os conflitos e as disputas entre gerações fazem parte da vida escolar, a violência constitui um problema que necessita de uma ação educativa.

A escola não pode ser considerada apenas como uma “caixa de ressonância” da violência social. A escola é também considerada um veículo de produção e de disseminação da violência simbólica na nossa sociedade (ABRAMOVAY, 2005).

O processo de violência na escola está relacionado ao não cumprimento das normas sociais e estaria ligado à “incivilidade”, ou seja, a uma crise no processo civilizatório. As pessoas devem compartilhar regras comuns de comportamento em sociedade e, muitas vezes, esse pacto social não é respeitado. Segundo Barreto (1992, p. 64), “instala-se a violência, tornando inviável a vida social, quando a ordem de valores éticos é rompida e não é transmitida às novas gerações”. A norma não é universal, ela está inscrita no tempo e na maneira como operam as práticas sociais.

Para Heller (2004), a pessoa que respeita as regras da sociedade age dessa forma mesmo estando sozinha, pois ela já está vinculada às normas da comunidade. O não cumprimento das regras pode ser visto também como uma forma de protesto, como afirma Guimarães (*apud* CANDAUI, 2001, p. 31): “as depredações, as pichações, as brigas entre alunos e a formação das turmas, das gangues podem representar uma forma de persistência social que se nega a submeter-se”. A violência, neste caso, pode ser compreendida como uma

forma coletiva de negação das normas, pois, como afirma Foucault (1979), as normas, muitas vezes, são vistas como uma forma de violência:

É justamente a regra que permite que seja feita violência à violência e que uma outra dominação possa dobrar aqueles que dominam. Em si mesmas as regras são vazias, violentas, não finalizadas; elas são feitas para servir a isto ou àquilo; elas podem ser burladas ao sabor da vontade de uns ou de outros. (FOUCAULT, 1979, p. 25)

São várias as críticas ao modelo violência-anomia, entre elas, destaca-se a própria legitimidade das normas, pois estas, de certa forma, representam algo imposto e não deixa de ser também considerada como uma violência (ABRAMOVAY, 2002).

Charlot (2005, p. 127b) afirma que a violência escolar pode se manifestar em três tipos: a violência *na* escola, a violência *à* escola e a violência *da* escola. A violência na escola, segundo o autor, é aquela que se produz dentro do espaço escolar (a escola é só um espaço de violência que poderia ter acontecido em outro lugar). A violência à escola é aquela direcionada ao patrimônio e às autoridades da escola (professores, diretores e demais funcionários) e deve ser analisada junto com a violência da escola: ocorre na escola e dentro da escola e se caracteriza como uma violência simbólica, por exemplo, palavras racistas dirigidas aos alunos, distribuição das classes e sistema de notas, etc.

Os xingamentos e insultos são instrumentos de humilhação que são repassados de uma geração para outra. Considerando a escola como uma instituição que faz parte da sociedade, os preconceitos nela existentes também estão dentro das escolas.

Pode ser amplo o cenário da violência na escola: agressões físicas, delitos, agressões verbais, discriminações e os atos que podem passar despercebidos como as incivildades. Mesmo não sendo aparentemente graves, elas causam sérios constrangimentos às suas vítimas e perturbam a vida cotidiana. São atos como xingamentos, agressões verbais, discriminações, desrespeitos, ofensas e discussões que ocorrem por motivos banais e comprometem as regras da boa convivência. A violência de “baixa intensidade” não é levada tão a sério como a “violência armada”, porém, podem causar problemas graves para a saúde mental dos alunos e ao desempenho escolar (ABRAMOVAY, 2005).

Este tipo de violência escolar, como os atos de incivildade (humilhações, falta de respeito, intimidações) são chamados por Bourdieu de poder “oculto” ou violências simbólicas.

1.3 Violência Simbólica ou Poder Oculto

Bourdieu (1998, p. 15) afirma que, “o poder simbólico, poder subordinado, é uma forma transformada, quer dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada, das outras formas de poder”. Foucault (1979, p. 75) se dirige ao poder afirmando: [...] “esta coisa tão enigmática, ao mesmo tempo visível e invisível, presente e oculta, investida em toda parte.”

Sobre o poder simbólico, Bourdieu (1998) complementa defendendo que

é necessário saber descobri-lo onde ele se deixa ver menos, onde ele é mais completamente ignorado, portanto, reconhecido: o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhes estão sujeitos ou mesmo que o exercem. (BOURDIEU, 1998, p. 7)

A violência simbólica, quase sempre invisível, é exercida, também de maneira simbólica, entre dominante e dominado pela via da comunicação (maneira de falar), pelo estilo de vida (maneira de agir ou pensar), pela cor da pele ou pelos emblemas e estigmas. Para que a violência simbólica ocorra, é preciso que o dominado permita ao dominante fazer com que esta relação seja vista como algo natural (BOURDIEU, 1999).

O poder simbólico somente é constituído como tal, a partir do momento em que recebe a colaboração dos seus dominados. Esta dominação se torna tão profunda e arraigada nos corpos das pessoas que mesmo acabando a influência externa do dominador, o subordinado continua se sentindo excluído (BOURDIEU, 1999). De acordo com Sawaia (2004), o poder retira da pessoa a sua condição de sujeito pelo medo e humilhação e se apropria de forma abusiva do outro, abrindo caminho para a violência.

Como exemplo deste tipo de violência, pode-se citar o fenômeno *bullying*, que segundo Fante (2005, p. 28) “é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento”.

No fenômeno *bullying* há um desequilíbrio de poder, este está geralmente nas mãos dos alunos que se consideram mais “fortes” e populares. Porém, estes alunos ditos violentos têm sempre o apoio de um grupo, ele não está sozinho. Sobre esta ideia, Arendt (1985, p. 24) pensa que: “O “poder” corresponde à habilidade humana de não apenas agir, mas de agir em uníssono, em comum acordo. O poder jamais é propriedade de um indivíduo;

pertence ele a um grupo e existe apenas enquanto o grupo se mantiver reunido”. De acordo com a autora, homens isolados não possuem poder suficiente para que a violência seja efetivada. Foucault (1979, p. 75) complementa este pensamento afirmando que o poder funciona em cadeia, ele circula e “onde há poder, ele se exerce. Ninguém é, propriamente falando, seu titular; e, no entanto, ele sempre se exerce em determinada direção, com uns de um lado e outros do outro; não se sabe ao certo quem o detém; mas se sabe quem não o possui”.

Paga-se um preço para fazer parte de um grupo poderoso. De acordo com Elias e Scotson (2000), pertencer a um grupo que tem poder é a recompensa pela submissão às normas desse grupo. Os membros do grupo precisam obedecer às obrigações impostas pelo fato de pertencerem a esse grupo. De acordo com os autores, o termo *outsiders* refere-se àqueles que não pertencem à “boa sociedade”, os que estão fora dela. Já os *estabelecidos* pertencem a uma sociedade mais poderosa e melhor. Porém, existe uma relação desigual entre os dois grupos que estão separados e unidos por laços de interdependência (ELIAS E SCOTSON, 2000, p.08).

As vítimas do *bullying* são estigmatizadas pelo grupo, geralmente por serem diferentes em algum aspecto físico ou social. Pode-se considerar, então, que estas pessoas pertencem aos chamados grupos *outsiders*. Para Bourdieu,

Quando os dominados nas relações de forças simbólicas entram na luta em estado isolado, como é o caso nas interações da vida cotidiana, não têm outra escolha a não ser a da aceitação (resignada ou provocante, submissa ou revoltada) da definição dominante da sua identidade ou da busca da *assimilação* a qual supõe um trabalho que faça desaparecer todos os sinais destinados a lembrar o estigma (no estilo de vida, no vestuário, na pronúncia, etc.) e que tenha em vista propor, por meio de estratégias de dissimulação ou de embuste, a imagem de si o menos afastada possível da identidade legítima. (BOURDIEU, 1998, p. 124)

Certamente, a violência simbólica está presente no fenômeno *bullying*, porém, o dominador não está sozinho em atos de desrespeito e violência, é preciso que a “vítima” saia da posição passiva (dominada) que ocupa, para que o poder do dominante enfraqueça. Como pondera Foucault,

[...] a partir do momento em que há uma relação de poder, há uma possibilidade de resistência. Jamais somos aprisionados pelo poder: podemos sempre modificar sua dominação em condições determinadas e segundo uma estratégia precisa. (FOUCAULT, 1979, p. 241)

Os agressores, por sua vez, buscam cada vez mais o poder sobre o outro, estabelecendo uma relação desigual, de desequilíbrio e disseminação das diversas formas de violência. O poder sobre o outro, na visão de Crochík, está relacionado à luta das pessoas para obterem um espaço na sociedade:

A sensação de superioridade do preconceituoso em relação à sua vítima é solicitada por uma cultura que não permite um lugar fixo a ninguém, pois é a própria insegurança de todos os indivíduos, é a eterna luta de todos contra todos, que a sustentam (CROCHÍK, 2006, p. 50).

Para que a humilhação, como “sapatão”, “crioulo”, “baixinho”, tenha o poder de ferir, é importante que destinatário e usuário tenham a consciência de que a provocação tem o aval de um grupo que se sente superior, estabelecido. O membro do grupo *outsiders* sente-se envergonhado por não fazer parte das normas do grupo superior. Os membros do grupo *outsiders* não têm o poder de ferir os membros do grupo “superior”, existe uma relação desigual de poder. O que existe são pressões e tentativas do grupo *outsiders* para reduzir a sua situação de inferioridade, enquanto que os grupos estabelecidos lutam pela manutenção ou aumento do poder (ELIAS E SCOTSON, 2000, p.27).

Este tipo de violência simbólica, sutil ou manifesta, que teve início na própria cultura, torna-se algo profundo na vida da pessoa que um dia foi vítima, na infância ou adolescência, que mesmo se tornando adulta, ela não consegue, muitas vezes, esquecer o que viveu e sair da posição de subordinação. Reconhecer a dominação é uma maneira de tentar mudar a situação e sair dessa relação em que o subordinado colabora com o poder simbólico do subordinador. É preciso fazer do poder algo positivo e de produção do saber, porque ele não tem a função apenas de reprimir, censurar e excluir o outro (FOUCAULT, 1979).

Quando a relação entre as pessoas é permeada pelo medo, a vítima, muitas vezes, sente-se enfraquecida permitindo que a humilhação aconteça. No cotidiano escolar, este fato acontece quando as vítimas são ameaçadas por alunos mais velhos ou pelos grupos que se juntam para terem o poder sobre o outro.

1.4 O Cotidiano e a Escola

A educação e a cultura são inseparáveis. A educação transmite a cultura, não havendo cultura nem melhor nem pior, há culturas diferentes. A educação não é única, ela varia nas diferentes culturas e tempos, além de se fazer de diferentes modos.

O tema “cotidiano” é de suma importância nas pesquisas sociais, educacionais e nas ciências humanas. Diferentes correntes irão trabalhá-lo, tornando-se privilegiado a partir dos anos 50, onde a questão da vida diária, das ações cotidianas passam a chamar a atenção de pesquisadores que vêm, nesse campo, um lugar rico em questões sociais.

Segundo Penin (1989), não é possível separar a vida cotidiana dos outros níveis da sociedade. “Estamos ao mesmo tempo, na vida cotidiana e fora dela. Isso significa que o nível cotidiano não é um campo fechado, mas liga-se a outros níveis da realidade, assim como à globalidade” (PENIN, 1989, p.16).

Através do estudo do cotidiano, o pesquisador percebe que pela repetição dos fatos, no tempo e no espaço, pode-se medir ou descrever a ação e o comportamento individual (CHIZZOTI, 2001). A partir da conduta do indivíduo, é possível definir como se estruturam as normas, os estatutos e esta análise do cotidiano é medida de forma estatística e permite medir a vida diária.

Segundo Heller,

A vida cotidiana é a vida do homem *inteiro*; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se “em funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias. (HELLER, 2004, p. 17)

No cotidiano da vida escolar, os problemas como preconceito e violência, que fazem parte da sociedade, entram na escola e reproduzem o mesmo modelo existente na vida social, isso porque, segundo Heller (2004, p. 50), “partimos do fato de que a vida cotidiana produz, em sua dimensão social, os preconceitos [...]”.

A escola está inserida na sociedade, num tempo e num espaço sócio-histórico, assim como os sujeitos de uma sociedade vivem também neste mesmo contexto cultural. Então, o aluno passa a não existir e sim um sujeito sócio-cultural que desempenha o papel de aluno. De acordo com Araújo (2002, p.19) “O ser humano não se faz sozinho, sem a sociabilidade que o inclui no mundo da cultura”.

A escola tem sempre um caráter social porque ela está especificamente encarregada de transmitir os conhecimentos culturais. É na escola que acontecem a reprodução do velho e a construção do novo, através de atitudes ativas e negociações entre seus sujeitos. A escola é um lugar de produção das identidades sociais, produção de valores, normas individuais e coletivas e preconceitos, portanto, ela é em parte responsável pela formação da personalidade dos seus alunos. Não se pode negar que, certa forma, a escola exerce sobre o aluno uma violência simbólica, pois exige a ação do adulto sobre a criança e uma certa imposição das regras, limites e regulação sobre ela. A criança não tem como escolher ser ou não ser educada e nem a maneira como o será (ARAÚJO, 2002 p.19).

Os alunos que chegam à escola trazem consigo o seu cotidiano, suas relações sociais e, por mais que eles falem a mesma língua e haja uma aparência homogênea nas relações, na realidade, o que existe é uma diversidade cultural dentro da escola. Os sujeitos não são agentes passivos, ao contrário, trata-se de uma relação em contínua construção, de conflitos e negociações, que são importantes na construção da identidade e esta só pode ser construída a partir da interação. Segundo Heller (2004, p. 19), “o homem aprende no grupo os elementos da cotidianidade [...]”

Aquino (1998, p.39) percebe a escola como sendo o lugar do diferente, quando ele afirma:

[...] a escola é o lugar não só de acolhimento das diferenças humanas e sociais encarnadas na diversidade de sua clientela, mas fundamentalmente o lugar a partir do qual se engendram novas diferenças, se instauram novas demandas, se criam novas apreensões sobre o mundo já conhecido. Em outras palavras, a escola é, por excelência, a instituição da alteridade, do estranhamento e da mestiçagem – marcas indelévels da medida de transformabilidade da condição humana (AQUINO, 1998, p.39)

Cada aluno teve um desenvolvimento cognitivo único, pessoal, com experiências e relações sociais próprias. Cabe à escola reconhecer essas diferenças, procurando evitar um tratamento uniforme, que só vem a reforçar as desigualdades e injustiças das origens sociais dos alunos. A escola precisa compreender o sujeito sócio-cultural que possui uma historicidade, com sentimentos, emoções, desejos e hábitos pessoais.

1.4.1 Preconceito e Estigma na Escola

Heller (2004) sustenta que o estudo do preconceito é de tamanha importância porque ele está no cotidiano e nas relações com o diferente. E acredita que o desprezo pelo outro é tão antigo quanto a humanidade.

Camino e Ismael (2004) citam a obra “A Natureza do Preconceito” de Allport (1954) onde este define o preconceito como “uma antipatia baseada numa generalização, errada e inflexível, que pode ser expressa abertamente ou só sentida e que pode ser dirigida a um grupo como um todo ou, a um indivíduo por ser membro de tal grupo”. As pessoas identificam a imagem que têm de si com a do grupo, e tendem a excluir quem não participa dos mesmos valores.

Os atributos depreciativos ou aceitáveis dirigidos a um indivíduo irão depender do momento histórico e cultural da sociedade. O padrão de normalidade modifica-se de acordo com as mudanças culturais. Por isso, não se pode afirmar que em todas as culturas e períodos históricos os indivíduos passaram por situações estigmatizantes e deram o mesmo significado às mesmas situações (LIBÓRIO; CASTRO, 2005), pois, “o processo de socialização [...] varia dentro da mesma cultura e em culturas diferentes” (CROCHÍK, 2006).

Na verdade, é preciso pensar as diferenças como necessárias e pertencentes a todas as culturas. Em todas as culturas, as pessoas sentem-se diferentes umas das outras e em toda cultura existe a tendência em se sentir como a mais diferente de todas (GIRARD, 2004).

Conceituar o preconceito não é uma tarefa fácil, porque este fenômeno envolve não só o indivíduo que o contém e a sua vítima, mas a sociedade como um todo.

O próprio termo estigma (marca, sinal) sofreu modificações ao longo da história. Inicialmente, criado pelos gregos, o estigma se referia a sinais corporais que evidenciavam algo extraordinário ou mau sobre o *status* moral da pessoa. Os sinais eram feitos com fogo que marcavam o corpo da pessoa e significava que ela deveria ser evitada (GOFFMAN, 1988). Atualmente, as pessoas estigmatizadas não são identificadas por marcas no seu corpo, porém, são aquelas que sofrem preconceito por saírem do padrão de normalidade exigido por determinada cultura e sociedade.

De acordo com Goffman (1988), há três tipos de estigma: em primeiro lugar, estão as deformações do corpo ou físicas. Em segundo lugar, estão as características de caráter individual, como distúrbios mentais, vícios, homossexualismo, alcoolismo, etc. Por último, existem os estigmas relacionados à raça, à nação ou à religião e que podem contaminar todos

da família. O que eles têm em comum é o fato de serem diferentes em algum aspecto e o fato de terem experiências semelhantes na concepção do eu, como explica o autor:

Uma das fases desse processo de socialização é aquela na qual a pessoa estigmatizada aprende e incorpora o ponto de vista dos normais, adquirindo, portanto, as crenças da sociedade mais ampla em relação à identidade e uma idéia geral do que significa possuir um estigma particular. Uma outra fase é aquela na qual ela aprende que possui um estigma particular e, dessa vez detalhadamente, as conseqüências de possuí-lo(GOFFMAN, 1988, p.41).

Na escola, logo nos primeiros dias de aula, as crianças negras, aquelas que têm alguma deficiência física, tendências homossexuais ou por qualquer outro motivo que as façam diferentes do padrão estabelecido, aprendem de maneira precipitada sobre o estigma. A evidência da diferença acontece pela comparação entre as pessoas, estigmatizando aquele que foge à regra estabelecida socialmente, isto é, algumas pessoas sofrem preconceitos por se afastarem da idealização corrente em algum aspecto. Para Girard (2004), A perseguição acontece quando a pessoa se distancia do *status* social, pois é a média que define a norma. A anormalidade pode acontecer não só nos aspectos físicos, mas em todos os domínios da existência e do comportamento. E completa: “quanto mais um indivíduo possuir marcas vitimárias, mais chances terá de atrair o raio sobre a própria cabeça” (GIRARD, 2004, P.35)

Esses estereótipos, de acordo com Amaral (1994) “são fruto de preconceitos (que como o próprio nome diz são conceitos pré-existentes, portanto desvinculados de uma experiência concreta). Pode-se dizer que a matéria-prima do preconceito é o desconhecimento”.

A escola, como outras instituições, está organizada para que os alunos sejam todos iguais. Ao transmitir um saber universal sobre os conhecimentos, ao impor mecanismos disciplinares iguais para todos e ao negar as diferenças, a escola homogeneiza as relações interpessoais e demonstra a sua estrutura normativa. Porém, não se pode negar que o diferente existe, visivelmente pode-se percebê-lo como algo natural entre os seres humanos ou não-humanos. Apesar de natural, ele ameaça, pois foge do que é esperado e padronizado pela sociedade. Quando alguém ou grupo social é estigmatizado, algo de negativo é apontado, como seus defeitos, fraquezas e desvantagens, daí, percebe-se que a diferença é base do preconceito e da discriminação.

Segundo Amaral (1994),

[...] a segregação apóia-se no tripé: preconceito, estereótipo e estigma. Tentando sintetizar a dinâmica entre eles: um preconceito gera um estereótipo, que cristaliza o preconceito, que fortalece o estereótipo, que

atualiza o preconceito... Círculo vicioso levado ao infinito. Paralelamente o estigma colabora com essa perpetuação. (AMARAL, 1994, p. 40)

A pessoa estigmatizada não sabe como será recebida pelos outros, ela se sente insegura por não saber o que estão pensando dela e em qual categoria será colocada. Além disso, segundo Elias e Scotson (2000, p.23) “um grupo só pode estigmatizar outro com eficácia quando está bem instalado em posições de poder das quais o grupo estigmatizado é excluído. O indivíduo estigmatizado, por se sentir excluído do grupo que tem poder, desenvolve alguns mecanismos de aproximação das pessoas. Ele pode ter comportamentos agressivos como também ser tímido e retraído. É comum os membros de uma categoria de estigma se unirem em pequenos grupos, recebendo o apoio dos seus iguais. Outro grupo do qual o estigmatizado pode esperar apoio é aquele composto pelos “informados”, ou seja, são pessoas que simpatizam com o grupo estigmatizado, aceitando-o (GOFFMAN, 1988).

O preconceito é produzido na própria vida cotidiana, pois, na sociedade, predominam diversos tipos de preconceitos sociais e estereótipos de comportamentos preconceituosos, que Heller (2004) denomina de preconceitos tópicos (por exemplo: “os homens são maus, não é possível melhorá-los”); preconceitos morais, científicos, políticos; preconceito de grupo, nacionais, religiosos, raciais, etc. Alguns preconceitos são aceitos pela sociedade e o seu grau de periculosidade pode variar.

Na verdade, segundo Itani (1998), “o preconceito não existe em si, mas como parte de nossa atitude em relação a alguém ou a alguma coisa, revelando um imaginário social”. O significado da palavra preconceito, quer dizer pré-conceito, isto é, uma ideia já formada sobre uma pessoa ou determinado assunto. E de acordo com Crochík (2006), os preconceitos são transmitidos através da cultura para as gerações mais jovens e são “idéias que devem ser assumidas como próprias sem que se possa pensar na sua racionalidade e na conseqüente adesão ou não a elas, diferente do estereótipo, que está ligado a uma reação individual.” (CROCHÍK, 2006, p.19)

O preconceito se manifesta no dia-a-dia de uma forma dissimulada, através dos gestos, da linguagem, do olhar que muitas vezes o denuncia antes de qualquer palavra. Faz parte do preconceituoso a onipotência, manifesta ou velada, na qual ele se julga superior ao seu objeto, assim como a rejeição da pessoa estranha que não merece nenhum valor por parte do preconceituoso (CROCHÍK, 2006). É comum o uso da expressão “pessoa de cor” ao se referir ao negro ou preto, numa atitude preconceituosa de negação daquilo que se é realmente. Outra expressão muito comum é “a coisa está preta”, referindo a uma situação bastante difícil

e feia. A associação que se faz com o uso deste tipo de linguagem, é que o preto está relacionado ao feio, ao ruim e ao difícil (ITANI, 1998).

O ser humano, de acordo com Heller (2004), ao nascer, já encontra um mundo feito, ele entra na história e começa a reproduzir os seus comportamentos e condutas de acordo com o que aprende e apreende do mundo. O homem está envolvido com o preconceito porque este está inserido na própria sociedade. De acordo com Crochík (2006, p. 17), “[...] o preconceito diz mais da pessoa que o exerce do que daquela sobre a qual é exercido”. Como o preconceito é desenvolvido dentro dos grupos dominantes, por conflitos internos de poder, ele não pode ser considerado uma atitude universal, compartilhada por toda a sociedade (CAMINO; ISMAEL, 2004). O homem tem liberdade para escolher se se apropria ou não dele. Como o preconceito não é algo inato, o indivíduo precisa se modificar para se adaptar aos processos de socialização.

A violência presente no preconceito não está na evidência das diferenças, porque elas existem e não podem ser negadas, está na tentativa de se eliminar o outro e na atitude de recusa em aceitar o outro como diferente.

Surge, nesse contexto, um fenômeno cada vez mais comum nos dias atuais, que é o *bullying*, abordado no próximo capítulo, que mostra conceitos, características e outros aspectos ligados ao tema, mais especificamente no ambiente escolar.

CAPÍTULO II – SOBRE O *BULLYING*

“Ao longo da vida há encontros estimulantes, que nos incitam a dar o melhor de nós mesmos, mas há igualmente encontros que nos minam e podem terminar nos aniquilando”. (Marie-France Hirigoyen)

Há um tipo de violência que não é novidade nas escolas, ou seja, a “desigualdade entre iguais”, que sempre existiu, em que valentes oprimem e ameaçam as suas vítimas, porém, este tema passou a ser objeto de estudo e investigação nas últimas décadas, e isto é o que vem sendo chamado de fenômeno *bullying*.

A divulgação do *bullying* nos meios de comunicação foi intensa nos últimos anos. A violência física e simbólica, ao sair do anonimato, faz surgir nas escolas e famílias uma grande preocupação e várias discussões com relação ao tema. Os telejornais nacionais divulgam com certa frequência reportagens de crianças e adolescentes vítimas de preconceito, ameaças, apelidos que discriminam o outro ou agressões físicas absurdas no ambiente escolar. As revistas de circulação nacional têm, como objetivo, esclarecer o fenômeno para a sociedade, porém, o modo exaustivo de tratar o mesmo assunto leva a uma banalização da violência e não a um questionamento sobre o aumento do desrespeito ao outro e a falta de tolerância. A título de ilustração, seguem alguns títulos de matérias divulgadas sobre o assunto.

- Folha de São Paulo (2003): *Bullying* faz nova vítima.
- Folha de São Paulo (2003): Vítimas ficam em silêncio por medo.
- Folha de São Paulo (2003): Brincadeiras de mau gosto: amiguinhos da onça.
- Época (2004): Sutil e cruel agressão.
- Nova Escola (2004): Como lidar com brincadeiras que machucam a alma.
- Folha de São Paulo (2005): Humilhação também pela internet.
- Folha de São Paulo (2005): Brigada antibullying.
- Veja (2006): Como ajudar na rotina escolar.
- Folha de São Paulo (2006): Aulas de humilhação.
- Folha de São Paulo (2007): Tô de mal.

- Isto É (2008): *Bullying*, um crime nas escolas.
- Folha de São Paulo (2009): Jovens enfrentam ofensas e violência no mundo virtual.

As vítimas de sofrimentos nas escolas se identificaram com o tema que, na verdade, sempre existiu, mas que ganhou força a partir da sua publicização.

Bullying é uma palavra de origem inglesa, sem tradução para o português. O *bullying* se caracteriza pela intencionalidade em magoar alguém, quer física, verbal ou psicologicamente e não pode ser encarado como uma brincadeira de criança. De acordo com Fante (2005, p. 28), “*bullying* é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro (os) causando dor, angústia e sofrimento”. Para Costantini (2004, p. 69), o *bullying* “é uma ação de transgressão individual ou em grupo, que é exercida de maneira continuada, por parte de um indivíduo ou de um grupo de jovens definidos como intimidadores nos confrontos com uma vítima predestinada”.

Muitas crianças e adolescentes são vítimas de preconceito, humilhações e intimidações na escola. As intimidações, segundo Smith (2002), consistem em comportamentos repetitivos, onde a mesma vítima passa a ser alvo inúmeras vezes. Esta prática, que acontece com alunos no mundo todo, pode acarretar consequências graves ao desenvolvimento psíquico dos mesmos, gerando medo, pânico, depressão, distúrbios psicossomáticos, queda na auto-estima e, em casos mais extremos, o suicídio.

A título de ilustração, pode-se ver o seguinte fato veiculado na imprensa. No dia 8 de agosto, a justiça brasileira proferiu uma decisão inédita. O Tribunal de Justiça condenou uma escola particular de Ceilândia, cidade-satélite de Brasília, a indenizar em R\$ 3 mil a família de um garoto de dez anos que sofreu diversas agressões por um grupo de cinco alunos.³

Segundo a mãe do garoto, ele estava em pânico e dizia que não queria ir às aulas, mas não falava o porquê. Quando as agressões ficaram aparentes, o garoto não pôde mais esconder a verdade dos pais. Em um desses momentos de agressão que o garoto sofreu por parte de seus colegas de escola, dois garotos o seguraram e um terceiro pregou a sua mão na parede da casinha de boneca do colégio. Em outro momento, ocorrido poucas semanas depois, o garoto sofreu novas agressões e chegou a casa vomitando e disse que havia comido algo estragado. A mãe não acreditou na versão do filho e exigiu a verdade. Ele relatou que havia tomado vários socos na barriga de cinco alunos do colégio. As agressões não pararam por aí.

³ Texto retirado da revista Isto É, 3 de setembro de 2008, Ano 31.

Ele foi vítima novamente e desta vez os garotos esfregaram o seu rosto no chão e furaram o seu pé. Como a família da vítima sabia que dificilmente os adolescentes seriam punidos, ela entrou com processo contra a escola. A diretoria da escola alegava que se tratava de “coisa de criança” e não tomou providências para solucionar o caso. A escola foi condenada por negligência.

O *bullying* é um fenômeno mundial que vem sendo praticado há muito tempo nas escolas particulares e públicas. Vários educadores e estudantes presenciam o fenômeno e, muitas vezes, não sabem o que fazer em situações de violência velada. Ele é muito mais que uma brincadeira que faz parte da idade, é um ato de desrespeito e humilhação, causando traumas e bloqueios emocionais que interferem prejudicialmente no desenvolvimento sócio-educacional dos alunos. As crianças e adolescentes, vítimas do *bullying* na escola, sofrem caladas por vergonha e medo, sentem-se inseguras e humilhadas, geralmente, por serem diferentes em algum aspecto físico. De acordo com Koki (*apud* RUOTTI; ALVES; CUBAS, 2007, p. 205), “*bullying* não é uma fase de desenvolvimento da criança ou um rito de passagem. É um problema sério que pode afetar a habilidade dos alunos e seu progresso acadêmico e social.”

De acordo com Fante e Pedra (2008), as brincadeiras da infância e adolescência acontecem de maneira natural. Nesta fase, é normal “zoar”, colocar apelidos, porém, quando as brincadeiras ultrapassam os limites do respeito ao outro, elas se tornam perversas e passam a ser consideradas como atos de violência, em que alguns se divertem à custa dos outros, que sofrem.

Na língua portuguesa não há uma palavra que traduza fielmente o que seja o *bullying*. A palavra *bully*, em inglês, é traduzida como: “valentão”, e como verbo, “brutalizar”, “tiranizar”, “amedrontar”. Utilizam-se também outros termos para identificá-lo, tais como: agredir, vitimizar, violentar, maltratar, intimidar, assédio sexual ou abuso e, entre as crianças, o “fazer mal”, “meter-se com”, “chatear”, “pegar no pé” (FANTE, 2005). Na França, usa-se o termo “violência moral”, nos Estados Unidos, a palavra *bullying*, muitas vezes é substituída por *victimization* (vitimização) e *peer rejection* (rejeição pelos colegas), na Noruega e na Dinamarca o termo usado é *mobbing*⁴, na Suécia e na Finlândia, usa-se *mobbing*⁵, na Itália, *prepotenza* ou *bullismo*, na Espanha, *intimidación*, e no Brasil não há uma palavra que expresse o fenômeno com a mesma amplitude do termo em inglês. Pesquisas

⁴ De acordo com Fante e Pedra (2008), no Brasil, *mobbing* é definido como assédio moral.

⁵ De acordo com Olweus (*apud* FANTE; PEDRA, 2008), o termo *mobbing* “é usado para definir uma situação na qual uma pessoa atormenta, hostiliza ou molesta uma outra”.

desenvolvidas pela ABRAPIA⁶ usam o termo “comportamento agressivo entre estudantes” (RUOTTI; ALVES; CUBAS, 2007, p. 177).

O *bullying* pode ser reconhecido em vários contextos: nas escolas, nas famílias, nos condomínios residenciais, nos clubes, nos locais de trabalho, nas prisões, enfim, onde existem relações interpessoais. Ele não se deixa confundir com outras formas de violência. Isso se justifica pelo fato de apresentar características próprias: ocorre repetidamente e durante um período de tempo, há um desequilíbrio de poder e ocorre de maneira intencional.

2.1 Pesquisas e Estudos sobre o *Bullying*

O problema do *bullying* na escola tem levado vários pesquisadores da Europa, América do Norte e Ásia a se aprofundarem no tema da agressão e vitimação.

Os estudos sobre o *bullying* surgiram na Suécia e na Dinamarca nos anos 70 e se espalharam pelos países escandinavos. Os estudos sobre o *bullying* na Noruega foram solicitados pelo Ministério da Educação, após a divulgação pelos noticiários do suicídio de três crianças, com idades entre 10 e 14 anos, que provavelmente eram vítimas de *bullying* na escola. O pesquisador Dan Olweus, da Universidade de Bergen, realizou uma grande pesquisa com o objetivo de criar critérios para diferenciar o *bullying* de outros episódios característicos das brincadeiras da infância. Houve uma campanha nacional na Noruega e uma diminuição de 50 % dos casos de *bullying* nas escolas. Outros países se sentiram motivados e começaram os estudos sobre o *bullying*, como: Reino Unido, Canadá e Portugal. No Brasil, o tema começou a ser estudado no fim dos anos de 1990 e início de 2000 (FANTE, 2005).

A partir do modelo de estudo desenvolvido por Olweus (1983), os países europeus e os Estados Unidos estão tentando identificar o perfil das vítimas e agressores. Pesquisadores do mundo todo calculam que de 5 a 35% das crianças em idade escolar estejam envolvidas em comportamentos agressivos na escola, como vítimas ou como agressores. Vários programas *antibullying* estão sendo elaborados em muitos países. Na Espanha, o programa “Sevilha Contra a Violência Escolar”. Na Inglaterra, vários projetos e materiais informativos, estão sendo colocados em prática, como: “Não sofra em silêncio”; existe também o “*Childline*” que é um telefone à disposição das crianças vítimas do *bullying*, entre outros projetos. Na Irlanda,

⁶ Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência.

em 1993, foi realizada a Primeira Conferência Nacional sobre o *Bullying*. Em 1996, foi lançado o resultado de uma pesquisa sobre o índice de *bullying* nas escolas e realizada a Primeira Conferência Internacional sobre o *Bullying*. Foi criado o Programa “Estar a Salvo” e o Programa “*Childline*” para ajudar as crianças vítimas do *bullying*. Na Finlândia, a educação vem sendo reestruturada como um todo. O Ministério de Educação criou o Projeto “Uma Confiança Sadia em Si Mesmo”, com o objetivo de colocar em prática o direito que as crianças têm de aprender em um lugar seguro (FANTE, 2005).

A UNESCO investe em pesquisas sobre violência, educação, escola e juventude com a finalidade de contribuir e dar suporte ao debate e realização de políticas públicas referentes ao tema (ABRAMOVAY, 2003).

2.2 Manifestações do Comportamento *Bullying*

Os comportamentos *bullying* podem se manifestar de duas maneiras: direta e indireta. A primeira fica mais fácil de ser percebida, pois se caracteriza por ataques físicos, como: chutes, tapas, empurrões, apelidos. Já a forma indireta é mais difícil de ser percebida, porque acontece de maneira camuflada em que os alunos excluem, isolam os colegas, fazem ofensas verbais, discriminações, segregações, humilhações e desvalorização com palavras e atitudes de desmerecimento, sendo a última, muitas vezes, disfarçada e se apresentando de forma velada, por meio de um conjunto de comportamentos cruéis, visando à discriminação e exclusão da vítima de seu grupo social. Ela é eleita o “bode expiatório” do grupo, geralmente, por ser diferente em algum aspecto físico ou emocional, por ter trejeitos considerados negativos, por ser considerado “*nerd*,”⁷ por ter sotaque ou alguma outra característica que chame a atenção do grupo (FANTE; PEDRA, 2008).

Estudos realizados por universidades portuguesas constataram que, nas escolas do país, o *bullying* ocorre mais significativamente no pátio da escola, onde se realiza o recreio. Porém, nas pesquisas realizadas pela ABRAPIA (2003), em escolas do Rio de Janeiro, verificou-se que no Brasil o *bullying* acontece com mais frequência na sala de aula (FANTE, 2005). Segundo a autora (2005), a maioria dos casos de *bullying* acontece no interior da escola. Entretanto, para que um comportamento seja caracterizado como *bullying*, é

⁷ Aluno (a) que tira notas boas.

necessário distinguir os maus-tratos ocasionais e não graves dos maus-tratos habituais e graves.

O *bullying* pode se manifestar de diferentes maneiras, de acordo com cada fase de escolaridade. Da escola infantil até a 4ª série do Ensino Fundamental, fica mais fácil para o professor perceber ofensas, acusações, discriminações, apelidos e xingamentos, além das frequentes agressões físicas entre os alunos.

Exemplo de comportamentos abusivos que podem ocorrer com mais frequência nas 3ªs e 4ªs séries:

- a) Ficar na fila da merenda no lugar do agressor;
- b) Ser obrigado a dar ou dividir o seu lanche;
- c) Ter que dar figurinhas, refrigerante ou outro objeto.

Da 5ª série em diante, os maus-tratos ficam mais difíceis de serem percebidos, pois acontecem de forma disfarçada, basicamente, por meio da linguagem não-verbal. Ameaças, apelidos, difamações, discriminações, ofensas, furtos, abusos sexuais são práticas comuns. De acordo com Smith (2002), meninos e meninas podem ser vítimas de intimidação como também empregá-la, os meninos usam mais a agressão física enquanto nas meninas a manifestação é mais indireta e relacional.

Por volta dos treze, quatorze anos de idade, que correspondem às 7ª e 8ª séries do Ensino Fundamental, acontecem os xingamentos relacionados ao comportamento sexual. Ocorre a propagação de rumores, ofensas morais, objetivando a exclusão da vítima do convívio grupal.

No Ensino Médio, já com os alunos na faixa etária entre quinze e dezoito anos, as ofensas são disfarçadas ou são através de pequenos ataques abertos. Nessa época, é frequente o aparecimento das gangues fora da escola, que dão suporte aos agressores para que eles se sintam fortalecidos e protegidos. Há uma estreita relação entre *bullying* e gangues e, cada vez mais, aumenta a participação das meninas em condutas agressivas. O uso do celular e da *internet* facilitam a propagação do *bullying*, chamado de *ciberbullying*.

O *ciberbullying* é um problema que vem preocupando especialistas, pais e educadores em todo o mundo. Através da *internet*, telefones celulares e outras tecnologias de informação e comunicação, as vítimas sofrem ataques virtuais, são maltratadas, humilhadas e constrangidas. Muitas vezes, as vítimas não conhecem os agressores, que adotam nomes falsos, apelidos e se fazem passar por outras pessoas. No anonimato, os agressores espalham rumores e boatos cruéis sobre as vítimas em *blogs*, e o *Orkut* é usado como uma forma de

expor os colegas de forma “vexatória”. Fotografias com montagens, piadinhas, comentários racistas, ofensas, são maneiras de expor a vítima às situações constrangedoras, causando danos morais e emocionais, muitas vezes irreversíveis às vítimas e a seus familiares. Em 2003, nos Estados Unidos, um adolescente de 13 anos suicidou-se, após receber mensagens dos seus colegas, durante meses, acusando-o de ser *gay* (FANTE; PEDRA, 2008).

2.3 Personagens do *Bullying*

As vítimas do *bullying* raramente falam do problema com alguém; elas temem gozações ainda maiores, adotando a “lei do silêncio”. De acordo com Fante (2005), elas são divididas em: vítima típica, provocadora e agressora. A vítima típica é aquela que não consegue se defender dos atos maldosos dos seus colegas. Geralmente, ela é uma pessoa tímida, pouco sociável, quieta, reage chorando ou se afastando dos provocadores. Os agressores sabem que essas pessoas são alvos fáceis, porque elas não são agressivas e não gostam de atitudes violentas. A falta de ação do “bode expiatório” leva o agressor a sentir-se forte e superior, ao passo que a vítima vai se sentindo cada vez mais incapaz, sozinha, acreditando não ter valor e ser merecedora dos ataques. A vítima provocadora atrai para si brigas e confusões, ela provoca e depois não sabe lidar com as ofensas. A vítima agressora é aquela que responde ou devolve as ofensas, sendo também uma pessoa agressiva. Ela é aquela que faz com que os atos de violência cresçam como uma bola de neve, além de transferir para outras pessoas as agressões que recebe.

Quando se estuda o fenômeno *bullying*, é preciso se preocupar também com o papel do agressor ou *bullies* e do espectador. É comum, em sala de aula, a existência de um agressor, ou vários deles, que influenciará o comportamento dos colegas. O agressor sente muita necessidade de dominar os outros, tendo dificuldades em obedecer às regras e de lidar com frustrações, podendo ser de ambos os sexos e ter a mesma idade ou ser um pouco mais velho que suas vítimas. O espectador é aquele que presencia os atos de desrespeito e intimidações e, geralmente, fica calado, por medo de se tornar também uma vítima. Fante e Pedra (2008) afirmam que alguns espectadores se divertem com a agressão sofrida pelo colega, reforçando as atitudes maldosas dos agressores e, ainda segundo os autores, “com o tempo, as atitudes adotadas pelos intimidadores passam a fazer parte do cotidiano da escola, gerando certa acomodação ou psicoadaptação” (FANTE; PEDRA, 2008, p. 95).

Segundo Crochík,

A reação de quem sofre a humilhação pode não ser distinta daquele que a executa ou daquele que a vê e despreza o humilhado, e pode levá-lo ou a exercer o mesmo ato contra outro, julgado mais fraco, ou a tentar se fortalecer para devolver a humilhação. (CROCHÍK, 2006, p. 85)

O mesmo autor dá como exemplo de “deslocamento da hostilidade”, as atitudes selvagens para com os calouros que ingressam em algumas faculdades. Vários deles, quando veteranos, perpetuam os atos de violência a que foram submetidos e não tentam impedir que os trotes aconteçam.

Atos de humilhações podem acontecer também nas empresas, de forma silenciosa, o assédio moral ou *mobbing* pode causar sérios problemas na vida de muitas pessoas.

2.4 Assédio Moral ou *Mobbing*

No Brasil, o *mobbing* é chamado de assédio moral ou assédio psicológico e vem sendo estudado principalmente por juristas. Os estudos realizados pela médica do trabalho, Margarida Barreto⁸ (2000), “Uma Jornada de Humilhações”, contribuíram para um maior interesse pelo tema. Apesar do assédio no trabalho ser tão antigo quanto o próprio trabalho, os estudos sobre o tema foram iniciados na década de 1980. O fenômeno começou a ser estudado pelo pesquisador de origem alemã Heinz Leymann, que introduziu o termo *mobbing*. O fenômeno recebe várias denominações em diversos países. Na França, *Harcèlement moral* (assédio moral), na Inglaterra, Austrália e Irlanda (*bullying, bossing, Harassment*). Como são várias as tentativas de se aproximar da definição e descrição do fenômeno em nível universal, adotam-se os termos *mobbing, bullying, assédio moral, assédio psicológico* ou terror psicológico como sinônimo para definir a violência pessoal, moral ou psicológica no ambiente de trabalho (GUIMARÃES; RIMOLI, 2006).

Leymann (*apud* GUIMARÃES; RIMOLI, 2006) definiu que o termo *mobbing* deve ser aplicado para violência psicológica, com adultos, no contexto ocupacional. Já o *bullying*, está relacionado às crianças e aos adolescentes, no ambiente escolar.

O assédio moral existe na família, na escola e com maior intensidade no ambiente de trabalho. Hirigoyen (2008) define o assédio moral no ambiente de trabalho da seguinte forma: “toda e qualquer conduta abusiva manifestando-se, sobretudo por comportamentos, palavras, atos, gestos, escritos que possam trazer danos à personalidade, à dignidade ou à

⁸ Barreto, Margarida Maria Silveira. Violência, saúde e trabalho: uma jornada de humilhações. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2000.

integridade física e psíquica de uma pessoa, pôr em perigo seu emprego ou degradar o ambiente de trabalho”.

O assédio moral pode se manifestar de diversas formas dentro das empresas, com atitudes que acontecem no dia-a-dia do trabalho e são quase invisíveis. Esta violência se dá através de palavras, gestos, atos abusivos que trazem danos morais e psíquicos às vítimas, podendo colocar em perigo o emprego da pessoa ou ferir a sua dignidade com atitudes marcadas por abuso de poder e manipulações perversas (FANTE; PEDRA, 2008).

No local de trabalho, é comum que haja momentos de desavenças e conflitos, o problema está na repetição de humilhações, no abuso de poder ou na manipulação perversa. Leymann (*apud* GUIMARÃES; RIMOLO, 2006, p.186) faz um argumento importante quando ele distingue o conflito no trabalho, que é normal, do *mobbing*:

(...) os conflitos são inevitáveis (...) não estamos falando aqui, do conflito. Nos referimos a um tipo de situação comunicacional que ameaça infligir ao indivíduo graves prejuízos psíquicos e físicos. O *mobbing* é um processo de destruição; compõe-se de uma série de atuações hostis que, se vistas de forma isolada, poderiam parecer anódinas, mas cuja repetição constante tem efeitos perniciosos. (LEYMANN, *apud* GUIMARÃES; RIMOLI, 2006, p 186)

O assédio moral acontece também nas escolas, principalmente com os professores que são perseguidos pelos próprios colegas, passando a ser vítimas de ofensas, humilhações, ataques cruéis que acontecem de forma repetitiva e que têm como objetivo desestruturar o seu cotidiano (GUIMARÃES; RIMOLI, 2006).

De acordo com Guimarães e Rimoli (2006), a maioria dos autores concorda que o *mobbing* ou assédio moral está dividido em três tipos: ascendente, horizontal e descendente. No tipo ascendente, há um conflito entre a pessoa que tem um nível hierárquico superior e seus subordinados, este conflito pode ser desencadeado por causa da arrogância e autoritarismo de alguns chefes. O tipo horizontal é aquele em que o trabalhador (a) é assediado (a) por pessoas do mesmo nível hierárquico. Os problemas podem ser pessoais, como, discordância de opinião com relação às regras propostas pelo grupo, dificuldades de relacionamento, racismo, razões políticas ou religiosas, entre outras. O tipo descendente é o mais comum. A pessoa que detém o poder deprecia a imagem de algum funcionário, faz falsas acusações, forçando-o a abandonar o emprego de maneira “voluntária”.

A princípio, o assédio moral é percebido pela vítima como uma brincadeira. A partir das repetidas humilhações e situações constrangedoras que a pessoa está exposta, a

vítima percebe o que está ocorrendo e, em alguns casos, procura reagir a tal situação. De acordo com Hirigoyen (2008), a vítima, muitas vezes, começa a se sentir culpada e merecedora do que está acontecendo. Segundo a autora, a própria vítima pode duvidar do que percebe. Isso se dá pelo fato as agressões não se darem abertamente, e sim, de forma indireta.

Como formas de expressão do assédio moral, observam-se: aumento de sobrecarga de trabalho, discriminação no salário, nos turnos, jornada ou em outros direitos, assédio sexual da vítima, críticas sobre o profissionalismo da vítima, não atribuição de tarefas, não dirigir a palavra ou não cumprimentar a pessoa, entre outras (GUIMARÃES; RIMOLI, 2006).

Pior do que a sobrecarga de trabalho quando se quer destruir psicologicamente um empregado, é o isolamento. Nesse momento, a pessoa já entendeu que a maioria está contra ela e que ela está sozinha. A vítima não é convidada a participar de uma confraternização, ela come sozinha no refeitório, não é chamada para reuniões. Esse é um processo destruidor e gerador de estresse. Outra situação muito constrangedora para a vítima é quando ela é assediada sexualmente. Isso pode acontecer com homens e mulheres, sendo mais comum as mulheres serem agredidas por homens, geralmente por seus superiores hierárquicos (HIRIGOYEN, 2008).

A maioria dos pesquisadores concorda que, para se considerar uma agressão como *mobbing* ou assédio moral, é preciso que ela ocorra pelo menos uma vez na semana e por um tempo mínimo de seis meses, passando por algumas fases. Porém, para se caracterizar como assédio moral, mais importante que o tempo, é a repetição de atitudes, palavras, comportamentos que podem levar a vítima a sérios danos em sua saúde como um todo, num tempo inferior a seis meses (CARVALHO, 2009).

Bullying, assédio moral, *mobbing*, preconceito, intimidação são formas de desprezar o outro, usando o poder como forma de superioridade. Silenciosamente, este tipo de violência, que tem na sua essência o desrespeito ao outro, mascara o problema e o transforma em brincadeira. No próximo capítulo, denominado de metodologia, pode-se entender o perfil da escola estudada, bem como os instrumentos utilizados para um maior conhecimento da realidade pesquisada.

CAPÍTULO III- METODOLOGIA

O estudo de caso é usado quando se quer conhecer algo em particular e profundamente, como uma instituição, uma pessoa ou projeto. Quando se está mais interessado no processo do que nos resultados, quando se busca descobrir novas hipóteses teóricas e novos conceitos sobre determinado fenômeno e quando se quer retratar a situação na sua forma mais natural possível (ANDRÉ, 1995).

De acordo com André,

Esse tipo de pesquisa permite, pois, que se chegue bem perto da escola para entender como operam no seu dia-a-dia os mecanismos de dominação e de resistência, de opressão e de contestação ao mesmo tempo em que são veiculados e reelaborados conhecimentos, atitudes, valores, crenças, modos de ver e de sentir a realidade e o mundo. (ANDRÉ, 1995, p. 41)

A abordagem fenomenológica se faz presente neste trabalho, por buscar compreensão do fenômeno pesquisado, mesmo sabendo-se que nunca irá alcançá-la em sentido pleno. A interpretação do fenômeno é feita de acordo como ele é percebido e vivido, para que a existência seja interpretada. O mundo escolar, nesse sentido, passa a ser compreendido da maneira como ele é vivido.

De acordo com Rezende, a fenomenologia da educação, como metodologia de pesquisa, é caracterizada por três características importantes: “a constatação descritiva da realidade, o trabalho interpretativo dos dados constatados, a manifestação projetiva das conseqüências e alternativas possíveis” (1990, p. 70). A fenomenologia vai além das aparências, traz a consciência e o sujeito que a interpreta, é o sujeito que dá o sentido ao fato. No caso do fenômeno *bullying*, ele precisa ser interpretado por quem o está vivenciando, seja ele vítima, agressor ou espectador.

O projeto de pesquisa foi apresentado a docentes, coordenação, direção, vice-direção, psicóloga, em um momento anterior à coleta dos dados nos meses de abril e maio de 2009. Este procedimento foi muito importante para que a equipe pedagógica e direção se familiarizassem com o tema. Como pauta dessa reunião constou a permissão para que a pesquisadora assistisse a duas aulas, durante um mês, em todas as turmas do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, com os seguintes objetivos: conhecer as turmas, observar o comportamento dos alunos dentro das salas de aula, conhecer os professores e fazer as devidas observações. Posteriormente, estabeleceu-se um primeiro contato com as turmas selecionadas, no qual os estudantes foram convidados a participar da pesquisa. Foi entregue,

para cada um dos alunos, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido⁹ (TCLE), e explicou-se que deveriam ser lidos e assinados por seus pais ou responsáveis, no caso de consentirem a participação de seus filhos/as na pesquisa. De 119 alunos, 82 foram autorizados a participar da pesquisa, totalizando 69% dos alunos das turmas escolhidas.

A metodologia da pesquisa está vinculada à abordagem qualitativa, com alguns dados quantitativos. Através da observação do cotidiano da escola (salas de aula, pátio do colégio, aula de informática), privilegiam-se as percepções de alunos, professores, direção e demais funcionários do colégio. Através de observações do dia-a-dia da escola, o seu cotidiano foi ficando mais transparente, os alunos foram observados na realidade deles e em diferentes contextos e momentos. O diário de campo foi outro instrumento que colaborou para que as falas e contribuições dos adolescentes não se perdessem no tempo.

Como procedimentos de coleta de dados, foram aplicados questionários¹⁰ a 82 alunos nas seguintes turmas selecionadas do ensino fundamental: 6º B, 7º A, 8º B e 9º C¹¹, a fim de coletar dados sobre as relações na escola, o fenômeno *bullying* e suas manifestações. O questionário constou de 15 questões fechadas e 3 questões abertas. A amostra foi não-probabilística típica: foram selecionadas as turmas que necessitavam de uma atenção maior, após análise feita em observações, juntamente com a psicóloga do CODAP, coordenadora e pesquisadora.

O questionário constitui uma das mais importantes técnicas para obtenção de dados em pesquisas sociais. Para Chizzotti (1991) esta técnica consiste em um conjunto de questões pré-elaboradas, sistemática e sequencialmente dispostas em itens que constituem o tema da pesquisa, com o objetivo de suscitar dos informantes respostas sobre o assunto pesquisado.

Outro instrumento de coleta de dados foram as entrevistas¹² com 14 docentes, realizadas no período de maio a setembro. Como critério de seleção, foram escolhidos os (as) docentes com a maior carga horária na escola e que fossem professores (as) das turmas escolhidas para a aplicação do questionário. As entrevistas foram semi-estruturadas, com duração de aproximadamente 30 minutos, e contaram com a participação, além do corpo docente, da Direção, da Vice-Direção, da Supervisora Pedagógica, da Psicóloga, da Orientadora Educacional e da auxiliar de serviços gerais da escola. De acordo com Triviños (1990), o processo de entrevistas semi-estruturadas dá um resultado melhor quando se trabalha com diferentes grupos de pessoas.

⁹ Cópia em anexos

¹⁰ Cópia em apêndice

¹¹ As turmas são divididas em 6º ano A/B, 7º ano A/B, 8º ano A/B e 9º ano A/B/C.

¹² Cópia em apêndice

A entrevista semi-estruturada parte de alguns questionamentos básicos, apoiados por teorias e hipóteses, que vão se modificando ao longo do percurso. Este tipo de entrevista valoriza a presença do investigador e dá a liberdade necessária para que o informante contribua de forma espontânea com os seus pensamentos (TRIVIÑOS, 1990).

Após aplicação dos questionários nas turmas escolhidas, nos meses de outubro a dezembro, foram escolhidos 12 alunos que apresentaram envolvimento com o *bullying* (alunos de todo o Ensino Fundamental), como vítimas, agressores ou espectadores, para serem entrevistados¹³.

Para a contribuição na elaboração da pesquisa, foram usadas fontes primárias e secundárias. Como fonte primária, a observação do cotidiano escolar, depoimentos de professores, alunos, direção, coordenação e equipe técnica do colégio foram de grande valia para o conhecimento da realidade das relações do CODAP. Como fonte secundária, o regimento interno do CODAP, o projeto político pedagógico do colégio, livros e periódicos, artigos, resultados de pesquisas, etc, contribuíram para o esclarecimento do que já foi estudado e pesquisado sobre o tema e para um melhor entendimento sobre o perfil do colégio.

3.1 Perfil da Escola Pesquisada

O Colégio de Aplicação (CODAP)¹⁴ foi criado em 30 de junho de 1959 e pertencia à Faculdade de Filosofia de Sergipe, inicialmente chamado de Ginásio de aplicação (G. A.), com o objetivo de ser um espaço destinado a estágios dos alunos da Faculdade. Em 30 de dezembro de 1965, o Ginásio de Aplicação passou a se denominar Colégio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, sendo autorizado o 2º Grau com opções para o Clássico e o Científico.

Em 1968, com a criação da Universidade Federal de Sergipe, a Faculdade de Filosofia e o Colégio de Aplicação foram incorporados à estrutura administrativa e pedagógica da Universidade.

Em 1981, o Colégio de Aplicação foi transferido para o *Campus* da Universidade, na cidade de São Cristóvão, passando a ser um órgão suplementar, ligado diretamente à Reitoria e assumindo, além das funções de Ensino e Estágio, as atividades de Pesquisa e Extensão. O objetivo do Colégio era ser um campo de pesquisa, experimentação e prática

¹³ Roteiro da entrevista em apêndice

¹⁴ Fonte: Guia do Aluno 2009- Cinquentenário do Colégio de Aplicação

pedagógica, além de contribuir com a difusão de tecnologias educacionais para a comunidade de 1º e 2º Graus.

A partir de 1993, o Colégio passou a ser vinculado pedagogicamente à Pró-Reitoria de Graduação – PROGRAD – a fim de obter um maior envolvimento com os Departamentos da UFS.

De 1994, até os dias atuais, o Colégio passou a funcionar em sua sede própria. Atualmente o Ensino Fundamental, do 6º ao 9º ano, no turno da manhã com 276 alunos, e o Ensino Médio, 1º, 2º e 3º anos, no turno da tarde com 173 alunos, totalizando 449 alunos no ano de 2009.

As dependências da Escola contam com salas para diretoria, vice-diretoria, sala de reunião, serviço de orientação educacional, serviço técnico pedagógico, copa, secretaria, anfiteatro, 14 salas de aula, 01 laboratório de Física/Química, 01 laboratório de informática, 01 laboratório de Ciências, sala de artes, cantina, biblioteca, sala de recurso áudio-visual e 03 salas de professores.

A Escola encontra-se em bom estado de conservação, apesar de apresentar algumas fechaduras quebradas nas salas de aula, como também cadeiras e quadros danificados. Não possui portões, ela é totalmente aberta ao público em geral, pais, alunos. Não há porteiro na entrada da escola, assim como inspetores nos intervalos das aulas.

No turno oposto a cada nível de ensino, são realizadas atividades complementares: projetos, atendimento ao aluno, realização de oficinas, cursos, seminários, palestras, reuniões, provas do simulado (Ensino Médio) e outras.

O CODAP é regido pela Legislação federal em vigor, pelo Estatuto da Universidade Federal de Sergipe e pelo Regimento Interno.



3.2 Os Objetivos do CODAP

O objetivo principal proposto na criação do CODAP, como o seu próprio nome sugere, é proporcionar um campo de observação, demonstração, desenvolvimento e aplicação de métodos e técnicas de ensino, além de proporcionar a prática de ensino aos alunos dos cursos de licenciatura e estágios supervisionados aos demais alunos dos cursos da graduação da UFS. O CODAP desenvolve a pesquisa científica e ajuda a produzir conhecimentos, visando o aperfeiçoamento dos profissionais da Educação Básica, além de instrumentalizar o educando para que ele atue de maneira crítica e produtiva no processo de transformação e construção de uma sociedade justa, humanitária e igualitária. Para finalizar, o Colégio atua na formação e desenvolvimento psicológico, social, cultural e afetivo do aluno, dando-lhe condições e habilidades para os seus estudos.

3.3 Perfil Sócio-Econômico dos Alunos do CODAP

Em pesquisa realizada no CODAP no ano de 2008, com 338 alunos¹⁵, analisaram-se os seguintes dados, através de questionários aplicados aos alunos: escolaridade do pai, escolaridade da mãe, renda familiar, residência da família e escolaridade do aluno.

Quanto à escolaridade dos pais, as informações obtidas possibilitaram verificar que 15% dos pais e 10% das mães possuem o Ensino Fundamental incompleto, 18% dos pais e 9% das mães possuem o Ensino Fundamental completo. Quanto ao Ensino Médio, 30% dos pais e 20% das mães não o concluíram, 32% dos pais e 47% das mães possuem o Ensino Médio completo. O Ensino superior foi concluído por 5% dos pais e 14% das mães.

Com relação à renda familiar mensal, os dados demonstraram que a maioria das famílias (31%) possui uma renda de até R\$ 1.000, 30% dos entrevistados disseram não saber, 8% declararam receber acima de R\$ 2.000, 15% está entre R\$ 1.000 e R\$ 2.000 e 16% delas recebem o salário mínimo. Quanto à residência da família, 61% possuem imóvel quitado, 16% em quitação, e 23% moram em imóvel alugado.

A maioria dos alunos (92%) que entraram no CODAP no 6º ano do Ensino Fundamental, de 2008, é procedente das escolas particulares, 3% provenientes de escolas públicas e 5% são de escolas particulares e públicas.

3.4 Perfil dos Docentes

No CODAP existem 47 professores, sendo 30 efetivos e 17 substitutos, distribuídos nas seguintes áreas:

¹⁵ Total de alunos do CODAP em 2008: 450

Nº	ÁREA	NÍVEL			
		Graduado	Espec.	Mestre	Doutor
01	QUÍMICA				01
02	BIOLOGIA			02	01
03	INFORMÁTICA		01		
04	PORTUGUÊS	02	04	02	
05	FRANCÊS	02	01	01	
06	FÍSICA		02	01	
07	INGLÊS	01	01		
08	HISTÓRIA	01	03	01	
09	MATEMÁTICA	02	03		
10	ED. FÍSICA		03		
11	FILOSOFIA		01		
12	ARTES		01		
13	DESENHO		01		01
14	GEOGRAFIA	01	01		01
15	SOCIOLOGIA		01		

Fonte: CODAP/2009

3.5 Processo de Admissão dos Alunos do CODAP

A partir de 2010¹⁶, o processo de admissão para preenchimento das vagas em qualquer série dar-se-á mediante sorteio público. A aprovação do ingresso por sorteio ocorreu no dia 13 de outubro de 2008, em reunião do Conselho do Ensino, da Pesquisa e da Extensão - Conepe, e é a forma mais recomendada pelo Ministério da Educação e pelo Conselho Nacional de Diretores dos Colégios de Aplicação - CONDAP.

Até o ano de 2009 o sistema de aprovação para entrar no CODAP dava-se mediante um teste de admissão. O sorteio público para preenchimento das vagas do 6º ano do ensino fundamental será realizado anualmente. Para a admissão nas outras séries, o sorteio público dependerá da existência de vagas, observando-se o número de repetentes e o número máximo de alunos permitidos por turma. A divulgação do sorteio público será feita através de publicação de edital e poderão inscrever-se, para o sorteio público, candidatos que estiverem cursando série imediatamente anterior à pretendida ou que tenha sido a sua última série cursada com aprovação. Será responsabilidade da comissão instituída pela Direção do CODAP, a elaboração do edital e das suas normas para a realização de cada sorteio público.

¹⁶Fonte: Regimento do Colégio de Aplicação. Resolução nº 31/2008/CONSU

Esta mudança se fez necessária para que o critério de aprovação se tornasse mais justo, visto que 92% dos alunos que ingressavam no CODAP eram oriundos de escolas particulares.

De todas as Instituições Federais de Ensino Superior - IFES -, 16 delas possuem CODAP's. Apenas os da UFS e o da Universidade Federal de Pernambuco permaneciam com o sistema de seleção por provas, os demais já utilizam o sorteio e esses modelos deverão ser considerados na elaboração do que será utilizado em Sergipe¹⁷.

¹⁷ Fonte: CODAP

CAPÍTULO IV – DESCOBRINDO AS RELAÇÕES NO CODAP

Muito mais do que apenas obter dados quantitativos sobre as relações e o *bullying* no CODAP, esta pesquisa teve como objetivo ouvir o que as pessoas tinham a dizer, qual o sentimento de alunos, professores e funcionários da escola sobre questões que estão no cotidiano e nas relações de cada um, e que muitas vezes não são pensadas. Na verdade, descobrir o que está por trás das aparências não é uma tarefa fácil. No início, as pessoas estranham o (a) pesquisador (a) no dia-a-dia da escola, na sala de aula, nos corredores. Com o tempo, já fazem parte daquele cotidiano alegre, de brincadeiras, com alguns probleminhas contornáveis. Porém, a pesquisadora procurava algo que não estava no superficial e sim nos olhares, na postura, nas falas ditas e não ditas e são nesses momentos que começa a pesquisa propriamente dita. Qual era o significado que os alunos davam aos apelidos, humilhações e intimidações? Como eram as relações naquela escola? Em que momento a brincadeira saudável da idade dava lugar a constrangimento e agressões? E a luta por reconhecimento, havia essa demanda na escola? E assim, mergulhou-se neste universo escolar, onde a violência simbólica é pouco percebida.

4.1 Trabalhando com os Dados Qualitativos

No início das entrevistas, a maioria dos professores, professoras e funcionários entrevistados percebem na escola um ambiente muito favorável ao trabalho, existindo um “clima” de alegria e satisfação no ambiente. Os professores (as) sentem-se autônomos (as). Na opinião deles os alunos (as), de um modo geral, vêem no CODAP a sua segunda casa e todos têm muito orgulho de estudar lá. Como disse uma funcionária: “Aqui é uma família”. As professoras esclarecem:

Muito harmônico... Claro que a gente tem um aluno que não vai com a cara do outro, né... E... Isso é natural... Ou por inveja, ou por ciúmes e talvez ele nem tenha identificado esse sentimento, né, ou por se sentir feio ou bonito ou o outro é mais atraente ou não é.

Uma coisa que eu percebo é que eles entram pra cá e consideram isso como uma irmandade e tem um grande orgulho de fazer parte do Colégio de Aplicação, de serem chamados de alunos CODAP, eu percebo. Então, é como se quando entrassem aqui fossem irmãos e todos os irmãos têm seus

altos e baixos, às vezes tão se estapeando, mas como um todo você vê que eles se protegem, eu percebo isso quando às vezes eu saio daqui, vou pegar ônibus e tal... uma vez eu dei uma aula aqui no sábado, voltei pra casa de ônibus e tinha um monte deles, porque teve aula pra várias turmas e todos eles cantando, felizes e tal, todos eles com um senso assim de orgulho e tal de tá vestindo aquela camisa de tá fazendo parte daquele colégio. Então eu vejo a rivalidade, nesse caso, como uma coisa positiva entre eles, não vejo uma rivalidade de ódio entre turmas e tal...

O bom clima escolar transparece na vontade que os alunos têm de permanecer na escola. Apesar de existirem os grupos, uma professora acha que a relação deles é muito boa, pelo fato de a escola ser pequena e de todos se conhecerem. No depoimento abaixo, a professora deixa claro o prazer que os alunos sentem quando estão no colégio.

Eu acho que eles são muito integrados, eles gostam de ficar no colégio... Você pode perceber que tem aluno que fica aqui o dia todo, tem aluno que estuda no ensino fundamental que vem no período da tarde, tem aluno do ensino médio que vem de manhã, então eu acho que esse clima do Colégio de Aplicação é muito favorável e no geral eu percebo que eles superam essas dificuldades que do conflito de relacionamento mesmo, é lógico que eu percebo que é com o tempo mesmo.

Pode-se perceber, na entrevista com o diretor, certa preocupação com relação às mudanças no processo de seleção dos alunos do CODAP em 2010. O diretor explica essa mudança e faz uma análise: *A gente vai passar agora por uma transformação, a gente vai mudar agora para sorteio público, e no sorteio público a gente vai trabalhar com outro tipo de realidade, e nós não temos, assim a gente faz umas previsões, mas a gente tem primeiro que experimentar e observar pra poder fazer ai então essa ou aquela comparação.* O diretor explica que os alunos selecionados pelo sistema anterior (prova) eram noventa e cinco por cento oriundos de escolas particulares e apenas cinco por cento de escolas públicas. Sendo assim, o cenário da escola era de alunos muito bem alfabetizados, com um bom nível econômico e, com a mudança para sorteio público, o CODAP terá uma realidade igual a das escolas públicas, o que ele acha muito benéfico para os professores estagiários: *a gente como laboratório aqui da universidade, a gente tá recebendo sempre estagiário, a proposta é diferente aqui.* Um professor dá a sua opinião sobre o perfil dos alunos que estudam no CODAP atualmente, e o outro fala da competição que existe entre eles:

A maioria vem assim, de uma família que tem pelo menos alguma estrutura de funcionamento, a maioria né, não todos, é claro, Porque... até porque são pessoas que passaram pelo CODAP pré-seleção pra entrar, então eles têm uma educação que mesmo que tenham alguns alunos que venham de escola pública mas que têm aquela família que dá o apoio, vieram de uma escola que era organizada, então eles têm uma certa... não era aquela coisa, vamos dizer, louca, que quebra tudo, vai a hora que quer, aquela violência maluca,

ou aquela coisa que grita, não, são como jovens normais, querem reivindicar seus direitos, eles têm muito essa coisa de ah vou fazer um abaixo-assinado, então eles querem muito fazer essas coisas e a dificuldade que têm é de realmente intolerância em relação ao outro.

...aqui eu acho que muito no comecinho, como eles são, às vezes os melhores das escolas que eles vieram, eles entram, até esse ano entraram por seleção aqui, por prova, então eles são muito acostumados a serem os melhores, então, quando chegam aqui principalmente desde pequenininhos há uma competição muito grande entre eles.

4.1.1 Manifestações de Preconceitos/Intimidações na Escola

Como foi dito no depoimento acima, assuntos como intolerância ao outro, preconceito e suas diversas manifestações aparecem na fala dos (as) entrevistados (as) quando eles (as) relatam que muitos (as) alunos (as) sofrem (apesar do bom clima da escola) por serem baixinhos, homossexuais, gordos ou por serem diferentes em algum aspecto físico ou emocional. A violência simbólica sentida por alguns alunos vai sendo percebida pelos docentes e verbalizada pelos alunos, como parte do cotidiano da escola. A intolerância ao outro, que é um problema que existe não só na escola, como também na nossa sociedade em geral, é relatada no depoimento abaixo:

...e a questão da intolerância com relação à opção sexual é uma coisa presente na sociedade e eles só tão reproduzindo, então o clima é mais ou menos esse a gente não vê a questão da agressão física, não é um clima tenso, não é um clima tenso de violência como existe em outras escolas que eu trabalho, mesmo com crianças, porque eu acho que são famílias mais organizadas e isso vem muito do contexto onde você tá, né, aí já vem com isso, mas é... existe essa violência da exclusão.

Outro professor complementa a idéia acima dizendo: *se há violência aqui é mais nesse sentido de... de... exclusão, intolerância, apelido né, e junto com tudo isso vem a questão do xingamento.* A psicóloga dá um exemplo em que um aluno era intimidado pela turma, recebia apelidos com frequência por ser gordinho e ter trejeitos de homossexual (segundo os colegas). Este fato fez com que o aluno perdesse a vontade de ir para a escola e piorou ainda mais a situação quando:

No final da aula cercaram ele aqui fora da escola, toda a turma, foi uma coisa impressionante, uma turma de trinta alunos, né, ter vinte e cinco alunos ao redor dele intimidando o aluno, dizendo que iam bater, não chegaram a agredir mas intimidando ele “quem mandou você ir lá na orientação” esse tipo de coisa sabe? E aí esse aluno foi pra casa nesse dia e aí no outro dia ele não queria aparecer aqui de jeito nenhum.

4.1.2 Violência na Escola

Apesar de as agressões físicas não serem constantes no cotidiano do CODAP, elas acontecem em alguns momentos e são citadas, abaixo, nos depoimentos dos professores:

O professor saiu da sala, pra buscar um piloto né, um pincel, quando nesse intervalo o menino deu um soco numa menininha, do olho ficar realmente inchado, no outro dia o olho tava roxo.

[...] uma vez tava lanchando ali na cantina e vi de repente dois alunos que começaram a brigar, a brigar de murro mesmo, dois homens grandes, maiores do que eu [*risos*] e eu não consegui chegar nem pra separar. Na hora que eu chego é que eu vejo que são crianças, mas porque são maiores do que eu fiquei assim sem ação, porque eu nunca imaginei aquela situação, um deitou por cima do outro, eu fiquei ‘minha gente, parem’ não sei o que...

Este tipo de violência que acontece na escola, citado acima, é segundo Charlot (2005b) um tipo de violência que poderia acontecer em qualquer outro local, mas que foi produzido no espaço escolar.

De acordo com o diretor do CODAP, há casos raros e isolados de violência física na escola e quando os agressores são identificados, seus pais são chamados para conversar. Segundo o diretor, é mais comum acontecer certas brincadeiras quando os alunos estão em grupos por se sentirem mais corajosos. Ele cita um caso que aconteceu no primeiro semestre de 2009:

[...] teve um problema de um aluno que teve um objeto roubado ele ficou revoltado, começou a derrubar as carteiras, a agredir com os colegas e... E... Na bolsa dele ele tinha um ... aquele negocio de kung fu, que é uma haste, duas hastes, uma corrente e nas extremidades duas hastes de madeira e que fica fazendo aquele gesto do kung fu, e segundo alguns alunos relataram que ele tava ameaçando alguns colegas. [...] Não tinha prova nenhuma, ai eu falei olha você não pode acusar... Inclusive ele começou, no outro dia, aonde esse suposto colega chegava, “olha o ladrão!” Ai tivemos que chamar ele novamente porque ele não poderia fazer aquilo, não é? E comunicamos a família e houve então... Nós contornamos. Mas eu diria a você que são casos que acontecem de forma isolada.

Na percepção de alguns professores, muitas agressões físicas são desencadeadas por motivos simples que poderiam ter sido resolvidos de outra forma. Espera-se que, com o processo de socialização e educação, o comportamento agressivo se reduza ao longo do tempo. Nos depoimentos abaixo, os professores exemplificam como acontecem as confusões no dia-a-dia:

Nas séries mais... eu diria sexto ano, tem um pouquinho mais de violência física, assim... é... acho que tem essa questão assim que empurra, bate, sabe? Tem muito isso, eles frequentemente, diariamente têm problemas assim.

Mas todos eles são motivos muito bobos, muito bobos “ah pegou minha borracha e não devolveu; pegou minha mochila e eu pedi pra devolver e não devolveu...” coisas bobas.

É... aquela discussõzinha boba, você é isso, você é aquilo, pra qual a gente vai fechando os olhos e de repente vai se tornando uma coisa maior e principalmente pra quem é o agredido porque quem tá agredindo não sente mas quem tá recebendo tá sentindo e tá se formando de acordo com aquilo que tá recebendo, ou criando uma couraça, ou ficando agressivo.

4.1.3 Tipos de Violência Velada na Escola

Como afirma Abramovay (2003), são diferentes os tipos de violências que podem atingir o indivíduo na escola. A violência velada, como o preconceito e as intimidações, são assuntos preocupantes que se manifestaram na fala dos entrevistados. Na verdade, a preocupação de docentes, direção, coordenação e psicóloga sobre o tema é pelo fato dele ser camuflado no CODAP. Por existir um clima de orgulho e satisfação dos alunos por fazerem parte da instituição, aparentemente os problemas de relacionamento não existem e, quando acontecem, são por brincadeira. Um professor manifesta a sua preocupação quando fala do preconceito, e de como este deveria ser trabalhado na escola:

Eu acho, por exemplo, que a gente devia reconhecer aqui na escola e trabalhar sobre os preconceitos... então eu acho que a escola não conversa sobre isso com seus alunos e eu acho que essa é uma coisa que a gente deveria inserir na escola, dentro das disciplinas, de orientação educacional na sala, e dentro das outras disciplinas também, que seja discutido o preconceito contra o negro, o preconceito... qualquer que seja ele, com o homossexual, com o gordinho, qualquer que seja o preconceito ele tem que ser falado, discutido porque senão a gente pensa que não existe e ele fica velado, escondido e camuflado, porque ele existe por mais que tenha muita gente que ache que não existe preconceito na escola.

Ao falar sobre a violência velada no CODAP, o diretor se lembrou de um fato que ocorreu com ele em 2008, quando foi elaborado um regimento do aluno em forma de um manual, e ele tentava colocá-lo em prática:

Tivemos uma reação por parte de alguns alunos que foi, como todo mundo tem Orkut né, colocaram uma foto minha de Hitler, né, [risos]. Ai alguns meninos me falaram e eu fiz olha... Fui lá tirei uma cópia da foto, fiz ctrl C ctrl V, e fiz um questionamento: É ditadura ou democracia aplicar o

regimento da escola? E deixei lá... Então houve uma discussão e vários alunos se posicionaram de diferentes maneiras.

O diretor dá mais alguns exemplos de violência velada, como a não aceitação de uma aluna em grupo de rock da escola porque ela era “emo” e a rejeição por parte de uma turma por uma aluna novata e complementa: [...] *então, isso é um tipo de violência velada, ora, você por se achar diferente tá excluindo a sua colega, por ela ter uma opinião diferente da sua, então isso pode acontecer.* Concordando com o depoimento acima um professor fala da questão dos grupos:

Aí eles têm as amizades, têm os grupos, acabam se tornando grupo né, que é aquela coisa de adolescente, mas aí um grupo pra dialogar com o outro é muito difícil, inclusive na sala eles falam assim “ah, aquele grupo é dos roqueiros” que vão se formando né? Ou “não, naquela sala só tem emo” e aí já vão criando códigos e as exclusões, e até muitas vezes é com diminuição mesmo, entendeu, já no sentido pejorativo.

De forma velada, a violência aparece na intolerância ao outro, nos trabalhos em grupo, nos apelidos maldosos e no preconceito à opção sexual do(a) colega, entre outros. A psicóloga relata abaixo um exemplo de aluno que é agressivo porque ele sofre preconceito na escola:

Um aluno que eu acho que ele é um dos alunos que é... uma vítima também do preconceito, e aí ele por conta disso também e de outros motivos ele é agressivo. Então eu já presenciei várias vezes ele sendo agressivo, violento mesmo com o colega, não só verbalmente, mas também agressivo fisicamente também. Eu acredito que uma das causas dessa agressividade com os colegas é pelo fato dele ser vítima do preconceito. Ele é rejeitado, quando vai formar grupo não querem que ele participe do grupo, né, coisas assim, o professor pediu pra entregar um livro aí ninguém queria segurar o livro dele, sabe como é, então ele sente a rejeição da turma.

São significativas as palavras do aluno que foi citado acima pela psicóloga: *É... geralmente começa com apelidos... E depois vem as fofocas... Ficam, assim, difamando as pessoas. Não é só eu, mas todo mundo sofre com isso.* E depois ele explica porque está sempre envolvido em confusões na escola, ele relata que é vítima de brincadeiras de mau gosto, fofocas e difamações e isto vem acontecendo desde que entrou na escola, há quatro anos: *porque, assim, eu me defendo né, das agressões por parte dos meus colegas. Eu nem todas às vezes posso ser paciente, né, aí eu me defendo* Ele cita os apelidos: *E eu não sei porque... Quería entender. Que eu sou pornográfico, obsceno, é... Macho man, inventaram esse apelido um dia desse.... que eu sou violento... Nada disso é verdade.* A questão da sexualidade preocupa um professor que segundo ele, existe muita falta de respeito à escolha sexual do colega, muitas gozações são feitas por causa disso:

Então eu percebo um ataque enorme em cima de alguns alunos especificamente que os já mais velhos acabam indicando e apontando como sendo homossexuais, afeminados, frescos, esse tipo de coisa. E muitas vezes a criança nem é, ela tá em desenvolvimento, ela tá crescendo. Ah, olha a bichinha, ói ela, foi o viadinho ali... é essa a postura, então eu presencio muito isso e isso já gerou situações de coordenação, de pais aqui na escola, de aluno ir pra sala da coordenação chorando...

A intolerância ao outro é muito forte também e claramente identificável pelos professores no momento de divisão dos grupos para os trabalhos. Alguns professores têm dificuldade em dividir a turma em pequenos grupos porque, geralmente, os (as) alunos(as) que têm dificuldades se sentem excluídos. Segundo o depoimento de uma professora, foi difícil passar por uma situação na sala de aula em que ela colocou um aluno que tinha algumas dificuldades com uma menina: *a menina chorava que não queria fazer grupo com um menino porque esse menino ele é mais distraído, ele é mais brincalhão... e o menino na frente dela e ela dizendo eu não quero, eu não quero e chorando e eu ficava, Meu Deus! E essa criança passando por isso, por essa violência.* A mesma professora relatou outra situação em que a aluna excluía o colega porque a mãe dela não queria a amizade dos dois pelo fato de o aluno tirar notas ruins. A professora mudou o aluno de grupo: *Aí eu passei ele pra outro grupo, mas só essa questão de ficar passando de grupo em grupo já é uma violência, entendeu, já uma situação constrangedora e uma rejeição muito forte.*

Outro professor ficou surpreso com a expressão usada pela aluna no momento de escolher o seu grupo: *“ah, eu prefiro fazer sempre carreira solo”, aí eu: “carreira solo?” “é fazer o trabalho sempre só”* então o que acontece é esse tipo de intolerância ao outro, principalmente quando ele não consegue render tanto quanto ele. Este problema na sala de aula é percebido por esta professora que relata a dificuldade e a necessidade de se trabalhar em grupo, e diz como é constrangedor escutar o aluno dizendo: *...não, não quero fazer com fulano não, que ele foi posto pra fora da sala...* ou *“Não, fulano não, que ele é burro”* humilhando... uma vez chegou uma menina na sala *“ô irresponsável, você trouxe tal coisa?”* Os alunos mais excluídos são aqueles que têm alguma dificuldade de aprendizagem ou aqueles que não tiram notas boas porque falta interesse. E então, segundo a professora acima, é difícil mediar a situação e incluir a pessoa no grupo: *porque tem vezes que os grupos todos se formam e aquela pessoa fica lá, fora...*

Os apelidos e rótulos são comuns no colégio, alguns alunos, na opinião dos (as) docentes, não se importam com eles, porém, em alguns casos os apelidos causam constrangimento a quem os recebem. Os motivos para receber apelidos pejorativos podem ser por causa da estatura, por estar acima do peso, por causa dos óculos, cor da pele ou alguma outra característica que faça com que o outro ou o seu grupo seja considerado diferente. Um

professor percebe o constrangimento de um aluno por ele ser muito baixinho e vítima de preconceitos:

Agora tem um outro menino que também entrou esse ano que também tem uma estatura pequena e falam muito dele, e esse menino é muito retraído, ele é muito fechado, mas como ele tem uma coisa de descendência oriental pode ser que seja o jeito dele e tal, ele não gosta de muita conversa, ele não gosta de muito papo, ele fica muito na dele mas ele foi, pelo menos quando chegou, o pessoal foi muito em cima dele pelo tamanho dele e tal, muito franzino e pequeno. Aí comparava até com o outro menino “ah tá vendo esse aqui, ganhou até de fulano de tal, é mais baixo, ganhou!”, e isso abertamente.

O aluno baixinho, citado pelo professor acima, disse na entrevista que tem um apelido na escola e que isso é uma coisa normal no CODAP e complementa:

Tem uns que falam normalmente... E tem outros que ficam fazendo palhaçada, mas eu acho que isso é normal, porque fazem isso com todo mundo[...] Me chamam de formiga...Eu não ligo não... Me incomoda só.[...] Eu acho que é pra incomodar... às vezes brincando, às vezes é pra incomodar.

Outra coisa que o deixa incomodado é o fato de tirarem fotos dele na escola sem a sua permissão, ele não sabe por que fazem isso: *Eles pedem pra tirar ai eu não quero e eles ficam teimando...*

Na maioria dos depoimentos, pode-se verificar que os alunos vítimas de alguma situação desagradável na escola, são também agressores. Eles usam a agressão como forma de defesa. Então, não é diferente com o aluno do depoimento acima. Ele assume que implica também quando mexem com ele, mesmo sabendo que não vai resolver o problema: *É, quando eles implicam comigo, ficam me chateando, eu chateio eles também. Eles colocam apelido em mim e eu coloco neles. Se eles tão fazendo alguma coisa, ai eu faço a mesma coisa com eles.*

Um professor dá um exemplo de como a violência simbólica pode crescer como uma bola de neve:

...por exemplo, acho que foi no ano passado, tinha uma série que tinha uma menina que era bastante discriminada nesse sentido ela era muito apelidada, em contra partida ela também era muito violenta com os meninos, então havia perseguição até fora da escola, no terminal os meninos iam atrás dela e tal. E a relação deles ficou muito ruim, eu não lembro quais eram os apelidos dela e tal só sei que ela sofria muito com isso.

Um aluno que é vítima de apelidos pejorativos e fofocas com relação à sua sexualidade disse que se defende da seguinte forma: *Revido. Eu sempre falo alguma coisa, eu*

revido verbalmente. Este outro aluno disse que procura ignorar as provocações que recebe na escola, mas às vezes se defende: [...] é quando a pessoa me xinga de alguma coisa, e eu também xingo ela de outra coisa, apesar de isso ser errado, mas quando eu fico com muita raiva... aí eu faço isso.

Sobre a questão dos grupinhos, um aluno entrevistado se sente muito sozinho e desprezado, ele acha que isso acontece por causa da sua cor e explica que este ano as coisas estão melhores, mas que no 6º ano um colega ficava com preconceito e o chamava de negro, até que reclamou na coordenação e a situação melhorou. O aluno menciona não gostar quando falam mal dele nos grupinhos:

É porque assim, os meninos, principalmente da minha sala, ficam ali num grupinho falando dos outros, tal e tal, e ficam falando de mim também. Agora o que exatamente eu não sei, só ouço meu nome pra lá e pra cá e ainda ficam olhando feio pra mim. Não tenho nada contra eles e eles ficam falando coisa a meu respeito [...] Eu ouvi foi, assim, um menino chegou aí tava falando com outro, falando sobre mim com outra pessoa aí disse “aquele nego safado”. Eu vou pensar o que? Tá falando sobre minha cor né, a respeito, porque o menino é branco e fica falando mal dos outros.

Uma aluna relata que recebe apelidos pelo fato de ser gordinha: *É porque eu sou gorda né, aí sempre me xingam de baleia, de não sei o que, ficam tirando onda.* Ela entrou na escola no ano passado e desde então este fato vem ocorrendo. Os meninos mais velhos e da mesma sala são os que mais a incomodam. O problema acontece também na sala de aula: *Tipo assim, na sala eu falo alguma coisa e levo uma sobrada, eu sempre tenho que levar uma sobrada, entendeu? É quando eu falo uma coisa e a pessoa vai lá e fala outra, pra me cortar entendeu?* A aluna explica que para se defender, acaba colocando apelidos também: *Não... Assim... Não gosto, mas tem vezes que eu boto sabe É, nos que botam em mim, porque assim, eu não tenho nada contra ninguém, aí quando tem alguma coisa contra mim eu também não posso ficar quieta, né.* Ela termina a entrevista dizendo como se sente na escola: *Ofendida né, é horrível. Eu falo com a minha mãe pra falar pra Helma (psicóloga), tem vezes que eu falo pra ela, mas não adianta. Eles continuam fazendo... É, eu saio daqui chateada.*

Constrangimento parecido sofre outro aluno, também por estar acima do peso. Afirma que: *Ah, eles me chamam de gordinho, só porque eu sou gordinho, chamam de baleia, de chupetinha de baleia... Bojãozinho... Bolotinha... Tipo, tem gente lá na sala que empurra, fica empurrando.* O aluno relata que as provocações acontecem na sala de aula, com ou sem a presença do professor, e revela a reação deste: *Às vezes me chamam alto, assim “Bolotinhaaaa!” E o professor não faz nada, como se não tivesse escutado.*

Como a aula de Educação-Física é um momento mais descontraído, acontecem, segundo a professora entrevistada, manifestações de falta de respeito entre os colegas, como é abordado por ela abaixo:

Mas assim, tem meninos, por exemplo, tem um que gosta muito de dançar e de cantar. E ele rebola bastante e a gente tem sempre na aula um momento, que é começando a aula, que é um momento de poesia, então alguém traz uma música, alguém traz alguma coisa. E esse menino ele vive cantando, e ele rebola e tal, e ele vive muito com as meninas. E aí às vezes, os meninos ficam ‘ai, menininha’ sabe? Brincadeira assim, com essas coisas... É... aí começa a criar essas rejeições e essas gracinhas por ele ser desse jeito.

Uma aluna diz que os apelidos acontecem mais na aula de Educação-Física, pois segundo ela: *Mais na educação física, com os meninos de outra sala, né, porque ali na quadra fica tudo solto...* Ela está se referindo aos apelidos de Jurassik park, baleia, gorda, por estar acima do peso. Ela relata que, na escola, procura ignorar os apelidos mas que chora quando chega em casa.

Outros professores mencionam como os alunos homossexuais sofrem o preconceito por causa da sua escolha sexual. Uma professora precisou parar a sua aula para conversar com os alunos, numa turma em que dois alunos, segundo ela: *tem um jeitinho, né, de homossexual*. Ela conversou com eles sobre a importância de respeitar as diferenças de um modo geral não só sobre sexualidade, pois, segundo ela: *um dos garotos disse que os meninos ficavam chamando ele de homossexual e tal, aí eu parei na turma pra conversar, mas por que isso?*

No depoimento abaixo um professor que ouviu falar de um caso de preconceito no oitavo ano contra um aluno homossexual, disse que não fez nada porque apenas ouviu falar, como ele esclarece abaixo:

É aquele caso assim de preconceito não é, eu não sei se isso é considerado *bullying* [é, é...] é um preconceito, assim, devido a sexualidade dele, aí já ouvi falar. Me parece, é como eu tô te dizendo, eu escutei e tal, chegou até a mim assim e eu também ignorei não é? Assim, que ficam apelidando ele, que ficam chamando ele de *gay*, essas coisas assim.

Um aluno relata se sentir muito constrangido com as fofocas a seu respeito e, segundo o seu depoimento, um colega inventou na escola que ele assumiu no ônibus a sua homossexualidade e ele disse que nunca falou desse assunto com ninguém. Em sua opinião, as pessoas inventam essas mentiras para ridicularizar o outro e para ser popular na escola. Este aluno procurou a coordenação para falar sobre o que estava acontecendo com ele, depois disso o mesmo começou a faltar às aulas, foi quando a sua mãe entrou em contato com a

escola para saber se o filho estava com algum problema [...] *ai a coordenadora que já sabia que eu andava meio triste porque tava sendo discriminado aí ela pegou e contou pra minha mãe, ai minha mãe ficou sabendo disso.* Além do boato sobre a sua sexualidade, ele relata como os apelidos começaram na escola. O apelido *Biba Boi* começou porque ele se sentou numa cadeira que tinha o desenho de um boi. Outro problema, segundo o aluno, foi quando: *a professora se atrapalhou me chamou de Luiza, ai pronto, passaram quase um mês me chamando de Luiza.* Ser motivo de piada é muito constrangedor também, como acontece às vezes: *Tipo, contavam uma historia e ai colocavam meu nome, ou uma piada ai diziam, isso ai é Luís.*

Não são só os problemas como preconceitos, apelidos e discriminações que fazem parte da realidade da escola pesquisada. Um caso de intimidação, contado na entrevista abaixo, deixa claro como o medo em contar para um adulto só dificulta a resolução do problema. A aluna conta:

Tem uma menina do sétimo B, que toda vez que ela me vê ela faz “me dê o seu lanche” ai eu digo “não mulher, que eu acabei de comprar agora, tô com fome e tal” ai ela “me dê se não eu derramo seu suco” ai eu dou a metade pra ela.

Na sua entrevista, a aluna acima disse que tenta driblar a colega, comprando o lanche em algum horário vago, mas às vezes não dá certo: *porque ela foi lá na sala e fez a mesma coisa.* A aluna acima sente muito medo da colega e não consegue se defender e nem pedir ajuda. Outra coisa que ela não gosta é de ser fotografada sem a sua autorização, ela relata:

A pessoa chega com a câmara e diz: olhe pra cá, ai eles acabam tirando foto de situações bizarras [...] Teve uma que eu tava com uma cara, muito sei lá... Eu tava falando ai fiquei com uma cara horrorosa. Tem umas que botaram no Orkut mesmo.

Estas coisas que acontecem no CODAP são consideradas como “brincadeiras” por muitos alunos e até mesmo por alguns docentes e funcionários.

Na opinião dos(as) entrevistados(as), são várias as causas que podem levar o aluno a agredir, humilhar ou desvalorizar o(a) colega. Eles(as) citam o preconceito existente na sociedade e na própria família como principais causas que podem levar à violência e à intolerância ao outro. Os(as) docentes explicam que não dá para separar a sociedade da escola, a moral e os valores que estão na sociedade entram na escola também. A nossa sociedade é machista e preconceituosa, na opinião de uma professora, que complementa este pensamento:

Há algumas pessoas na sociedade que conseguem escapar disso a partir do momento em que elas se percebem no ambiente, na sociedade, elas se percebem e aí elas conseguem notar então que determinadas coisas não são importantes pra ela, então o aluno vai trazer isso sim, porque ele não vai ter essa capacidade e se perceber no ambiente, na natureza, ele como indivíduo, como sujeito nas relações, ele não consegue, ele traz o que é passado pra ele, o que é ensinado pra ele, tá no processo reflexivo, ele não consegue romper com a moralidade e muita gente morre sem conseguir romper com a moralidade, né, então eu acho que todos os nossos problemas preconceituosos caem com relação a nossa moralidade, que tá na sociedade em que a gente tá inserida e a escola não tá fora disso...

Um professor, no seu depoimento, diz ser muito preconceituoso e se surpreende com seus próprios pensamentos: *“oxe, eu num penso isso, porque que eu pensei isso agora” Às vezes até a gente se surpreende.*

Em outro depoimento, o entrevistado diz que o preconceito que está em nós é, na verdade, cultural e que muitas vezes não temos consciência de que estamos maltratando o outro por ser uma coisa arraigada na nossa sociedade. Outros acham que o problema está na intolerância ao diferente, porque olhamos a vida com uma ótica individual: *o outro que é o diferente é o errado, então, algumas vezes eles vão querer se separar e algumas vezes eles vão querer agredir.*

A televisão, na opinião de alguns entrevistados é uma formadora de opinião e quem não se encaixa nos padrões estabelecidos vai ficando de fora, excluído. Ela cita o exemplo da novela das oito para mostrar como são passados alguns valores como algo normal:

O menino faz uma violência e o pai estimula então ali também é uma forma... sabe, essa novela de oito horas, o pai fica ah, faça uma brincadeirinha, besteira, você joga o extintor de incêndio na pessoa e depois cê sai correndo com o carro, sabe, e ele faz, ah que legal vamo treinar filho aí eles vão vendo e de repente vai... vai incorporando então, a novela é isso aí... e... e... tudo, tem essa questão da família .

A família é vista como grande responsável pela indiferença e falta de respeito de uns com os outros na sociedade. A agressividade vivenciada em casa é reproduzida na escola, na opinião de um entrevistado e do diretor: *Então ele não consegue na sua casa, vamos dizer assim, reagir a uma determinada agressão que ele tá sofrendo, seja física ou moral ou por algum problema de estruturação da família, e termina tendo como sua válvula de escape a escola, a sala de aula, os colegas, então eu acho que esse poderia ser um dos fatores.*

Outro professor menciona a falta de tempo dos pais para orientar os filhos e complementa:

Quando a gente não é orientado em casa a gente se comporta no meio social, aqui na escola, de uma maneira totalmente diferente, por que? Porque nós não tivemos orientação em casa. Ah! mas o papai não tem tempo, trabalha de manhã, trabalha de tarde, a gente não almoça junto, aí eu digo e a noite? Porque os pais da gente têm que encontrar um tempo pra gente, não é?

A discriminação ao outro e a não aceitação das diferenças se aprende em casa também, na opinião de outro entrevistado:

...e muitas vezes isso vai da estrutura familiar, tipo, eu já vi mãe dizer ‘ah, eu não quero que você ande com gente que tira nota baixa não’; ‘ah não quero que você ande com gente que conversa não’, então vai incutindo alguns valores que gente que conversa não merece a sua amizade, se ela não merece a sua amizade ela é inferior a você e isso é também uma forma de violência.

Ao falar sobre a percepção que os (as) docentes têm sobre os alunos, eles se remeteram a algumas questões como: entrada dos alunos no CODAP no 6º ano e liberdade dos alunos, visto que a escola não possui portões. A maioria dos professores (as) acha que os alunos não têm maturidade para lidar com tanta liberdade e que a escola deveria ter um porteiro para controlar não só a entrada e saída dos alunos, mas de todas as pessoas.

Eu tenho muito medo dessas coisas de achar tudo muito natural, muito normal, a liberdade excessiva, eu tenho muito medo porque isso é muito confundido, porque os meninos tão em formação e a liberdade exagerada leva a uma situação descontrolada. É a falta de respeito que gera a violência.

Eu acho que, primeiro, eles tão saindo de uma quarta série pra quinta, ou seja, de uma professora pra nove, oito, é uma mudança grande, tanto faz se tivessem numa particular ou numa pública, o choque ia ser o mesmo. Outra coisa é o fato mesmo de tá saindo de uma particular pra uma pública. Terceira é o fato da escola ser aberta, muito deles, ou a maioria, não estão acostumados a sair pra ir ao banheiro e se sair daqui o portão tá aberto, ele pode pegar um ônibus e ir pra onde quiser, se ele quiser pedir pra ir ao banheiro e não voltar mais ele pode, não tem ninguém controlando.

Sobre este assunto é muito importante a opinião do diretor da escola quando ele fala da estrutura física do CODAP e da liberdade dos alunos:

A gente não dispõe aqui no colégio de um porteiro, de um inspetor de disciplina... Você vê que há apenas a coordenação, os professores e os diretores, mas a escola é aberta, e você vê que a maioria dos alunos estão na sala de aula, tem alguns poucos que infelizmente, não vou dizer

infelizmente, vou dizer que faz parte da educação, o aluno muitas vezes não aguenta ficar lá cinquenta minutos sentado.

O diretor explica que o grande desafio da escola é criar estratégias para que o aluno fique na sala de aula, motivado, interessado, sentado. Porém, aquele aluno que optar por não assistir às aulas (o que é contra o regulamento) terá que arcar com as consequências dos seus atos:

Mas eles percebem, eles vão amadurecendo e vão criando essa responsabilidade, eles percebem que eles é que são responsáveis por lá na frente acontecer algum tropeço, ou alguma cobrança, “bom fui eu que optei por não estar na sala, mas eu vou ter que arcar com essa responsabilidade”.

O que se percebe na fala do diretor é que, apesar de existir sempre a preocupação se os alunos estão ou não na sala de aula ou de ser chamado de ditador, por exigir o cumprimento das regras, os alunos amadurecem com o tempo, adquirem autonomia e responsabilidade.

4.1.4 Violência da Escola

Este assunto leva à discussão sobre a violência da escola, isto é, como o aluno precisa se enquadrar às normas, horários e regras. Charlot (2005, p.127b) explica a violência da escola como “uma violência institucional, simbólica, que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam”. Na opinião de um professor, as regras são importantes e necessárias, porém, na opinião dele, os alunos deveriam ser convidados a participar da sua elaboração e complementa: *mas como elas são universais, elas são postas num pedestal, elas muitas vezes tiram a chance de fazer com que o aluno também contribua com a formação, com a estrutura, com a montagem das regras que poderiam valer e serem montadas também com a contribuição dele.*

Sobre este assunto, a psicóloga comenta como a escola pode ser cansativa no seu cotidiano:

Você corta sua infância, né, então o que eu vejo aqui no Colégio de Aplicação é que a estrutura dele corta mesmo a infância, corta aquela coisa natural da adolescência, então eles têm que ficar o tempo todo sentados [...] e eles têm esse intervalo de quinze minutos que mal dá pra lanchar, né, e agora que eles reivindicaram mais cinco minutos e eles têm um intervalo de vinte agora [...] ninguém aguenta! A gente que é adulto não aguenta, sai, levanta, conversa, como quer que uma criança aguente? Então, tem essa violência toda por parte da escola...

A violência da escola já é tão arraigada, que nós nos acostumamos com ela e não a percebemos como maléfica no dia a dia da escola. Como dizem os depoimentos abaixo:

E às vezes a gente perde essa noção de que a gente tá querendo enquadrar o aluno num comportamento, numa forma de ser que não é a dele e que talvez não seja a melhor também, você pegar e transformar os alunos em iguais é uma violência também o que a escola faz com o aluno.

E tem uma outra violência que eu gosto de falar dela, que é uma violência da escola para com o aluno, é uma violência simbólica não é, porque a gente violenta nossos alunos para que eles fiquem moldados, fiquem naquele padrão e quando o aluno foge do padrão vira um problema pra orientação não é?

4.1.5 Definição do Termo “Violência”

Se o conceito de violência é muito amplo e não existe um consenso entre os estudiosos, também as opiniões dos (as) docentes e funcionários (as) foram bastante diversificadas. Uma professora disse que o termo “violência” é muito pesado, na sua concepção violência: *é quando você agride fisicamente ou agride moralmente, aí seria uma forma de violência, eu acho.* Na opinião de outra professora, violência é qualquer ato que agride a capacidade do outro de ser como ele é e de se expressar. Um professor questiona onde está o limite do desrespeito, na opinião dele a violência acontece quando este limite não é respeitado, quando ultrapassa o limite tolerável. A questão do limite e do respeito ao próximo é comentado por uma professora também:

Todos nós sabemos os limites, até onde a gente pode ir, ou não. Então é a perda do respeito. Todos nós vivemos em sociedade, então acho que é dentro desse sentido, dos limites. Os limites são transgredidos. E é um pouco difícil quantificar e dizer, não, qual é o ponto X? Ou até qual é o nível em que você entrou no espaço dos outros, que é uma coisa bem maleável.

No decorrer das entrevistas o termo “violência” apareceu várias vezes na fala dos entrevistados. De maneira bem ampla, todos deram as suas opiniões e devagar o termo foi tomando dimensões maiores. A violência deixa de ser somente física ou verbal e entra nas relações, aparecendo de maneira simbólica e atrelada à moralidade.

O diretor relata sobre a violência simbólica que acontece nas escolas, nas relações entre os alunos e entre professor-aluno e vice-versa. Ele cita as intimidações como uma violência: *você é gordinho, você é uma baleia, você é isso, você é aquilo, eu tenho isso como uma violência né.* E na relação professor-aluno ele percebeu muita violência simbólica na sua experiência em escolas municipais:

De chamar o aluno de burro, de dizer que você é um malandro... Ou, você não tem futuro, o que é que você tá fazendo aqui na escola? [...] Não tô querendo dizer que aqui no Aplicação também não tenha, algumas vezes, esse tipo de colocação, tá entendendo, esse tipo de ação que é de certa forma uma violência e que é muitas vezes aquela violência velada, a gente chama de violência pedagógica, né, eu quero me impor na turma então eu já chego fazendo aquele tipo de prova pra todo mundo tirar nota baixa e depois vou ficar jogando e controlando a turma, então é um tipo de violência.

4.1.6 Violência à Escola

No depoimento acima percebemos outro tipo de violência citado por Charlot (2005, p.127b) que é a violência à escola, “está ligada à natureza e às atividades da instituição escolar” e pode ser percebida também nos depoimentos abaixo:

Pra mim, tudo que diz respeito à falta de respeito e falta de educação eu acredito que seja violência, porque a escola é um ambiente de educação. Só pra dar um exemplo pra... Jogar um papel no chão é um ato de falta de educação, não deixa de ser um ato de violência contra o meio ambiente, com a pessoa que tá limpando, né, é um ato de violência também porque ele tá sendo... Não tá respeitando meu direito também de ter aquele lugar... limpo.

A violência do aluno contra a escola, por exemplo, depredação, como a gente teve agora um aluno que danificou o quadro da sala, pichou a parede da sala, então isso é uma violência à escola, à instituição, então eu considero como violência também.

Fora a violência contra o patrimônio da escola, que é uma coisa que porque eles destroem muito cadeira, mesa, porta, eles destroem o prédio, o prédio que é deles, eu acho que a violência escolar está muito ligada a essa falta de consciência deles de que os bens públicos são deles mesmos.

Apesar de a escola estar bem conservada na sua estrutura física, existem algumas situações pontuais de danos ao patrimônio, como algumas pichações, quadros, portas e birôs danificados. O diretor explica que os trincos das portas foram trocados no início do ano e que apenas uma ou duas portas ainda os tem. E ele explica:

Às vezes porque fecha com força... É aquela coisa de falta de educação doméstica. A gente orienta, a gente informa, a gente... Tenta dar a orientação, né, mas o aluno acha que porque é público então não é de ninguém, ai fecha como quer..., porque na medida em que eu vou ter que repor uma porta eu to deixando de comprar um DVD, um filme, um livro pra biblioteca...

Uma aluna fala sobre os trabalhos de artes que muitas vezes são destruídos pelos próprios alunos: *Por exemplo, quando os meninos deixaram a maquete na sala e quando voltaram tinham esbagaçado a maquete toda. Trabalho que deixam na sala, cartolinas, essas coisas, rasgam...* Ela complementa a sua fala com mais alguns exemplos: *questão de roubo, que tá tendo muito, principalmente lá na sala, e com as carteiras que riscam e tal, ou com o birô, que outro dia, por exemplo, os meninos estavam brincando de subir em cima aí o birô acabou caindo e quebrando...*

Os entrevistados, ao falarem dos vários tipos de violência que podem fazer parte do cotidiano escolar, deram muita ênfase na relação professor-aluno e nas situações de preconceito e falta de respeito que pode haver de ambas as partes: *existe muita agressão tanto deles mesmo quanto da parte dos professores, agressão em todos os sentidos.*

Um docente considera uma violência quando o professor não permite manifestações de opiniões diferentes da sua, ou quando ele tem preconceito com aquele aluno que não se saiu bem no ano anterior, citando exemplos: *'ah esse aluno, ele era um mau aluno no ano passado e ele vai continuar sendo um mau aluno sempre', uma coisa que existe muito, essa cultura entre professores 'ah, já tá reprovado' logo no começo do ano, né? Ou o aluno não tem jeito e eu deixo pra lá, então de uma maneira é uma violência, ele vai tirando nota baixa e eu não vou me preocupar, não vou procurar saber.*

Outro docente acha que o professor violenta o aluno quando manda que ele cale a boca, que saia da sala ou quando o proíbe de ir ao banheiro, como uma forma de mostrar a sua autoridade. O fato de o professor chegar para o aluno e tomar a sua borracha sem a sua permissão é também uma violência praticada pelo professor, na opinião de outro entrevistado.

Com relação à maneira como os professores são tratados pelos alunos, as entrevistas mostraram que a maioria dos docentes sente-se respeitados por eles, há uma relação de transparência porque as regras são colocadas de maneira clara: *nos primeiros dias a gente faz uns combinados, entendeu?* Diz este professor. Em outro depoimento, a professora acredita que os alunos respeitam os professores, por eles serem bem qualificados e por haver limites impostos pela escola, como:

[...] se ele quiser se manter aqui ele tem que entrar na linha, ele tem que tá dentro dos parâmetros da escola, a escola exige isso, a escola impõe ao aluno que ele venha uniformizado, que ele tenha as obrigações dele... tudo é muito esclarecido, desde que o aluno entra aqui na quinta série ele sabe, ele é respeitado no sentido de ser passado pra ele a prática didática do professor, como é que o professor atua, como é que a escola atua, como é que ele tem que atuar, como é a relação de professor-aluno, com relação a aprendizagem.

Na opinião de alguns professores, a relação saudável que existe entre alunos e professores não impede que os mesmos vivenciem situações constrangedoras, causadas pelo descaso e rejeição de certos alunos pelo conteúdo da aula. Segundo a professora, o aluno que age dessa forma não dá a oportunidade de o professor mostrar o que preparou para aquele dia, ele vai logo dizendo: *'ah, não quero, vou sair da sala'*. Segundo a docente, isso é uma violência que o professor enfrenta. Outro tipo de constrangimento vivenciado pelo professor, segundo outra docente, é quando os alunos acham que podem entrar e sair da aula sem pedir licença. Ela dá a sua opinião abaixo:

Eu acho isso uma forma de agressão e eu percebo isso muito aqui, mas eu comentei isso com alguns professores e alguns professores acham isso natural,... “não isso é normal”. Mas nos outros ambientes em que eu trabalhava isso pra mim não acontecia porque pra o aluno ir ao banheiro ou beber água, não que a gente não permitia, mas “licença professora, vou ao banheiro; licença professora vou beber água”.

Toda essa discussão sobre violência, relacionamentos, preconceitos, apelidos na escola, leva a outro questionamento que seria o limite existente entre brincadeira e agressão. Em que momento acontece o desrespeito prevalecendo uma violência simbólica sobre o outro? Os entrevistados têm opiniões diversas que vão das simples brincadeiras de idade às manifestações de *bullying* na escola. Alguns docentes e funcionários acham que os alunos apenas brincam uns com os outros e que eles não têm a consciência de que estão maltratando o(a) colega, como diz esta funcionária que trabalha na limpeza e tem muito contato com os alunos: *Assim, tem uns meninos que tem um jeitinho diferente né? Ai os meninos ficam perturbando né? Principalmente na hora do recreio [risos]. Ah eles chamam de boiola, essas coisas assim e eles já estão acostumados. Agem como brincadeira, porque é tudo criança né, assim, adolescente.*

Nos depoimentos de docentes, abaixo, se percebe que a brincadeira prevalece sobre o intuito de agredir:

...eles gostam de debochar um do outro, entende? Mas eu não diria assim de modo geral, são casos isolados não é, mas eles têm aquela mania de deboche, de ficar debochando do colega, ficar encontrando defeito em tudo que o colega faz, não é, isso acontece às vezes. Eu acho que é de brincar, é mais de brincar, eu acho que não é assim muita maldade não, assim no intuito de chamar a atenção de todo mundo, fazer uma gracinha, tirar uma brincadeira.

Eu acho que é mais brincadeira mesmo, é perturbação deles. Porque aqui o histórico da gente é diferente, os meninos entram aqui na quinta série e eles, é como se aqui fosse a segunda família... e sai no terceiro ano, então eles acabam tendo aí uma relação de amizade, existem grupos, é claro, que é normal se formar, mas a casa tem uma relação muito boa de amizade, de coleguismo mesmo, eu vejo assim, entendeu?

...só tem algumas agressões, assim, esporádicas dos meninos, uma brincadeira, mas.... Mas violência mesmo... Porque a gente vê em outras estâncias, em outras escolas a gente vê coisas pesadas mesmo, de aluno vir armado, né, brincadeiras assim que chegam a agredir fisicamente o outro colega... Mas aqui na escola, eu assim como professora, não vejo. Vejo assim brincadeiras que alguns não gostam sabe...

No depoimento acima fica claro que no CODAP existem brincadeiras que algumas pessoas não gostam. As brincadeiras se transformam em agressão quando a outra pessoa começa a se incomodar, como disse a psicóloga, a intenção é de brincadeira, mas, ela complementa: *Eles tão brincando com alguém que não queria brincar com eles, por exemplo, aí é essa pessoa que nos procura, essa criança que não gostou da brincadeira de ser empurrado... Aí quando vai aumentando diminui um pouco a coisa da agressão física, mas fica a agressão verbal, os apelidos, não é.*

Em outro depoimento percebe-se que nem tudo é de brincadeira, existe sim o intuito de agredir:

Não, eles são muito agressivos mesmo, eu acho que tem a brincadeira, mas tem muitos que são maldosos mesmo, com a intenção de machucar... E não sei... às vezes eu acho que é prazer, às vezes eles sentem prazer em... sei lá, em pisar no outro mesmo.

Os depoimentos abaixo são de alunos que sofrem preconceitos na escola e não acham graça nenhuma nisso:

Não. Assim, brincadeira pra eles, mas pra pessoa não é. Acho que brincadeira é quando todos se divertem e não um só.

Não, brincadeira não é porque isso não tem graça [...] É, tem gente que já tem esse orgulho de ficar humilhando os outros.

Em observações na sala de aula, uma aluna disse que as pessoas têm que saber a hora de parar e que esse era o problema do CODAP, onde tudo é levado na brincadeira e as pessoas não se colocam no lugar das outras para saberem se a brincadeira está passando dos limites.

No depoimento abaixo, o conceito de *bullying* começa a surgir nas entrevistas e apesar de ser muito abordado na mídia, poucas pessoas o conhecem e muitas acham que este problema está bem distante do CODAP. Um docente entende o *bullying* como um espírito agressivo que vai levando a violência na escola. Como foi dito neste depoimento: *O bullying é uma forma de violência né, uma forma de você agredir o outro de alguma maneira ou fisicamente, ou moralmente, algo que atinja o outro, eu vejo assim.* Outro docente diz já ter ouvido falar sobre o tema na mídia e complementa: *Então eu já vi várias matérias de TV, programas de TV abordando esse tema especificamente, com outros profissionais que pesquisam, explicando o que é, como*

ele funciona, explicando como ele chega na escola, como ele se manifesta e as principais formas de se agredir o outro através do bullying.

Por ser o *bullying* uma violência velada, alguns (as) professores (as) não o identificam no dia-a-dia do colégio, podendo-se perceber através de alguns depoimentos:

É, eu acho que aqui dentro pode ter, mas é muito pouco, eu acho, eu não enxergo muito isso aqui não.

Aqui. Que eu lembre nenhum tipo. Ouvir falar sim, que eu presenciei não.

É basicamente isso, a questão do *bullying* é uma coisa que realmente deve ocorrer, mas a minha visão é de que aqui ele não deve ser tão gritante e evidente, pelo menos na minha visão aqui de acompanhar e tal, não vejo nada afrontoso, direto como você escuta na imprensa.

Ao responder sobre o conceito de *bullying*, alguns (as) docentes se remeteram à sua infância e ilustraram a questão com fatos pessoais e acontecimentos que eles (as) vivenciaram na escola nos tempos de criança e que, de alguma forma, foram significativos para eles (as), como aquele colega que não falava com ninguém na escola ou os apelidos por estar acima do peso. No depoimento abaixo, a professora inicialmente disse: *Mas de modo geral eu particularmente nunca sofri disso na escola, pelo contrário, mas me lembro de alguns colegas na minha época que efetivamente sofreram.* Mas, em poucos minutos ela se recorda de um acontecimento que mexia muito com ela:

Eu sofri... eu nem sei dizer se eu sofri isso ou não porque quando chega a época de festa junina, né, você tem parzinho pra dançar e é o menino que escolhe a menina e tal, eu sempre ficava com quem sobrava, ninguém me escolhia, então eu sempre dançava com uma menina porque tinha mais menina do que menino na sala. Então eu me lembro disso ter acontecido comigo em determinado momento...

Ela explica que isso acontecia porque ela era gordinha e sofria preconceito por isso.

O professor que dá o seu depoimento abaixo chama a atenção para o nome que deram a um fato que sempre existiu, hoje em dia chamado de *bullying*. Que na época dele, não tinha esse nome, esse rótulo, o que tinha, segundo ele: *é do tipo você tá numa minoria e tal, se sentir excluído.* No caso desse professor, que é negro, o preconceito não existia por causa da sua cor e sim por ser gordinho, ele complementa dizendo: *á tinha essa coisa de gordo, bolinha, num sei o que, á tinha essa questão, á sim isso me incomodava, hoje isso tem um nome X, o bullying, porque eu era o gordo e tal, bolinha. Nunca falavam da cor e tal, cor é um negócio que eu nunca tive problema, mas com o peso sim.* Ele continua o seu depoimento dizendo que não era apenas vítima de chacotas, ele também gostava de provocar um colega por causa dos óculos grossos que ele usava:

[...] o nome dele era Benjamim, e a gente enchia a paciência desse garoto, ele era isolado, eu me lembro que Benjamin era um garoto que vivia num mundo à parte e eu era um dos que tirava onda com ele. Ai quando chegou o momento de eu ter que usar óculos no colégio, eu não usava, a ponto da minha mãe ter que ir à escola, na sala de aula perguntar “olha ele tá de óculos?”, porque eu não queria usar os óculos e tal.

Percebe-se nos depoimentos acima certa identificação com o tema em questão por parte dos docentes. O assunto não é novidade para ninguém, apenas a nomenclatura era desconhecida pela maioria. Alguns alunos se posicionam sobre o assunto, relatando como é ser considerado o diferente na escola:

No início, na quinta série, eu sofri um pouco por causa dessa coisa de menino que não sabe aceitar direito as diferenças, e eu era um pouco gordo e tal, ai me chamavam de bola, baleia. Ai às vezes minha mãe vinha aqui, só que ai eles sabiam que minha mãe tinha vindo aqui e ai botavam para perturbar mais forte. Mas ai depois foi passando, e não perturbam mais.

O aluno do depoimento abaixo disse na entrevista que gosta da escola, da sua turma e complementa: *mas assim, às vezes eu fico chateado com algumas brincadeiras dos colegas, que ficam zombando das pessoas, que ficam constrangendo os outros, tá ligado?* Ele continua explicando melhor o seu pensamento: *Assim, não é de preconceito com relação à cor, nada não, mas brincadeira assim de botar apelido, de falar de umas coisas que a pessoa fez mas... Fica dizendo que a pessoa fez uma coisa sem ela ter feito, só pra ficar debochando.*

O depoimento do aluno acima é interessante porque ele fala da posição de observador da situação e, no final da entrevista, diz do seu sentimento com relação às brincadeiras de mau gosto que fazem com os seus colegas: *Às vezes eu me sinto triste porque a pessoa pensa que tá brincando, mas às vezes a pessoa que tá sendo ofendida não vai pensar assim. Um monte de gente lá zombando dela vai achar divertido, mas quem tá sofrendo essa zombaria não vai achar graça nisso.*

De acordo com os docentes no CODAP, nunca foi realizado nenhum trabalho ou palestra que esclarecesse sobre o *bullying* para alunos, professores, funcionários e pais. A resolução de conflitos é realizada de forma pontual, como explica a psicóloga:

Existe um trabalho que ele é pontual com algumas pessoas individualmente, por exemplo, se detecta um aluno que é problema aí se trabalha com ele individualmente e eu acho que isso não funciona, eu acho que o trabalho devia ser mais coletivo, entendeu? Apesar de ter poucos problemas, mas esses problemas que existem da forma como eles tão sendo trabalhados pra mim não surte efeito, entendeu? Porque você trabalha o individuo, não tá trabalhando o coletivo.

Na opinião do professor abaixo, falta um pouco de orientação aos professores de como lidar com situações de *bullying* ou conflito entre os alunos:

Eu acho assim que nós professores poderíamos ser melhores orientados, não é, assim, falta orientação pra gente saber como lidar melhor com essas questões. Por exemplo, quando você me pergunta o que é *bullying* eu respondo assim muito subjetivamente e eu acho que são coisas que eu poderia conhecer e que atitudes que eu devo tomar em sala.

Interessante a opinião de outro docente que falou do risco de se acostumar com o problema da violência velada na escola, pois, os professores não falam sobre o assunto e por isso existe a falsa sensação de que o problema não existe:

E o trabalho, é... Conversar com os professores para os professores tentarem detectar isso, eu acho isso muito importante. A gente pode mesmo pensar numa palestra pra os professores refletirem, pensarem sobre isso, porque muitas vezes a gente não conversa, não conhece e por isso não conversa, não procura... né, acha que tudo é normal, é natural porque sempre teve, né...

Na opinião de alguns alunos e professores, muitos problemas já foram resolvidos com a intervenção da coordenação e da psicóloga através do diálogo com os alunos. Porém, este trabalho muitas vezes se torna limitado, por não haver um projeto em conjunto na opinião deste docente:

...porque fica todo mundo muito na sua área... pensando nessa perspectiva quais são as coisas que a gente pode implementar em conjunto, e aí criar projetos transversais, sabe, projetos extracurriculares que possam trazer o aluno de uma maneira, assim, até agradável, que seja bom pra eles estarem incluídos naquele trabalho, sabe, que façam eles, assim, insistirem sobre aquele tema, porque eu vejo que quando eles são tocados a discussão vem, sabe, eles gostam, falam e assim, muitas vezes eles percebem que eles são os agredidos.

Um aluno, na entrevista, faz o seguinte desabafo: *Eu acho que esse colégio é muito desorganizado, na minha opinião, porque assim eles sempre dizem que na próxima vão chamar a mãe, na próxima, na próxima, e nunca fazem nada.* No depoimento acima, o aluno está falando do trabalho da coordenação que, segundo ele, deveria chamar a mãe do aluno, para que ela ficasse ciente sobre o comportamento do filho (a).

Todos os relatos acima indicam para a necessidade de se trabalharem, na escola, assuntos como: violência, preconceito, fenômeno *bullying*, dentre outros, de uma forma mais abrangente e menos pontual. Alguns docentes acham que estes assuntos deveriam ser discutidos em todas as aulas, com todos os professores. Para isso, eles (as) acreditam na

importância de se fazer uma mudança na grade curricular, para que haja espaço para essas discussões em sala de aula.

Os (as) docentes valorizam o clima favorável para o trabalho no CODAP, eles se sentem com autonomia para realizar as suas atividades e admiram o esforço da maioria dos alunos, amenizando a violência *da* escola. Porém, a instituição, de um modo geral, ao negar a existência da violência simbólica, ela faz com que ela seja perpetuada, assim como a “lei do silêncio”.

Verificou-se que a violência *à* escola não é um problema grave para o CODAP, pelo menos é o que se deduz a partir dos depoimentos de professores e funcionários, pois ela não está visível a olho nu, ou seja, a escola está em bom estado de conservação. O que existe é uma violência velada *na* escola, não percebida pela maior parte das pessoas que participam do seu cotidiano. São comportamentos naturalizados e não considerados violentos, e sim, considerados brincadeiras da idade.

Existe uma preocupação da direção, da vice-direção, da psicóloga e de alguns docentes com relação ao trabalho das relações dentro do CODAP e suas consequências no cotidiano escolar, demonstrando sensibilidade a esta emergente demanda.

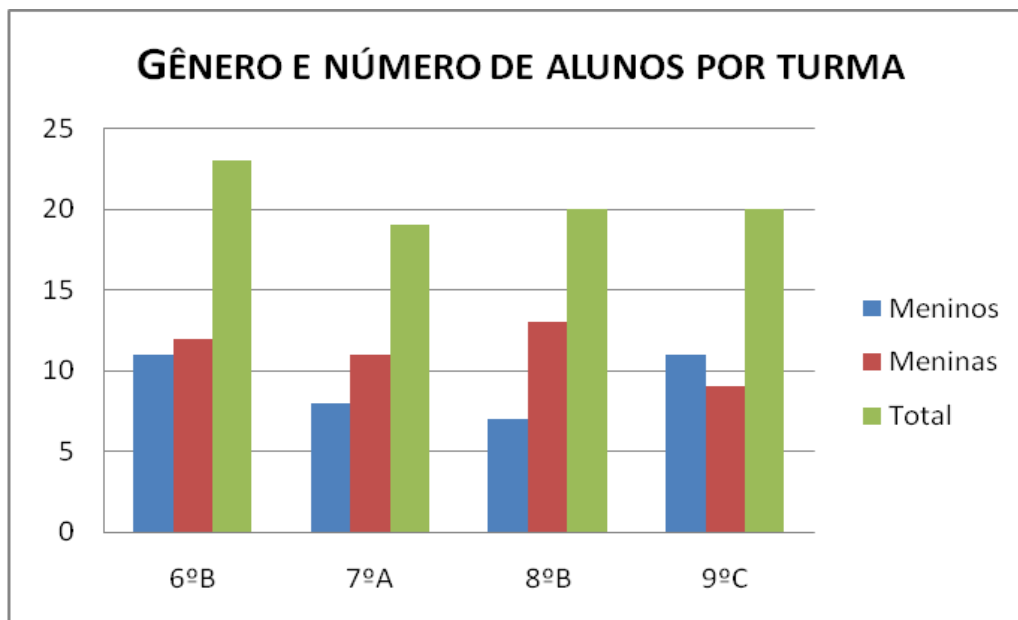
4.2 Trabalhando com os dados quantitativos

O trabalho de coletas de dados quantitativos foi realizado através dos questionários aplicados aos alunos, durante um horário de aula gentilmente cedido por um professor para a realização da atividade. Os alunos que não estavam autorizados pelos pais ou responsáveis a participar da pesquisa foram conduzidos pelo professor da disciplina para outra atividade na biblioteca da escola. Na tabela e no gráfico abaixo pode-se perceber o número de alunos que responderam ao questionário em cada turma, assim como, a quantidade de meninas e meninos. A idade dos alunos era de 11 a 15 anos. No 6º ano B, 77% dos alunos responderam ao questionário, 59% dos alunos do 7º ano A, 71% dos alunos do 8º ano B e 69% dos alunos do 9º ano C. No total, 82 alunos participaram da pesquisa, isto é, 69% dos alunos das turmas escolhidas. Destes, 45% eram meninos e 55% meninas. As meninas sentem-se mais incomodadas (32% das respostas) com o *bullying* do que os meninos (30% das respostas), porém, esta diferença não é muito significativa para o trabalho.

Tabela 01 – Gênero e número de participantes por turma

Ano	Me ninos	Meni nas	T otal
6ºB	11	12	23
7ºA	8	11	19
8ºB	7	13	20
9ºC	11	9	20
<i>Tota l</i>	<i>37</i>	<i>45</i>	<i>82</i>

Gráfico 01 – Gênero e número participantes por turma

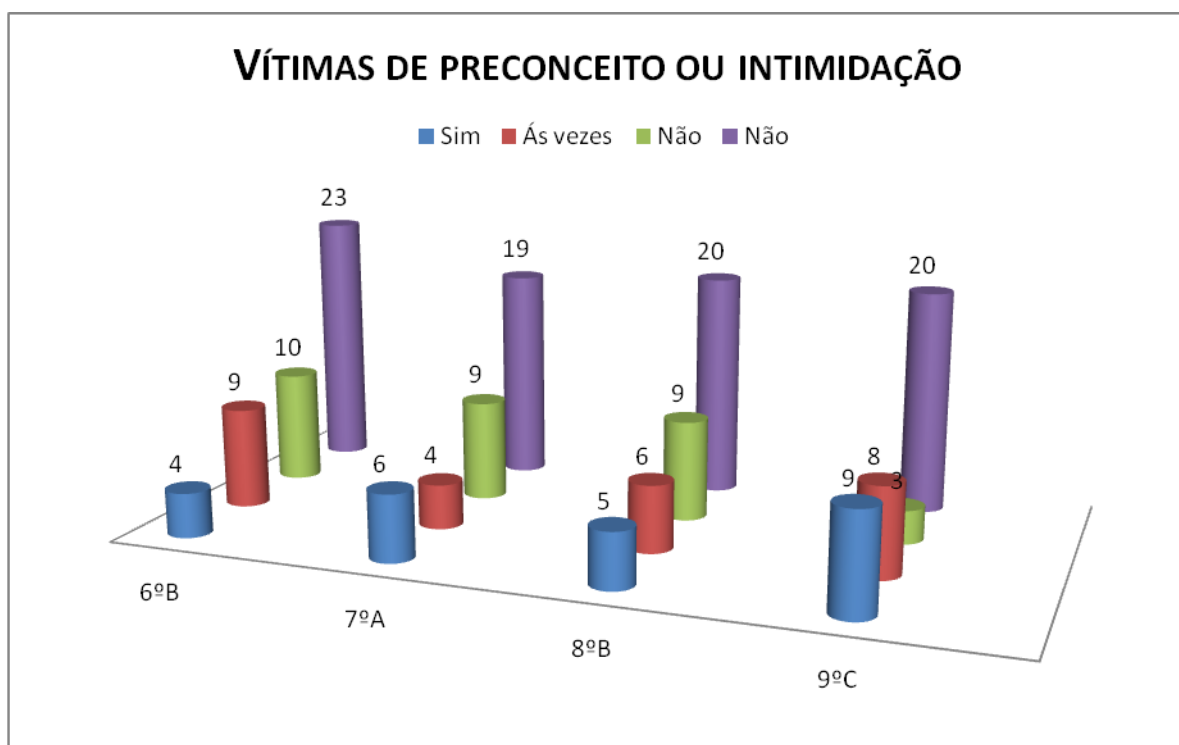


A tabela e o gráfico a seguir detalham as respostas dadas à primeira questão: “Você já foi ou é vítima de algum tipo de preconceito ou intimidação no CODAP?” As respostas estão separadas por turma.

Tabela 02- Vítimas de preconceito ou intimidação

Ano	Sim	Às vezes	Não	Total
6ºB	4	9	10	23
7ºA	6	4	9	19
8ºB	5	6	9	20
9ºC	9	8	3	20
Total	24	27	31	82

Gráfico 02 – Vítimas de preconceito ou intimidação



De acordo com os dados analisados acima, 62% dos alunos entrevistados disseram sofrer ou já ter sofrido algum tipo de provocação na escola. Para uma melhor compreensão dos dados, os alunos que responderam “não” à questão acima, aproximadamente 38% do total

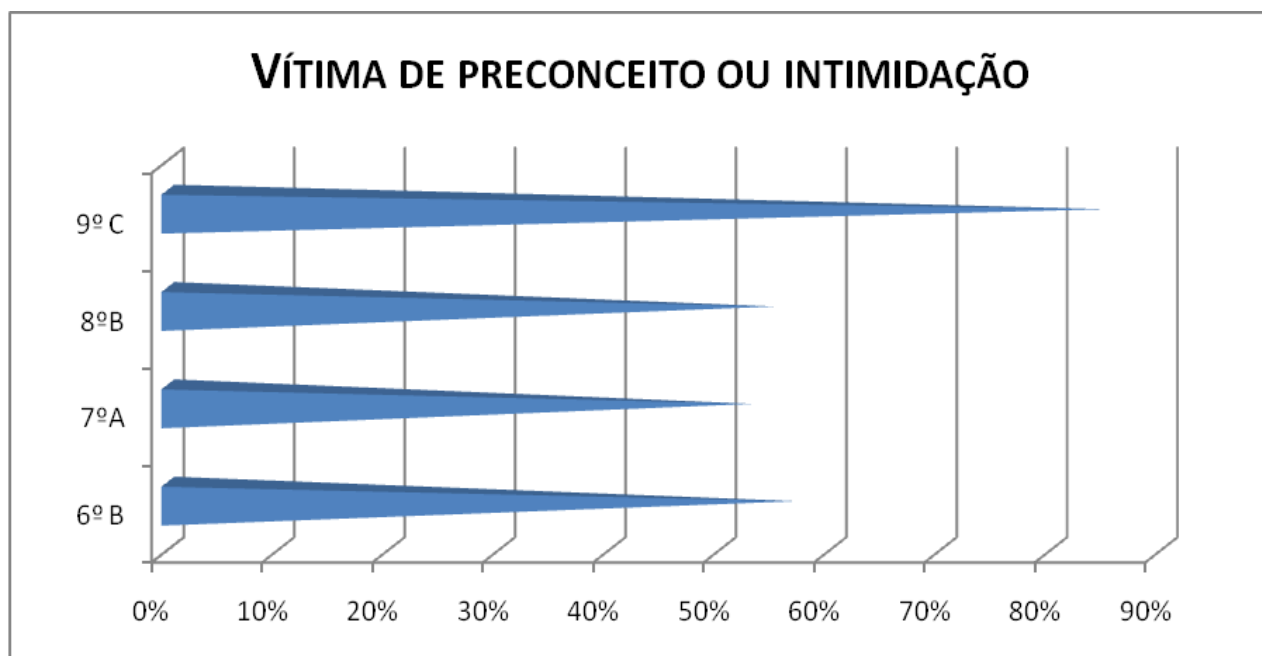
das respostas, foram analisados separadamente, portanto, o total de respostas será 51, salvo exceções, e não 82.

Os percentuais dos alunos que responderam “sim” ou “às vezes” à questão: “Você já foi ou é vítima de algum tipo de preconceito ou intimidação no CODAP?” estão demonstrados, por turma, na tabela e no gráfico a seguir:

Tabela 03 – Vítimas de preconceito ou intimidação (responderam sim ou às vezes)

Ano	Total (%)
6° B	57%
7°A	53%
8°B	55%
9° C	85%

Gráfico 03 – Vítimas de preconceito ou intimidação (responderam sim ou às vezes)



O 9° ano apresenta o índice mais elevado de alunos que sofrem ou já sofreram alguma provocação na escola.

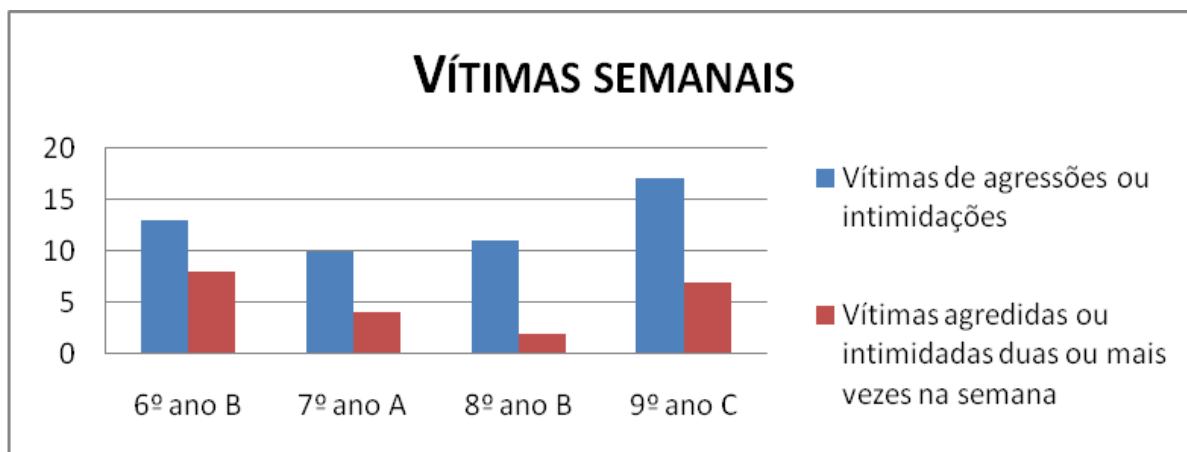
É importante levar em consideração a frequência com que as agressões ou intimidações acontecem na escola. A seguinte pergunta foi feita aos alunos: “Quantas vezes você sentiu-se incomodado com brincadeiras de mau gosto na última semana”? 41% dos

alunos que são vítimas responderam que foram incomodados 2 ou 3 vezes. Este dado nos indica que quase a metade deles passa por algum constrangimento com certa frequência. A turma que demonstrou se sentir mais incomodada semanalmente foi o 6º ano, com 62% dos alunos sofrendo mais agressões ou intimidações semanais. Como demonstra a tabela e o gráfico abaixo:

Tabela 04 – Frequência semanal de provocações

Ano	Vítimas de agressões ou intimidações	Vítimas provocadas mais de uma vez semanalmente
6º ano B	13	8
7º ano A	10	4
8º ano B	11	2
9º ano C	17	7

Gráfico 04 – Frequência semanal de provocações



Um dado muito importante que não poderia ficar de fora dessa pesquisa é com relação à 3ª questão do questionário. Ela nos esclarece se as pessoas que são ou já foram vítimas de preconceito, sentem-se incomodadas com as ofensas e desde quando (**Tabela e gráfico 05**). O que podemos perceber é que de um total de 62% dos alunos que sofrem ou que já sofreram algum tipo de preconceito, mais da metade deles, isto é, 53% não se incomodam ou levam na brincadeira. Como diz uma aluna ao ser entrevistada: *De vez em quando na educação física, com futebol e vôlei, eles fazem brincadeira, mas eu não me sinto muito incomodada*. Outro

aluno fala sobre este assunto: *Não, às vezes não me incomodado não. Depende de como a pessoa fala, né?*

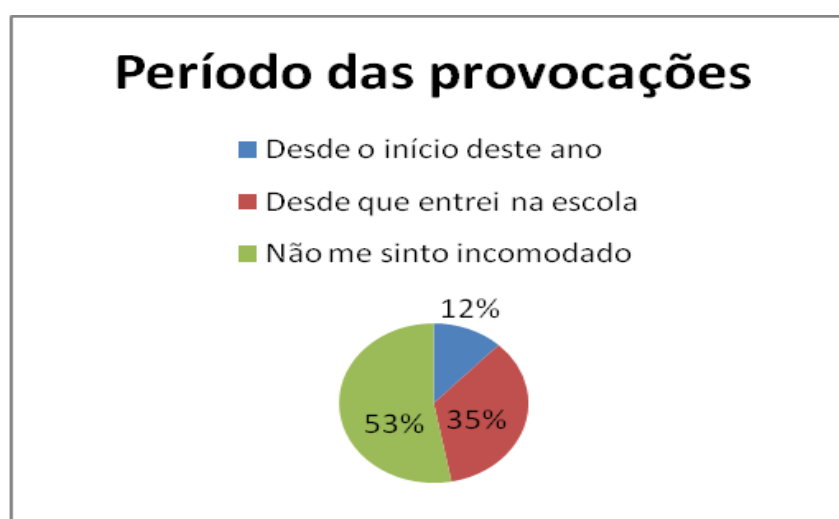
A percepção e o sentimento do aluno com relação ao seu relacionamento interpessoal na escola nos fazem perceber que as brincadeiras existem, são necessárias e saudáveis, daí a importância de se escutar o aluno e ouvir o que ele tem a dizer, se a atitude do colega (apelidos, gozações, etc) tem um sentido pejorativo, violento ou não para ele.

Outro item pesquisado foi com relação ao início das provocações. O objetivo desta questão foi tentar entender há quanto tempo os problemas acontecem na escola. Como demonstram a tabela e o gráfico quadro abaixo, excluindo os alunos que não se sentem incomodados, 35% responderam que as provocações acontecem deste que entraram na escola.

Tabela 05 – Início das provocações

Período das provocações	Total (%)
Desde o início deste ano	12%
Desde que entrei na escola	35%
Não me sinto incomodado	53%

Gráfico 05 – Início das provocações

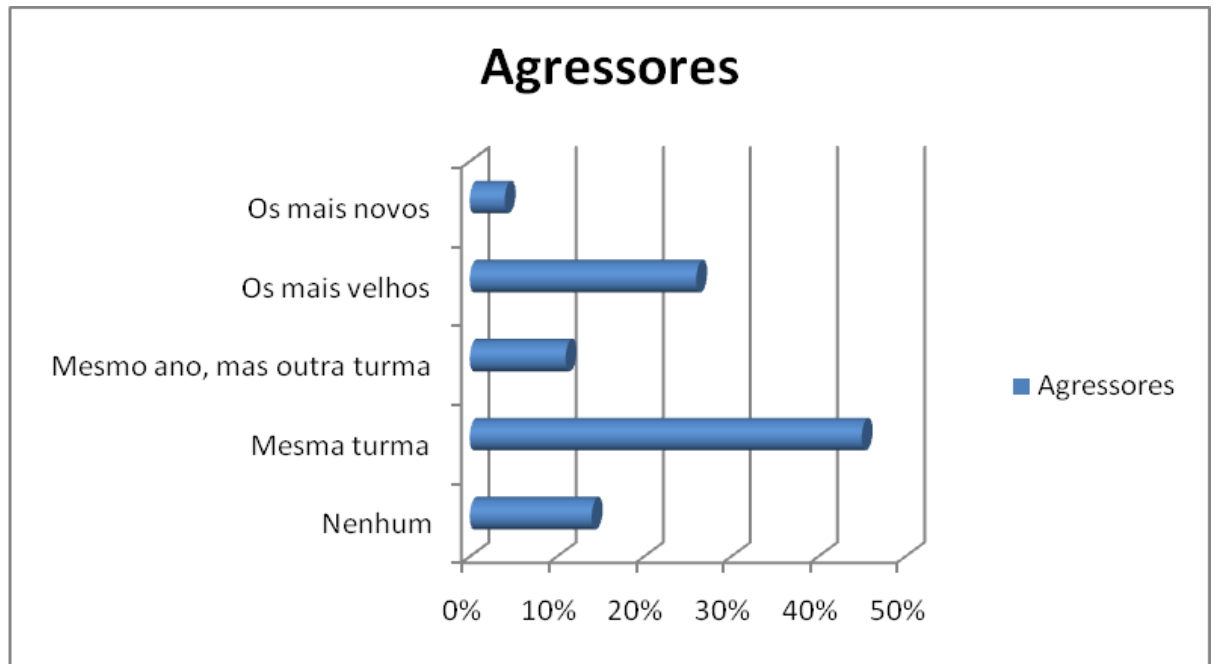


Na opinião dos alunos (as), os agressores são, sobretudo, os meninos da mesma sala ou mais velhos (**Tabela e gráfico 06**). Como esclarece uma aluna do 7º ano na entrevista, sobre quem implica mais com ela: *o pessoal da minha sala, o pessoal das outras salas, mais velhos, os mais novos não.*

Tabela 06 – Quem incomoda

Quem incomoda	Total (%)
São da minha sala	45%
São da mesma série, mas de outra sala	11%
São os mais velhos	26%
São os mais novos	4%
Ninguém me incomoda	14%

Gráfico 06 – Quem incomoda



Segundo os questionários, são os meninos que provocam mais (**Tabela 07**). A forma de provocação mais frequente se dá através dos apelidos pejorativos (**Tabela e gráfico 08**). Como exemplo, pode-se citar o depoimento de um aluno entrevistado: *Apelido com relação ao nome, característica física, ou então botam um apelido meio gay, pra tirar onda com a pessoa. Lá na minha sala é assim. Por exemplo, o nome do menino é Gabriel ai chamavam ele de Gabi*. Na tabela abaixo, observa-se esta questão de gênero e provocações:

Tabela 07 – Gênero e provocações

Gênero	Total (%)
Meninos	49%
Meninas	4%
Meninos e Meninas	35%
Ninguém me incomoda	12%

Na tabela abaixo os alunos foram autorizados a marcarem mais de uma questão quando necessário.

Tabela 08 – Formas de provocações

Tipos de agressões	Turmas				total
	6ºB	7ºA	8ºB	9ºC	
Receber apelidos	16	11	15	19	1
Ser xingado(a) ou ser motivo de piada	11	6	4	9	0
Fazer fofocas ou contar mentiras a seu respeito	11	6	5	11	3
Quebrar ou pegar as suas coisas ou dinheiro	7	7	3	3	0
Ser empurrado(a), puxado(a) ou chutado(a).	8	5	6	10	9
Total de respostas	53	35	33	52	73

Gráfico 07 - Formas de provocações analisadas por turmas

Pela análise do gráfico acima se percebe que na categoria “Empurrão, ser puxado ou chutes”, a turma com maior índice é o 9º C. Com relação à “quebra ou furto de coisas ou dinheiro”, os seguintes anos apresentam o mesmo índice: 6º B e 7º A. “Fofocas ou mentiras sobre si próprio” acontecem com mais frequência no 6º B e 9º C. “Xingamentos e piadas” são mais comuns no 6º B e os “apelidos” são percebidos em maiores números no 9º C.

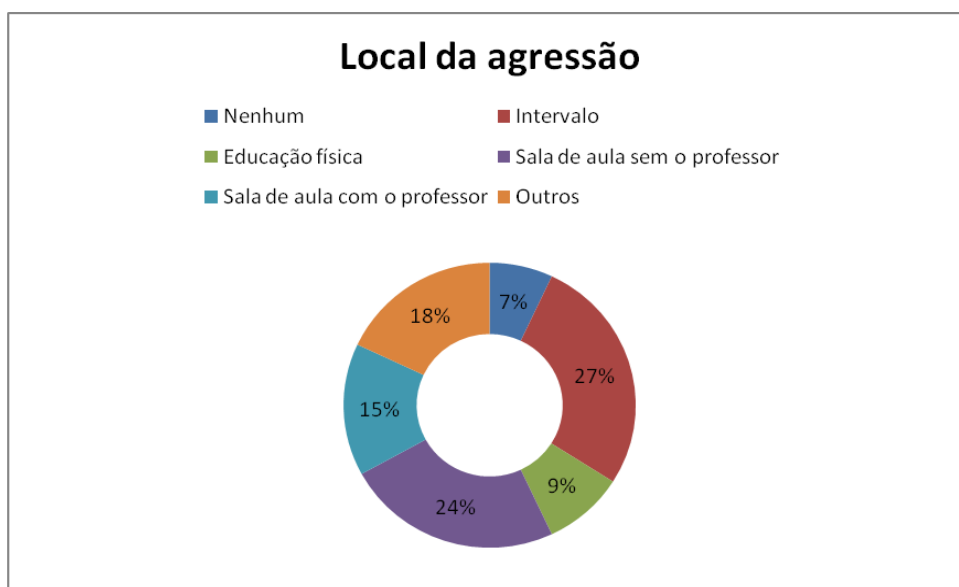
Quanto ao local da escola (**Tabela 09**) onde acontecem as agressões, os alunos reportaram uma maior incidência no intervalo, seguido da sala de aula sem o professor.

Tabela 09 - Local das provocações

Local	Total(%)
No intervalo	27%
Na educação física	9%
Na sala de aula sem o professor	24%
na sala de aula com o professor	15%

Outro Lugar	18%
Em nenhum lugar	7 %
Na biblioteca	0%

Gráfico 08 - Local das provocações



Aos alunos foi perguntado se haviam contado para alguém práticas de vitimação a que foram sujeitos. 32% contaram para os colegas e 26% nunca falaram nada para ninguém, conforme demonstra a tabela abaixo. Observa-se, através dos dados, que são poucos os alunos que procuram a coordenação da escola ou os familiares para contar o que está acontecendo com eles na escola. Alguns alunos relataram nas entrevistas terem receio dos pais ou das coordenadoras tomarem alguma atitude e a situação de menosprezo e gozação ser ainda mais agravada pelos colegas.

Tabela 10 - Contou para alguém as agressões

Contou para alguém as agressões	Tot al (%)
Sim, para os meus familiares	21%
Sim, para o (a) professor (a)	8%
Sim, para a coordenação	13%
Sim, para meus colegas	32%
Não nunca contei para ninguém	26%

Na opinião daqueles que presenciaram agressões aos colegas, mais da metade, ou seja, 66%, disseram tentar ajudar os colegas como podem. Apenas cerca de 3% responderam que “não faziam nada porque não era com eles” (Tabela 11).

Tabela 11 - Reação diante à agressão ao outro

O que faz quando o colega é agredido	Total (%)
Nada, mas acho que deveria ajudar	7%
Tento ajudar como posso	66%
Dou risada	13%
Conto para um adulto da escola	11%
Nada não é comigo	3%

Dos alunos considerados vítimas de agressões, 35% disseram ignorar as agressões e brincadeiras de mau gosto, saindo de perto ou fingindo que não estão ouvindo, como demonstram a tabela e o gráfico abaixo. Sobre este assunto um aluno entrevistado comenta: *Por exemplo, a pessoa me chama de uma coisa... Assim, eu me defendo só quando a pessoa me enche de raiva mesmo. Mas normalmente eu ignoro.*

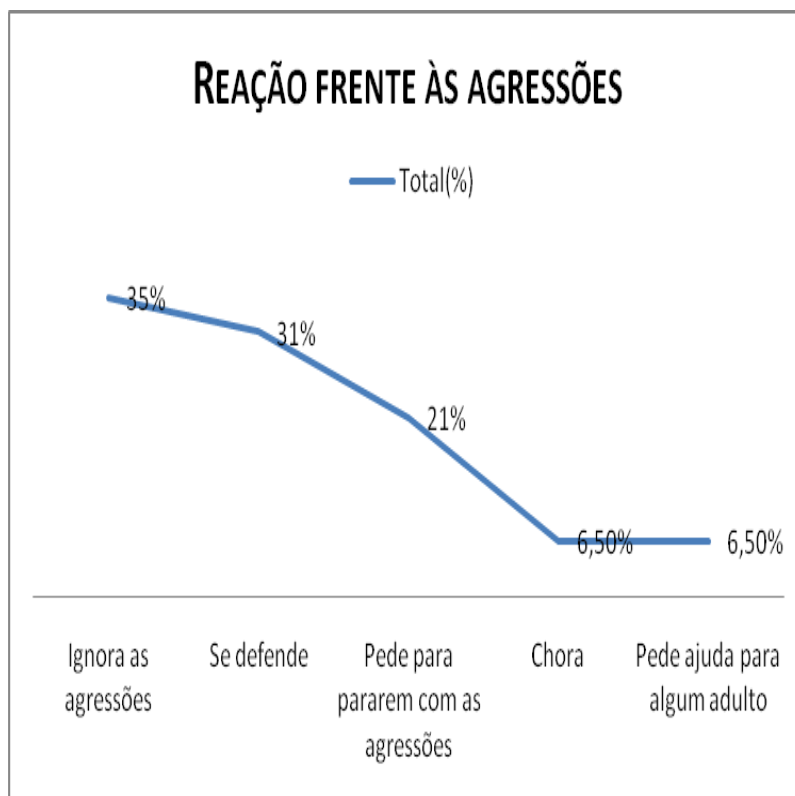
Porém, 31% dos alunos disseram que se defendem das provocações e o fato deles revidarem às agressões é considerado um modo de defesa, como demonstra o depoimento abaixo: *Assim, eu sou mais de ficar quieto assim... eu sou mais de escutar. Eu às vezes até tirava onda, se mexerem comigo, mas agora eu tô mais quieto assim... Sem tirar onda. Mas também se mexerem comigo eu rebato, tiro onda com a pessoa também. Pra não deixar, porque se deixar ai vai piorar a situação, não é que eu não sei me defender em relação a isso...*

Tabela 12 – Reação das vítimas diante às agressões

Reação quando é agredido	Total (%)
Ignora as agressões	35%
Se defende	31%
Pede para pararem com as agressões	21%

Chora	6,5%
Pede ajuda para algum adulto	6,5%

Gráfico 09 – Reação diante às agressões



Muitos alunos admitiram que já implicaram com os colegas na escola, porém, mudaram de comportamento, como demonstra a tabela abaixo:

Tabela 13 – Comportamento dos alunos

Comportamento dos alunos	Percentual
Sim, desde o ano passado implico com alguns colegas meus do colégio	8%
Sim, comecei a implicar com alguns colegas este ano	12%
Sim já impliquei com alguns colegas do colégio, porém, não implico mais	39%

Sim, implico com alguns colegas porque já fui maltratado(a) no colégio	19%
Não, nunca impliquei com nenhum colega do colégio	22%

A maior parte dos alunos entrevistados está feliz em estudar no CODAP e se sentem enturmados. Alguns alunos demonstraram vontade em sair da escola por causa do grande conteúdo de deveres ou por causa de problemas de relacionamento, porém, eles reconhecem que não podem abandonar esta oportunidade que é a de estudar em uma escola pública de alta qualidade. O quadro e os depoimentos abaixo demonstram a percepção de alguns alunos frente à escola:

Tabela 14 – Como os alunos se sentem no CODAP

Como se sente no CODAP	Percentual
Sozinho (a) e sem amigos (as)	5%
Feliz e enturmado (a)	73%
Não gosto, quero mudar de escola	12%
Triste, por causa dos apelidos e brincadeiras de mau-gosto	10%

Eu gosto, só de vez em quando, quando me chamam de gordo é que eu fico triste.

Por um lado tá sendo bom, mas eu tô ficando meio... Porque aqui é muito pesado, tem que fazer muita coisa, principalmente agora no final do ano, tem gravação de filme, tem prova, tem trabalho, relatório, tem que ler as outras matérias também, tem um paradidático...

É, eu quero sair, mas meus pais não querem exatamente por causa disso por ser uma das melhores escolas publicas de Sergipe né?!

Como foi explicado anteriormente, 38% dos alunos entrevistados responderam que não sofrem nenhum tipo de intimidação no CODAP, porém, alguns destes alunos responderam à questão sobre os tipos de problemas enfrentados na escola. A tabela abaixo

demonstra as respostas dos alunos, que mesmo sem sofrer provocações, são vítimas, de maneira esporádica, de alguma agressão, entre elas está o apelido como o mais freqüente.

Tabela 15- Respostas dos participantes que responderam “não”

Frequência de violência entre alunos	Anos				<i>total</i>
	6ºB	7ºA	8ºB	9ºC	
Tipos de problemas					
Receber apelidos	5	5	7	2	19
Ser xingado (a) ou ser motivo de piada	2	0	0	0	2
Fazer fofocas ou contar mentiras a seu respeito	4	2	1	0	7
Quebrar ou pegar as suas coisas ou dinheiro	3	2	2	1	8
Ser empurrado (a), puxado (a) ou chutado(a).	2	2	0	1	5
<i>Total de respostas</i>	<i>16</i>	<i>11</i>	<i>10</i>	<i>4</i>	<i>41</i>

PERFIL DAS TURMAS:**Quadro 01- 6º ANO B**

Alunos que responderam ao questionário	23
Alunos que são ou já foram vítimas de provocação	13
Quem se sente mais incomodado	Meninos
Provocações que mais incomodam	Receber apelidos
Alunos que incomodam	Mesma sala e mais velhos
Quem incomoda	Meninos e meninas
Locais de ocorrência das provocações	Intervalo
Contou para alguém?	Não
Alguém tentou ajudar?	Não
Reação diante às agressões recebidas	Se defende
Reação quando vê o colega sendo agredido	Tenta ajudar como pode
Como se sente no CODAP	Feliz e enturmado
Gosta de implicar com os colegas?	“Sim, implico com os colegas porque já fui maltratado (a)”

Quadro 02- 7º ANO A

Alunos que responderam ao questionário	19
Alunos que são ou já foram vítimas de provocação	10
Quem se sente mais incomodado	Meninas
Provocações que mais incomodam	Receber apelidos
Alunos que incomodam	São da mesma sala
Quem incomoda	Meninos e meninas
Locais de ocorrência das provocações	Intervalo
Contou para alguém?	Para os colegas
Alguém tentou ajudar?	Não

Reação diante às agressões recebidas	Se defende e/ou ignora as agressões
Reação quando vê o colega sendo agredido	Tenta ajudar como pode
Como se sente no CODAP	Feliz e enturmado
Gosta de implicar com os colegas?	“Sim, já impliquei com alguns colegas do colégio, porém, não implico mais”.

Quadro 03- 8º ANO B

Alunos que responderam ao questionário	20
Alunos que são ou já foram vítimas de provocação	11
Quem se sente mais incomodado	Meninas
Provocações que mais incomodam	Receber apelidos
Alunos que incomodam	São da mesma sala e mais velhos
Quem incomoda	Meninos e meninas
Locais de ocorrência das provocações	Na sala de aula com e sem o professor
Contou para alguém?	Para os familiares/ ninguém
Alguém tentou ajudar?	Sim
Reação diante às agressões recebidas	Ignora as agressões
Reação quando vê o colega sendo agredido	Tenta ajudar como pode
Como se sente no CODAP	Feliz e enturmado
Gosta de implicar com os colegas?	“Sim, já impliquei com alguns colegas do colégio, porém, não implico mais”.

Quadro 04- 9º ANO C

Alunos que responderam ao questionário	20
Alunos que são ou já foram vítimas de provocação	17
Quem se sente mais incomodado	Meninos
Provocações que mais incomodam	Receber apelidos
Alunos que incomodam	São da mesma sala
Quem incomoda	Meninos
Locais de ocorrência das provocações	Intervalo
Contou para alguém?	Para os colegas
Alguém tentou ajudar?	Sim
Reação diante às agressões recebidas	Ignora as agressões

Reação quando vê o colega sendo agredido	Tenta ajudar como pode
Como se sente no CODAP	Feliz e enturmado
Gosta de implicar com os colegas?	“Sim, já impliquei com alguns colegas do colégio, porém, não implico mais”.

Nos quadros acima, nota-se que cada turma tem o seu próprio perfil, porém, as turmas em geral possuem muitos pontos em comum. Um deles é com relação aos apelidos, a maioria dos alunos se sentem incomodados em recebê-los.

Os dados quantitativos demonstraram que 62% dos alunos entrevistados, sofrem ou já sofreram alguma provocação na escola. 38% do total de alunos entrevistados disseram não serem vítimas de preconceito no CODAP. A maioria dos alunos que são vítimas de provocações, dizem não se importarem com elas.

As provocações acontecem com mais frequência nos intervalos. Com relação ao gênero dos agressores, 49% responderam serem os meninos os maiores provocadores; 35% responderam que os agressores são meninos e meninas.

Quanto à turma dos agressores, 45% responderam serem da mesma turma e 26% responderam que são os alunos mais velhos que agredem mais.

Com relação aos tipos de provocações sofridas pelos alunos, observou-se que o apelido é o que mais incomoda acompanhado das mentiras e fofocas.

As provocações são ignoradas por 35% dos alunos entrevistados e 31% das vítimas procuram se defender. 32% dos alunos que recebem provocações contam para os colegas o que está acontecendo na escola e 66% responderam que ajudam os colegas em situações difíceis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscar entender, de maneira diferente do aprendido (que já sabemos não dar conta do que buscamos), as atividades do cotidiano escolar ou do cotidiano de modo geral, exige que estejamos dispostos/as a ver além daquilo que os outros já viram e muito mais: que sejamos capazes de mergulhar inteiramente em uma determinada realidade, captando sutilezas sonoras, sentindo a variedade de sabores, tocando coisas e pessoas e nos deixando tocar por elas, cheirando os cheiros que estão em cada ponto de nosso caminho diário e aprendendo a *ler o corpo*, este desconhecido que tantos sinais incompreensíveis nos dá (GARCIA e ALVES, 2006, p.261).

Como dizem as autoras acima, pesquisar exige entrar no clima do ambiente, ouvir o que as pessoas têm a dizer, participar, mesmo que, por pouco tempo, do mundo do outro. Neste mundo novo para o pesquisador não há respostas prontas e acabadas e sim uma realidade que por mais que seja explorada, sempre terá espaço para mais alguém, com um novo olhar.

Pesquisar a violência simbólica na escola é entrar num mundo obscuro e sombrio. É descobrir o que está além dos gestos, das brincadeiras, dos sorrisos dos alunos. A pesquisa evidenciou que a maioria dos docentes e funcionários negava a existência da violência simbólica no ambiente escolar, prevalecendo sempre o espírito de brincadeira sem a intenção de ferir.

Desse modo, consideram-se pertinentes os principais resultados da pesquisa, que teve como objetivo geral investigar se os alunos sofriam na sua dignidade os diversos tipos de preconceito, apelidos pejorativos, intimidações e se existe na escola um desejo por reconhecimento das diferenças.

Outro aspecto importante levado em conta nas investigações, diz respeito à percepção dos alunos diante de situações constrangedoras e preconceituosas. Podemos perceber que apesar de 62% dos alunos terem respondido no questionário que são ou já foram vítimas de preconceito na escola, mais da metade deles não se sentem incomodados com as brincadeiras ou apelidos. Este dado leva em conta a percepção dos alunos com relação ao significado da

violência para eles. Segundo Charlot (2005a), o pesquisador precisa analisar quais são os fenômenos considerados como violência por determinado grupo.

Por este motivo a pesquisa dá mais ênfase aos resultados qualitativos por enfatizar a subjetividade de cada pessoa pesquisada. Observa-se também que muitos alunos aceitam as brincadeiras, levando-nos a perceber que seria um risco muito grande para a pesquisa rotular a maioria dos alunos como sendo vítimas de *bullying* no CODAP. Na realidade este fenômeno existe, mas deve ser analisado com cuidado por se tratar de uma violência simbólica, no caso do CODAP, e pouco visível no cotidiano da escola. Entrar em contato com a violência velada foi um desafio em muitos momentos da pesquisa e ao mesmo tempo o seu maior avanço. Foi necessário sair da superficialidade para conhecer os desejos, os incômodos, os estigmas e as diferenças existentes em cada um. A violência simbólica, como nos diz Bourdieu (*apud* ABRAMOVAY, 2002), muitas vezes se torna naturalizada e não é considerada como uma violência, ela começa a fazer parte das relações, isso dificulta o seu reconhecimento.

Percebe-se, que no CODAP não estão presentes de forma sistemática a violência *na* escola, *da* escola e *à* escola (CHARLOT, 2005b). O que existem são fatos isolados que não comprometem o seu funcionamento. Porém, a violência velada e simbólica está presente no seu cotidiano e é demonstrada na análise qualitativa da pesquisa, onde foram ouvidos os professores, alunos e funcionários. Os depoimentos deixam claro que os alunos sentem-se incomodados quando recebem apelidos pejorativos, são menosprezados por seus pares na hora do trabalho em grupo; quando não são respeitados por causa da escolha sexual; quando sofrem algum tipo de intimidação, como ser obrigado a dar todo o lanche no intervalo ou quando são alvos de mentiras e chacotas por parte dos colegas. Os alunos que se sentem prejudicados, na sua maioria, contam para os colegas o que está acontecendo na escola. Alguns pedem ajuda para a Psicóloga ou para a coordenadora. Elas conversam com os alunos provocadores e caso haja necessidade, a família é convidada a comparecer à escola. Pode-se dizer que existe, por parte dos alunos, um desejo por reconhecimento das diferenças, porém, este desejo, assim como a violência a que são submetidos, é velado e muitas vezes permeado pelo medo. O medo, descrito por Candau, Lucinda e Nascimento (2001, p. 25) que permeia as relações interpessoais e sociais e entende o outro como um inimigo.

Com relação à reação dos alunos frente às agressões, nota-se um desejo muito forte em revidar o que se recebeu fazendo com que o problema cresça como uma bola de neve.

Na opinião da maioria dos alunos entrevistados, a falta de respeito ao outro só acontece quando os limites são ultrapassados ou quando não se percebe que a brincadeira já virou agressão e não está agradando o colega.

Na verdade, assuntos como *bullying*, preconceito, violência não são trabalhados na escola pesquisada, porque aparentemente estes problemas não estão presentes no seu di-a-dia, de acordo com a maioria dos entrevistados.

A partir do momento em que os alunos se manifestaram no questionário e externaram o que estava guardado num lugar bem profundo, percebeu-se que a realidade era bem diferente da aparência pacífica que se via na escola. Existem muitos adolescentes sofrendo calados vários tipos de problemas, eles (as) são vistos como alunos (as) indisciplinados, que atrapalham a aula ou o contrário, alunos exemplares, participativos, mas que carregam dentro de si o fato de se sentirem menosprezados pelos seus pares. O sentimento de insegurança, descrito por Abramovay (2005, p.54), descreve como se sentem as vítimas de agressões, mesmo sendo veladas.

Diante do apresentado, verificou-se a necessidade de investir primeiramente em informações sobre o tema para os alunos, família, docentes e toda a equipe escolar. Alguns professores sugeriram que o tema fosse discutido nas reuniões e que cada professor poderia ter um olhar mais atento para o limite das manifestações de brincadeira e de violência entre os alunos, onde acaba a brincadeira e começa a violência? Este talvez seja o desafio que a escola precisa enfrentar que é sair do superficial e da aparência para mergulhar em uma realidade invisível, mas que existe no seu cotidiano, a violência simbólica.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam (coord). **Cotidiano das escolas: entre violências**. Brasília: UNESCO, 2005.

ABRAMOVAY, Miriam. **Escolas de paz**. Brasília: UNESCO, Governo do Estado do Rio de Janeiro/ Secretaria de Estado de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2001.

_____ (coord). **Escolas inovadoras: experiências bem-sucedidas em escolas públicas**. Brasília: UNESCO, 2003.

_____ (coord). **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América latina: desafios para políticas públicas**. Brasília: UNESCO, 2002.

AMARAL, Lígia Assumpção. **Pensar a diferença/deficiência**. Brasília: Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência - CORDE, 1994.

ANDRÉ, Marli E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. 8. ed. Campinas: Papirus, 1995.

AQUINO, Julio Groppa (org). **Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus editorial, 1998.

ARAÚJO, Carla. **A violência desce para a escola: suas manifestações no ambiente escolar e a construção da identidade dos jovens**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

ARENDT, Hannah. **Da violência**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.

BARRETO, Mônica Ismerim. Como vêm, o que pensam, como agem os professores e professoras do município de Aracaju frente à homossexualidade. São Cristóvão, 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Núcleo de Pós-Graduação em Educação, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Universidade Federal de Sergipe, 2009.

BARRETTO, V. Educação e violência: reflexões preliminares. In: ZALUAR, A. (org.). **Violência e educação**. São Paulo: Cortez, 1992.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

CAMINO, Leôncio; ISMAEL, Eliana. A psicologia social e seu papel ambíguo no estudo da violência e dos processos de exclusão social. In: SOUZA, Lídio de; TRINDADE, Zeidi Araújo(orgs.). **Violência e exclusão: convivendo com paradoxos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

COUTO, Maria Aparecida Souza. **Violências e gênero no cotidiano escolar: estudo de caso em uma escola da rede estadual sergipana**. São Cristóvão, 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Núcleo de Pós-Graduação em Educação, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Universidade Federal de Sergipe, 2008.

CANDAU, Vera Lúcia; LUCINDA, Maria da Consolação; NASCIMENTO, Maria das Graças. **Escola e Violência**. Rio de Janeiro: DP e A, 2001.

CARVALHO, Maria do Carmo Brandt de ;PAULO NETTO, Jose. **Cotidiano: conhecimento e crítica**. São Paulo: Cortez, 1996.

CARVALHO, Nordson Gonçalves. **Assédio moral na relação de trabalho**. São Paulo: Rideel, 2009.

COSTA, Sérgio; WERLE, Denílson L. Reconhecer as diferenças: liberais, comunitaristas e as relações raciais no Brasil. In: SCHERER-WARREN. **Cidadania e multiculturalismo: a teoria social no Brasil contemporâneo**. Lisboa: Gráfica 2000, 2000.

COSTANTINI, Alessandro. **Bullying: como combatê-lo? Prevenir e enfrentar a violência entre os jovens**. São Paulo: Itália Nova, 2004.

CHARLOT, B. Prefácio. In: ABRAMOVAY, M (coord). **Cotidiano das escolas: entre violências**. Brasília: UNESCO, 2005 a.

CHARLOT, B. **Relação com o saber: formação dos professores e globalização**. São Paulo: Artmed, 2005 b.

CHIZZOTI, Antonio. O cotidiano e as pesquisas em educação. In: FAZENDA, Ivani. **Novos enfoques da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 2001.

CROCHÍK, José Leon. **Preconceito, indivíduo e cultura**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. São Paulo: editora. Verus-Campinas, 2005.

FANTE, Cleo; PEDRA, José Augusto. **Bullying escolar: perguntas e respostas**. São Paulo: Artmed, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GARCIA, Regina L.; ALVES, Nilda. A necessidade da orientação coletiva nos estudos sobre cotidiano- duas experiências. In: BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto (orgs). **A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação e escritas de teses e dissertações**. 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC; São Paulo: Cortez, 2006. P. 255-296.

GIRARD, René. **O bode expiatório**. São Paulo: Paulus, 2004.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1988.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira; SPOSITO, Marília Pontes. **Iniciativas de redução da violência escolar: O caso de São Paulo**. Disponível em: www.anped.org.br/reunioes/25/luizalbertogoncalvest03.rtf. Acesso em 21 ago. 2008

GUIMARÃES, Liliana A. M.; RIMOLI, Adriana Odalia. “Mobbing” (Assédio Psicológico) no trabalho: uma síndrome psicossocial multidimensional. **Revista Psicologia: teoria e pesquisa**. Universidade Católica Dom Bosco, SP, n.2, 2006. p.183-192.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

HIRIGOYEN, Marie-France. **Assédio moral: a violência perversa no cotidiano**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Editora 34, 2003, P. 213-268.

LAVILLE, Christian; DIONE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1999.

LIBÓRIO, Renata Maria Coimbra; CASTRO, Bernardo Monteiro de. Dialogando sobre preconceito, políticas de inclusão escolar e formação de professores. In: SILVA, Divino José da. LIBÓRIO, Renata Maria Coimbra (orgs.). **Valores, preconceito e práticas educativas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

MICHAUD, Yves A. **A violência**. São Paulo: Ática, 2001.

MIDDELTON-MOZ, Jane; ZAWADSKI, Mary Lee. **Bullying: estratégias de sobrevivência para crianças e adultos**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

NEVES, Paulo Sérgio da C. **Luta anti-racista: entre reconhecimento e redistribuição**. Rev. bras. Ci.Soc. Out 2005, vol. 20, no. 59, p.81-96. ISSN 0102-6909 (disponível em WWW.scielo.br)

OLWEUS, Dan. Bullying at school: tackling the problem. Dan Olweus Research Center for Helath Promotion, University of Bergen, Norway, March, 2001.

<http://oecdobserver.org/news/printpage.php/aid/434/bullying-at-school:tackling-the-problem.html%3E> Acesso em 15/10/2009.

PAULA, Fraulein Vidigal de; TARDELI, Denise D'Áurea (orgs.). **Violência na escola e da escola: desafios contemporâneos à psicologia da educação**. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, 2009.

PEARSON, Magna Sant'Anna Cabral. **Pau pau, pedra pedra: as palavras não me ferirão.... E como ferem!** São Paulo: Livro Pleno, 2005.

PENIN, Sonia Teresinha de Sousa. **Cotidiano e escola**. São Paulo: Cortez, 1989.

PEREIRA, Beatriz Oliveira. **Para uma escola sem violência: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças**. Fundação Calouste Gulbenkian; Fundação para a Ciência e a Tecnologia; Ministério da Ciência e da Tecnologia, 2002.

Bullying, um crime nas escolas. Revista **ISTO É**, 3 de setembro de 2008, v 31, n 2026. P.56-59.

REZENDE, Antonio Muniz de. **Concepção fenomenológica da educação**. São Paulo: Cortez, 1990.

RUOTTI, Caren; ALVES, Renato; CUBAS, Viviane de O. **Violência na escola: um guia para pais e professores**. São Paulo: Andhep: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

SANTOS, Maria de Fátima Souza. Representações sociais e violência doméstica. In: SOUZA, Lídio de; TRINDADE, Zeidi Araújo (orgs.). **Violência e exclusão: convivendo com paradoxos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p.132-145.

SAWAIA, B. B. Uma análise da violência pela filosofia da alegria: paradoxo, alienação ou otimismo ontológico crítico? In: SOUZA, Lídio de; TRINDADE, Zeidi Araújo(orgs.). **Violência e exclusão: convivendo com paradoxos**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2004. p.21-42.

SILVA, Divino José da; LIBÓRIO, Renata Maria Coimbra (orgs.). **Valores, preconceito e práticas educativas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

SIMMONS, Rachel. **Garota fora do jogo: a cultura oculta da agressão entre meninas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

SMITH, K. Peter. Intimidação por colegas e maneiras de evitá-la. In: DEBARBIEUX, Eric; BLAYA, Catharine (Orgs.) **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília: UNESCO, 2002. p. 187-202.

SOUZA, Lídio de. Processos de categorização e identidade: Solidariedade, exclusão e violência. In: SOUZA, Lídio de; TRINDADE, Zeidi Araújo(orgs.). **Violência e exclusão: convivendo com paradoxos**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2004. p.57-74.

SOUZA, Lídio de; TRINDADE, Zeidi Araújo(orgs.). **Violência e exclusão: convivendo com paradoxos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

TARDELI, Denise D'Áurea. Aprender a conviver: a violência no ambiente escolar. In **Violência na escola e da escola: desafios contemporâneos à psicologia da educação**. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, 2009. p.103-112.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1990.

ZALUAR, Alba (org.). **Violência e educação.** São Paulo: Cortez, 1992.

APÊNDICES

Apêndice A - ROTEIRO DE ENTREVISTA

Professores/as, coordenação e funcionários

IDENTIFICAÇÃO:

Nome:

Idade:

Estado Civil:

Cargo:

Profissão:

Disciplina que ensina:

Turmas em que ensina:

Há quanto tempo está no Colégio de Aplicação:

QUESTÕES

1. Como você considera as relações no CODAP?
2. Você já presenciou ou soube de algum tipo de comportamento preconceituoso, apelidos maldosos e agressividade entre os alunos no CODAP?
3. Você se lembra de algum exemplo que esclareça a questão anterior?
4. O que leva um aluno a humilhar, agredir e desvalorizar um/a colega?
5. De um modo geral, qual é o perfil dos alunos/as do CODAP no relacionamento com os colegas?
6. Você já enfrentou algum tipo de desrespeito na sala de aula por algum aluno/a?

7. Como você resolveu o problema?
8. Já foi realizado algum trabalho no CODAP sobre relações humanas, *bullying* e respeito ao próximo?
9. De que maneira você acha que deveria ser trabalhado o tema “violência” com os alunos?
10. Os casos de agressividade e problemas entre os alunos são discutidos nas reuniões de professores?
11. Quais as suas sugestões para o CODAP?
12. Na sua opinião, o que é violência escolar?
13. O que você entende sobre Fenômeno *Bullying*?

Apêndice - B

Escola:

Nome do aluno (a):

Idade:

Turma:

Data:

Questionário:

Assinale com um X a resposta correta:

1) Você já foi ou é vítima de algum tipo de preconceito ou intimidação no CODAP?

() Sim

() Não

() Às vezes

2) Você é ou já foi vítima de algum desses problemas:

() Receber apelidos.

() Ser xingado(a) ou ser motivo de piada.

() Fazer fofocas ou contar mentiras a seu respeito.

() Quebrar ou pegar as suas coisas ou dinheiro.

() Ser empurrado(a), puxado(a) ou chutado(a).

3) Se sim, há quanto tempo você está incomodado(a) com a maneira como é tratado pelos seus colegas:

() Desde o início deste ano.

() Desde que entrei na escola.

() Não me sinto incomodado.

4) Nesse caso, de que sala são os(as) alunos(as) que implicam com você:

() Ninguém me incomoda.

() São da minha sala.

() São da mesma série, mas de outra sala.

() São mais velhos.

() São mais novos.

5) Quem costuma lhe provocar:

() Ninguém me incomoda.

() Meninos.

() Meninas.

Meninos e meninas.

6) Que tipo de provocação você está sendo vítima (pode marcar mais de uma resposta):

Nenhuma.

Apelidos maldosos.

Empurrões, murros e pontapés.

Não falam comigo, me desprezam.

Gozações por causa do cabelo, nariz, roupas e jeito.

Ser filmado(a) ou fotografado(a) sem a sua permissão.

Fazem outras coisas. Diga o quê:

7) Quantas vezes você sentiu-se incomodado(a) com brincadeiras de mau gosto na última semana:

nenhuma.

uma vez.

duas vezes.

3 ou mais vezes.

8) Quais são os lugares na escola em que as provocações acontecem com mais frequência:

Em nenhum lugar.

Na biblioteca.

No intervalo.

Na educação-física.

Na sala de aula, sem o professor.

Na sala de aula, com o professor.

Outro lugar.

9) Você contou para alguém sobre o que os meninos (as) estão fazendo com você:

Sim, para os meus familiares.

Sim, para o(a) professor(a).

Sim, para a coordenação.

Sim, para meus colegas.

Não, nunca contei para ninguém.

10) Alguém tentou ajudá-lo de alguma forma:

Sim

Não

11) Há colegas que lhe defende quando alguém mexe com você:

Ninguém me ajuda.

1 ou 2 meninos(as).

3 ou mais meninos(as).

12) O que você faz quando alguém implica com você?

Ignora as agressões.

Se defende.

Pede para pararem com as agressões.

Chora.

() Pede ajuda a algum adulto: Pais, professores, coordenadores, diretor, funcionário da escola, irmãos.

13)O que você faz quando alguém fica implicando com algum colega seu:

- () Nada, não é comigo.
- () Nada,mas acho que deveria ajudar.
- () Tento ajudar como posso.
- () Dou risada.
- () Conto para um adulto da escola.

14)Como você se sente estudando no CODAP?

- () Sozinho(a) e sem amigos(as).
- () Feliz e enturmado(a).
- () Não gosto, quero mudar de escola.
- () Triste, por causa dos apelidos e brincadeiras de mau gosto.

15)E você, seja verdadeiro(a), gosta de colocar apelidos, empurrar e implicar com seus colegas:

- () Sim, desde o ano passado implico com alguns colegas do colégio.
- () Sim, comecei a implicar com alguns colegas este ano.
- () Sim já impliquei com alguns colegas do colégio, porém, não implico mais.
- () Sim, implico com alguns colegas porque já fui maltratado(a) no colégio.
- () Não, nunca impliquei com nenhum colega do colégio.

16) Este espaço é seu, dê o seu depoimento ou deixe um recado.

17) Escreva alguma sugestão para os colegas que sofrem preconceitos no colégio:

18) Escreva alguma sugestão para as pessoas que maltratam, colocam apelidos e discriminam os colegas:

Apêndice C - ROTEIRO DE ENTREVISTA

Alunos

IDENTIFICAÇÃO:

Nome:

Idade:

Turma:

Data:

Há quanto tempo está no Colégio de Aplicação:

QUESTÕES

- 1) Como é o seu relacionamento com os seus colegas?
- 2) De que forma você é tratado (a) pelos seus colegas?
- 3) Existe alguma situação que você não gosta?
- 4) Você tem apelidos?
- 5) Como é para você ser aluno (a) do CODAP?

Apêndice D – TERMO DE CONSENTIMENTO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO- PARA ALUNOS

**BULLYING: um estudo de caso do fenômeno, com adolescentes do Colégio de
Aplicação de Sergipe.**

O objetivo desta pesquisa, que está sendo desenvolvida no Curso de Pós-Graduação e Pesquisa (Mestrado em Educação) – Núcleo de Pós-Graduação em Educação da UFS, é pesquisar um tipo de violência muito comum em todas as escolas, porém pouco estudada, que é o fenômeno *bullying*. Várias crianças são vítimas de apelidos, preconceitos e brincadeiras maldosas na escola e muitas vezes sofrem caladas, por vergonha e medo.

Gostaríamos de contar com a sua colaboração, durante aproximadamente, 30 minutos para que o (a) seu (sua) filho (a) menor possa responder a um questionário com várias questões sobre o tema e se necessário ser entrevistado (a) pela pesquisadora. A recusa em participar da pesquisa não acarretará qualquer prejuízo para o seu filho (a), e mesmo o seu filho (a) tendo respondido às questões e entrevista, o (a) senhor (a) poderá retirar o seu consentimento em qualquer fase da pesquisa.

Asseguramos que todas as informações fornecidas pelo (a) seu (sua) filho (a) terão como única finalidade o desenvolvimento desta pesquisa, garantindo-se o anonimato e sigilo das informações.

Acredita-se que os resultados obtidos possam ajudar na melhoria das relações entre os alunos na escola, através da implantação de programas de prevenção e combate à violência escolar, seja ela física ou moral.

De acordo com as informações acima, estamos solicitando sua autorização para a realização dessa pesquisa, após leitura do presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Contando com a sua colaboração, desde já agradecemos sua colaboração para a realização deste estudo.

Cordialmente,

Prof. Dr. Paulo Sérgio da Costa Neves (Orientador)
Gisele Millen Mendes (Psicóloga e mestranda em educação)

Assinatura do Pai ou responsável

Aracaju, de de
Apêndice E – TERMO DE CONSENTIMENTO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - PARA DOCENTES
E FUNCIONÁRIOS

**BULLYING: um estudo de caso do fenômeno, com adolescentes do Colégio de
Aplicação de Sergipe.**

O objetivo desta pesquisa, que está sendo desenvolvida no Curso de Pós-graduação e Pesquisa (Mestrado em Educação) – Núcleo de Pós-Graduação em educação da UFS, é pesquisar um tipo de violência muito comum em todas as escolas, porém pouco estudada, que é o fenômeno *bullying*. Várias crianças são vítimas de apelidos, preconceitos e brincadeiras maldosas na escola e muitas vezes sofrem caladas, por vergonha e medo.

Gostaríamos de contar com a sua colaboração, durante aproximadamente, 30 minutos a fim de participar de uma entrevista com questões sobre o tema. A recusa em participar da pesquisa não acarretará qualquer prejuízo. Mesmo tendo participado da entrevista o (a) senhor (a) poderá retirar o seu consentimento em qualquer fase da pesquisa.

Asseguramos que todas as informações fornecidas terão como única finalidade o desenvolvimento desta pesquisa, garantindo-se o anonimato e sigilo das informações.

Acredita-se que os resultados obtidos possam ajudar na melhoria das relações entre os alunos na escola, através da implantação de programas de prevenção e combate da violência escolar, seja ela física ou moral.

De acordo com as informações acima, estamos solicitando sua autorização para a realização dessa pesquisa, após leitura do presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Contando com a sua colaboração, desde já agradecemos sua colaboração para a realização deste estudo.

Cordialmente,

Prof. Dr. Paulo Sérgio da Costa Neves (Orientador)
Gisele Millen Mendes (Psicóloga e mestranda em educação)

Assinatura do Pai ou responsável

Aracaju, de de

Apêndice F – TERMO DE CONSENTIMENTO

DEPOIMENTOS DOS ALUNOS

16) Este espaço é seu, dê o seu depoimento ou deixe um recado.

Hoje, eu fiz uma coisa muito errada, uma montagem com uma menina, ela não gostou, ficou chorando e foi embora. Me senti muito mal, chorei, e estou arrependido, espero que ela fale comigo.

17) Escreva alguma sugestão para os colegas que sofrem preconceitos no colégio:

Eu acho que eles deveriam ignorar isso, porque com isso logo para.

18) Escreva alguma sugestão para as pessoas que maltratam, colocam apelidos e discriminam os colegas:

Não façam isso. Uma coisa que não agrada ninguém, e depois você se arrepende.

16) Este espaço é seu, dê o seu depoimento ou deixe um recado.

Gosto de estudar aqui, tenho amigos(as).
O único problema é que às vezes inventam coisas da gente e fico chateada quando mexem comigo e com meus amigos(as).

17) Escreva alguma sugestão para os colegas que sofrem preconceitos no colégio:

Acho que eles devem encarar isso e tomar uma providência (falando para os adultos).

18) Escreva alguma sugestão para as pessoas que maltratam, colocam apelidos e discriminam os colegas:

Eu diria pra eles paraem com isso, porque tenho certeza que se fosse com eles, certeza não iam atuar!!

16) Este espaço é seu, dê o seu depoimento ou deixe um recado.

É normal as pessoas colocarem apelidos umas nas outras até mesmo em amigos. Mas às vezes passam um pouco dos limites e eu me sinto mal só que nunca cheguei a ficar triste já que os apelidos que levo são só brincadeira e não são tão grandes.

17) Escreva alguma sugestão para os colegas que sofrem preconceitos no colégio:

Primeiro é só ignorar e pedir para parar, caso não o faça aí sim é melhor avisar aos pais ou a coordenação.

18) Escreva alguma sugestão para as pessoas que maltratam, colocam apelidos e discriminam os colegas:

Simplesmente essas pessoas não gostariam que fosse com elas e é bom se colocar no lugar do outro.

16) Este espaço é seu, dê o seu depoimento ou deixe um recado.

Bem eu entrei no CODAP esse ano e percebi que tem algumas brincadeiras de mal gosto, que as pessoas não gostam, mas o colégio é muito bom e mesmo com as brincadeiras se damos,
(E COMO!)

17) Escreva alguma sugestão para os colegas que sofrem preconceitos no colégio:

Não liquem e tentem conversar com os colegas para parar. ;D

18) Escreva alguma sugestão para as pessoas que maltratam, colocam apelidos e discriminam os colegas:

Pararem com isso! Vocês não sabem o quanto isso magoa!



16) Este espaço é seu, dê o seu depoimento ou deixe um recado.

Eu acho que certas brincadeiras e apelidos são normais da idade, porém agressão e apelidos em excesso podem causar problemas.

17) Escreva alguma sugestão para os colegas que sofrem preconceitos no colégio:

Seja na esportiva!

18) Escreva alguma sugestão para as pessoas que maltratam, colocam apelidos e discriminam os colegas:

Observe os seus defeitos e aceite o dos cole

16) Este espaço é seu, dê o seu depoimento ou deixe um recado.

Eu já fui vítima e superei, pois tive determi-
nação suficiente, me impus mostrei que sou
igual a eles e que neste mundo nos temos que
respeitar uns aos ~~outros~~ outros. E vejo hoje mi-
nho Amigo vítima desse mal, Karen.

17) Escreva alguma sugestão para os colegas que sofrem preconceitos no colégio:

Se impoam mostrando sua personalidade
que para os apelidos acabaram vocês tem que
dar um chega pra lá.

18) Escreva alguma sugestão para as pessoas que maltratam, colocam apelidos e discriminam os colegas:

Pararem com isso !!!
Z

16) Este espaço é seu, dê o seu depoimento ou deixe um recado.

Quando entrei no colégio era tachado de gay, de baleia. De vez em quando sumia algo meu.

Quando contei para minha mãe ela veio na escola e se clamou, os agressores foram suspensos e quando voltaram ficou pior a situação.

17) Escreva alguma sugestão para os colegas que sofrem preconceitos no colégio:

Não se deixem abalar por ofensas e se possível conte para alguém o seu caso (de preferência os pais ou a coordenação).

18) Escreva alguma sugestão para as pessoas que maltratam, colocam apelidos e discriminam os colegas:

Não façam, isso incomoda, magoa e faz com que a pessoa queira sair da escola por motivo de vergonha.

16) Este espaço é seu, dê o seu depoimento ou deixe um recado.

Ja sofri preconceito por causa da minha cor, hoje não sofro mais com esse tipo de preconceito. Mas me sinto sozinho, sem muitos amigos.

17) Escreva alguma sugestão para os colegas que sofrem preconceitos no colégio:

Tentar resolver da forma mais realizada possível.
É tentar não sofrer com isso

18) Escreva alguma sugestão para as pessoas que maltratam, colocam apelidos e discriminam os colegas:

Que deixem de besteira, que eles são seres humanos também. E se fossem eles que tivessem sendo vítima de discriminação, eles iriam gostar.

16) Este espaço é seu, dê o seu depoimento ou deixe um recado.

Eu não sofro preconceitos, mas as vezes sinto só, sem amigos de verdade aqueles pra poder contar sempre! Na verdade eu até tenho amigos verdadeiros, não sei porque que as vezes sinto

17) Escreva alguma sugestão para os colegas que sofrem preconceitos no colégio:

Não se deixar abater com essas coisas, porque não tem certeza que quem está fazendo isso é uma pessoa bem ruim com que deve estar ter algum problema e conversa com outras pessoas. E você deve ser bem melhor que ele!

18) Escreva alguma sugestão para as pessoas que maltratam, colocam apelidos e discriminam os colegas:

Pararam de fazer isso porque mesmo sem perceber, você está magoando profundamente alguém.

16) Este espaço é seu, dê o seu depoimento ou deixe um recado.

Eu, sou uma pessoa enturmada e com vários amigos nunca fui vítima do Bullying, às vezes sou zoadada, pelo fato de ser CDF, mas nem liço é tudo brincadeira, às vezes zoco alguém, mas também não é por mal.

17) Escreva alguma sugestão para os colegas que sofrem preconceitos no colégio:

aqui na sala, tem algumas pessoas que sofrem de bullying, confesso que já vi de alguma delas, eu acho engraçado, mas sei que pra quem sofre não é legal, eu queria que eles não fossem mas vítima, mas não sou eu que pratico bullying eu apenas fico assistindo e acho engraçada.

18) Escreva alguma sugestão para as pessoas que maltratam, colocam apelidos e discriminam os colegas:

que eles pegassem leve na mangação, pq isso não é legal.

16) Este espaço é seu, dê o seu depoimento ou deixe um recado.

Curta sua vida o máximo que poder e nunca se arrependa dos bons atos que cometeu.

17) Escreva alguma sugestão para os colegas que sofrem preconceitos no colégio:

Tente resolver seus problemas com ajuda de alguém que seja um bom exemplo para você se essa pessoa realmente for um bom exemplo ajudará você da melhor forma.

Não faça o que essas pessoas fazem com você isso só quer dizer que você é pior que ele.

18) Escreva alguma sugestão para as pessoas que maltratam, colocam apelidos e discriminam os colegas:

A vida no colégio é um aprendizado longe dos pais que serve para formar opiniões e aprender com os próximos. Se você perde esse tempo você será apenas um adulto idiota.

16) Este espaço é seu, dê o seu depoimento ou deixe um recado.

Não importa o tipo de violência, é violência de qualquer maneira, e isso é errado.



Paz,
faça esta palavra
acontecer

17) Escreva alguma sugestão para os colegas que sofrem preconceitos no colégio:

Devem ficar na sua residência e depois informar a algum responsável.

18) Escreva alguma sugestão para as pessoas que maltratam, colocam apelidos e discriminam os colegas:

Por favor, parem que eu sei que vocês não gostam de serem tratados desse jeito, então não trate os outros assim.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)